

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
PATRIMÔNIO CULTURAL

Márcia Della Flora Cortes

**TURISMO CULTURAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO
ACERVO RARO DA BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE**

Santa Maria, RS
2016

Márcia Della Flora Cortes

TURISMO CULTURAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO ACERVO RARO DA
BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração História e Patrimônio Cultural, Linha de pesquisa Patrimônio Material, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ribeiro

Santa Maria, RS
2016

Ficha catalográfica

C828t Cortes, Márcia Della Flora
Turismo cultural: contribuições para a preservação da
memória do acervo raro da Bibliotheca Pública Pelotense /
Márcia Della Flora Cortes. Santa Maria, 2016.
192 f. : il.

Orientador: Marcelo Ribeiro
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2016.

1. Bibliotecas. 2. Obras raras. 3. Turismo cultural. 4.
Patrimônio cultural. 5. Bibliotheca Pública Pelotense.
Ribeiro, Marcelo. II. Título.

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Márcia Della Flora Cortes – CRB10/1877

Márcia Della Flora Cortes

**TURISMO CULTURAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO ACERVO RARO DA
BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de Concentração História e Patrimônio Cultural, Linha de pesquisa Patrimônio Material, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Aprovado em 23 de maio de 2016:

Marcelo Ribeiro, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Carlos André Echenique Dominguez, Dr. (UFPEL)

Claudio Renato Moraes da Silva, Dr. (FURG)

Santa Maria, RS
2016

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria, à secretaria de curso e todos os setores, em especial a Biblioteca Central que nos proporciona os suportes essenciais para complementar o aprendizado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, em especial ao meu orientador Marcelo Ribeiro pela oportunidade em usufruir um pouco de sua sabedoria, pela dedicação, prestatividade de sempre e confiança.

À minha família pelo incentivo, carinho, dedicação e compreensão.

À Bibliotheca Pública Pelotense e todos os funcionários, em especial ao historiador Daniel Barbier, pela atenção e contribuição.

Aos amigos queridos Eliane Felden, Rute, Joice, Laís, Salete e Álvaro que leram meu trabalho e contribuíram para qualificar a minha dissertação, realizando sugestões. Em especial ao querido Pólis Pouey, Andréia, Diego, Anay, Helena, e Luísa pelo carinho.

Agradeço a todos os amigos queridos que compreenderam quando eu não pude estar presente e todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desse trabalho.

A todos, minha sincera gratidão.

RESUMO

TURISMO CULTURAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO ACERVO RARO DA BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE

AUTORA: Márcia Della Flora Cortes

ORIENTADOR: Marcelo Ribeiro

Esta pesquisa tem como foco de investigação o turismo cultural no âmbito do acervo de obras como uma forma de oportunizar o público visitante de instituições bibliotecárias em conhecer seu patrimônio bibliográfico, o que acarreta na preservação da memória do acervo. O estudo tem como lócus de análise a Bibliotheca Pública Pelotense e objetiva: averiguar o interesse dos visitantes presentes no evento “Dia do Patrimônio” em conhecer seu acervo raro, analisar os possíveis impactos ocasionados pelo desenvolvimento do turismo no âmbito do acervo de obras raras e analisar o potencial turístico, cultural e literário desse acervo. O trabalho constitui-se em uma pesquisa qualitativa e quantitativa, em que foram utilizados questionários com visitantes da biblioteca pelotense, escolhidos de forma aleatória, e entrevistas com um roteiro semi-estruturado realizadas com um historiador atuante na biblioteca e com bibliotecárias da Biblioteca Nacional do Brasil responsáveis pela coordenação de Acervo Especial e Divisão de Obras Raras. A pesquisa revelou que o acervo de livros raros da Bibliotheca Pública Pelotense desperta o interesse dos visitantes em conhecê-los, além de possuir diários de viagens que abordam pontos turísticos da cidade e com isso constituem um relevante patrimônio bibliográfico, que incentiva o turismo literário e ao mesmo tempo tornam-se produtos turísticos. Outro resultado do estudo indica que o turismo cultural em acervos raros expostos é um caminho para a preservação da memória e divulgação do acervo, estimulando no público em potencial o sentido de pertencimento e a querer pesquisar na biblioteca. A partir disso, depreende-se que o turismo cultural no âmbito do acervo de livros raros da Bibliotheca Pública Pelotense tem potencial e apesar de algumas dificuldades, a instituição busca preservar seu acervo e planeja futuramente, um novo espaço para as obras raras. Como produto dessa dissertação, criou-se uma caixa lego e um vídeo para promover o turismo cultural e literário na instituição a partir de seu patrimônio bibliográfico.

Palavras chave: Bibliotecas. Obras raras. Turismo cultural. Preservação da memória. Turismo literário. Patrimônio cultural. Bibliotheca Pública Pelotense.

ABSTRACT

PATRIMÔNIO CULTURAL: BIBLIOTHECA PÚBLICA DE PELOTAS E O TURISMO CULTURAL

AUTHOR: Márcia Della Flora Cortes

ADVISOR: Marcelo Ribeiro

This research is focused on cultural tourism in the scope of book collections as a way to provide an opportunity for the visiting public to know the bibliographic heritage of librarian institutions, resulting in the preservation of the memory of rare books. The study has as the root locus the Public Bibliotheca Pelotense and the objective: to explore the interest of visitors present at the "Heritage Day" to meet its rare collection, analyze the possible impacts caused by the development of tourism under the rare books collection and analyze the tourism, cultural and literary potential of this collection. The work is in a qualitative and quantitative research, in which questionnaires were used with visitors from the bibliotheca pelotense, chosen randomly, and semi-structured interviews were conducted with an active historian in the library and librarians of the National Library of Brazil responsible for coordinating the Special Collection and Rare Books Division. The research revealed that the collection of rare books of the Public Bibliotheca Pelotense awakens the interest of visitors to meet it, as well as having daily diaries of trips that address sights of the city and thus a relevant bibliographic heritage, which encourage literary tourism and at the same time become touristic products. Another result of the study indicates that cultural tourism in exposed rare collections is a way to preserve the memory and disclosure of assets, stimulating in the potential audience the sense of belonging and desire to search the library. From this, it appears that cultural tourism in the collection of rare books of the Public Bibliotheca Pelotense has potential and despite some difficulties, the institution seeks to preserve its collection and plans in the future, a new space for rare works. As a product of this dissertation, was created one lego box and a video to promote the cultural and literary tourism in the institution from its bibliographical heritage.

Keywords: Libraries. Rare books. Cultural tourism. Preservation of memory. Literary tourism. Cultural Heritage. Bibliotheca Pública Pelotense.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Turismo entre Pelotas e Piratini, no século XIX	68
Figura 2– O regionalismo gaúcho que estimula o turismo literário em João Simões Lopes Neto	79
Figura 3 - Roteiro turístico em Pelotas	80
Figura 4 - Museu Sherlock Holmes	83
Figura 5 - Museo Casa Natal de Cervantes	84
Figura 6 - Análise do mercado: público de bibliotecas	92
Figura 7- Réplica de uma “pelota”, na Charqueada Santa Rita.....	111
Figura 8 - Reflexão sobre a necessidade de uma biblioteca em Pelotas	114
Figura 9 - Instalação da Bibliotheca Pública Pelotense.....	117
Figura 10 - Criação do estatuto da sociedade literária “Culto às letras”	118
Figura 11 - Solicitação da Bibliotheca Pública Pelotense para doação de livros	119
Figura 12 - Publicação de serviços prestados à população e livros ofertados	120
Figura 13 - Conferencia realizada pelo escritor João Simões Lopes Neto.....	120
Figura 14 - Notícia sobre uma festa realizada nos salões da Bibliotheca Pública Pelotense.....	121
Figura 15 - Fachada da Bibliotheca Pública Pelotense	122
Figura 16 - Instituições que se correspondiam com a Bibliotheca Pública Pelotense	123
Figura 17 - Obra de Auguste de Saint-Hilaire, no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trajetórias de políticas e ações em prol da cultura no Brasil	28
Quadro 2 - Características das obras quanto a capa, encadernações, decorações das encadernações, do século XV ao século XIX.	57
Quadro 3 - Características das obras quanto a ilustrações do século XV ao século XIX.	58
Quadro 4 - Características das obras quanto a folha de rosto, marca tipográfica e nota de edição do século XV ao século XIX.....	59
Quadro 5 - Tópicos da entrevista realizada com historiador da Bibliotheca Pública Pelotense	138
Quadro 6 - Tópicos das entrevistas realizadas com bibliotecárias da Fundação Biblioteca Nacional.....	151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Local de residência dos visitantes da Bibliotheca Pública Pelotense, no Dia do Patrimônio.....	125
Gráfico 2 - Comparativo entre o número de visitantes da Bibliotheca Pública Pelotense por estado	126
Gráfico 3 - Turismo em bibliotecas: número de pessoas que já visitaram alguma biblioteca, além da Bibliotheca Pública Pelotense com intuito de turismo.	127
Gráfico 4 - Motivos que provocaram o turismo em bibliotecas.....	129
Gráfico 5 - Visitantes que sabem a existência de obras raras na Bibliotheca Pública Pelotense	131
Gráfico 6 - Visitantes que conhecem uma obra rara	131
Gráfico 7 - Motivações que poderiam levar os visitantes a praticar turismo em uma biblioteca.....	133
Gráfico 8 - Visitantes que sentem-se motivados a praticar o turismo literário	134
Gráfico 9 - Relação entre os que se sentem motivados ao turismo literário e o grau de instrução.....	135
Gráfico 10 - Relação entre os que não se sentem motivados ao turismo literário e o grau de instrução.....	136
Gráfico 11 - Nível de instrução dos respondentes.....	136
Gráfico 12 - Faixa etária dos visitantes	137
Gráfico 13 - Relação de Obras raras e valiosas consultadas de 2013 à 2015.....	149

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Livrarias e tipografias no Rio de Janeiro do século XIX	56
Tabela 2 - Obras que retratam Pelotas e inspiram o turismo literário	81
Tabela 3 – Grau de instrução da população da Parochia de São Francisco de Paula de Pelotas de 1872.	114
Tabela 4 - População escolar de 6 a 15 anos que frequentou escolas em 1872. ...	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AH	Arquivo Histórico
BN	Fundação Biblioteca Nacional do Brasil
BPP	Bibliotheca Pública Pelotense
CDOV	Centro de Documentação e Obras Valiosas
CNRC	Centro Nacional de Referência Cultural
CPBN	Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional
FLIP	Festa Literária Internacional de Paraty
FNPM	Fundação Nacional Pró-Memória
FUGENTUR	Fundo Geral do Turismo
FUNARTE	Fundação Nacional de Arte
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento das Cidades Históricas
PCH	Programa das Cidades Históricas
PLANOR	Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras
PNC	Plano Nacional de Cultura
PNT	Plano Nacional do Turismo
SNC	Sistema Nacional de Cultura
SPAN	Serviço de Patrimônio Artístico Nacional
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PATRIMÔNIO CULTURAL	17
2.1	ANTECEDENTES HISTÓRICOS SOBRE O PATRIMÔNIO	20
2.1.1	Políticas públicas patrimoniais no Brasil	24
2.2	PRÁTICAS CULTURAIS	34
2.3	EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	38
3	OBRAS RARAS	43
3.1	BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO LIVRO	45
3.2	EXPOSIÇÕES DE OBRAS RARAS	61
4	TURISMO	65
4.1	TURISMO CULTURAL.....	69
4.2	TURISMO LITERÁRIO	75
5	MARKETING APLICADO EM BIBLIOTECAS	87
5.1	ANÁLISE DO PÚBLICO DE BIBLIOTECAS	90
5.2	ORIENTAÇÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO	92
5.3	SEGMENTAÇÃO	93
5.4	ESTRATÉGIAS DE MARKETING: um enfoque promocional.....	96
6	METODOLOGIA	105
6.1	CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	105
6.1.1	Instrumentos de coleta de dados	106
6.1.2	Tipologia da pesquisa	109
7	ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES	111
7.1	PELOTAS: contexto histórico	111
7.1.1	O surgimento de um patrimônio: Bibliotheca Pública Pelotense	113
7.2	DIA DO PATRIMÔNIO: análise dos questionários	124
7.3	POTENCIAL DE INSERÇÃO DO TURISMO CULTURAL NA BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE: análise da entrevista	137
7.4	EXPOSIÇÕES E TURISMO CULTURAL NA BIBLIOTECA NACIONAL: análise de entrevistas	150
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
	REFERÊNCIAS	171
	APÊNDICE A - PRODUTO FINAL: CAIXA LEGO	181
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS VISITANTES DA BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE NO DIA DO PATRIMÔNIO	182
	APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM HISTORIADOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE	185
	APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A COORDENADORA DE ACERVO ESPECIAL (E1) E A CHEFE DA DIVISÃO DE OBRAS RARAS (E2) DA BIBLIOTECA NACIONAL	188
	ANEXO A – TÉCNICAS OBSERVADAS EM EXPOSIÇÕES NA BN	191

1 INTRODUÇÃO

A biblioteconomia, durante os últimos anos, vem sendo pensada por profissionais da ciência da informação principalmente pelos aspectos ligados às novas tecnologias, que provocam diversas transformações em seu cotidiano de trabalho. Entretanto, pouco se observa na literatura específica a discussão de novas alternativas que busquem desenvolver um olhar crítico e sensível, além de estimular o desenvolvimento de práticas culturais que contribuam para preservar e disseminar a memória de acervos raros.

As transformações sociais e tecnológicas ocorridas a partir do século XIX, decorrentes da revolução tecnológica, aceleraram a propagação do conhecimento e mudaram completamente a forma de produção bibliográfica. Como resultado desse novo processo, temos a produção em série de livros, que praticamente aniquilou em sua materialidade a originalidade e autenticidade presentes em obras criadas em séculos anteriores, entretanto, democratizou o acesso ao conhecimento. Dessa forma, há uma deficiência quanto a estruturação de um livro realmente belo, pela falta de apreço do público e pela excelência de sua fabricação.

O questionamento inicial, que deu origem a essa dissertação de mestrado, partiu de uma reflexão sobre a atuação das bibliotecas, buscando ampliar a visibilidade de acervos, em especial o de obras raras, e com isso oportunizar o público em conhecer o patrimônio bibliográfico e documental, torná-lo conhecido, reconhecido e valorizado pela sociedade. Diante de seu potencial, que, no entanto, não é devidamente explorado por algumas instituições, o incremento do turismo cultural possibilita reafirmar o espaço da biblioteca como um lugar de memória, onde se originam práticas culturais que contribuam para a difusão do conhecimento à coletividade humana.

Ademais, há uma carência de atividades que possibilitem aos indivíduos desfrutar de expressões artísticas e culturais e que paralelamente permitam a interação dos visitantes com o universo da literatura e leitura. A obra rara exposta cumpre com essa finalidade e abre um leque de possibilidades quanto à divulgação do acervo raro como, por exemplo, diários de viagens. Além disso, podem instigar o turismo literário cultural nos visitantes e o gosto pela apreciação.

Temos então a possibilidade de agregar o turismo em bibliotecas, que fazem parte da história de uma cidade, que além da estrutura arquitetônica, possuem um acervo rico e variado. Diante dessa reflexão e considerando-se a Bibliotheca Pública Pelotense (BPP) como um espaço imponente pelo seu acervo, por sua arquitetura e pelo seu valor histórico e cultural à sociedade, esta instituição foi escolhida como objeto de pesquisa desse estudo.

Com isso, a BPP oportuniza seus visitantes em conhecer o acervo de obras raras e especiais e, é passível de turismo cultural? Para responder a essa questão, traçamos como objetivo geral analisar a potencialidade de inserção do acervo raro e especial da BPP no âmbito do turismo cultural e como objetivos específicos:

- Analisar o potencial turístico, cultural e literário do acervo da BPP e de que forma o acervo raro pode ser oferecido como um produto turístico;
- Analisar os possíveis impactos ocasionados pelo desenvolvimento do turismo no âmbito do acervo de obras raras;
- Investigar o interesse dos visitantes da BPP em conhecer tal acervo;

Neste trabalho, os suportes da informação, em especial os livros raros, são entendidos como patrimônios culturais, pois representam e pertencem a coletividade humana. Dessa forma, são suportes materiais indispensáveis para que a cultura seja transmitida e com isso, a imaterialidade do conhecimento confere valor ao bem material e vice-versa.

Para a realização dessa pesquisa, contatou-se com a BPP objetivando conhecer o funcionamento do setor de obras raras e valiosas, o acervo bibliográfico existente e os dados históricos que evidenciam a sua importância. Nessa mesma instituição, coletaram-se dados através de uma entrevista a um dos profissionais da instituição e por meio de questionários aplicados aos visitantes da biblioteca no evento “Dia do Patrimônio” sobre o interesse e potencial atrativo das obras raras.

Ainda, para concretizar a pesquisa buscou-se compreender os possíveis impactos do turismo sobre a exposição de obras raras. Para isso, contatou-se com a Fundação Biblioteca Nacional do Brasil (BN) para realizar-se entrevistas com as responsáveis pela coordenação da seção de obras especiais e divisão de obras raras. Assim, coletaram-se dados que mostram a relevância das exposições de obras raras, os cuidados necessários, e os impactos que geram.

Nesse sentido, com intuito de promover o turismo cultural e literário a partir do patrimônio bibliográfico da BPP realizou-se a criação de dois produtos: uma caixa de

madeira em formato de lego e um vídeo. Tais produtos são uma pequena amostra da memória coletiva guardada na instituição, além de ser um meio de divulgar obras raras presentes em seu acervo contribui para o fortalecimento desses bens no imaginário coletivo, bem como a constituição de contornos simbólicos sobre esse patrimônio.

A estrutura dessa dissertação foi construída em seis capítulos, descritos a seguir:

O primeiro capítulo apresenta os objetivos do trabalho, o problema, a delimitação do tema e as razões para a sua elaboração. Procurou-se sinteticamente apontar a sua importância e relevância.

O segundo capítulo traz concepções sobre a cultura e o Patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial que fundamentam o sentido de preservação de obras raras e explana, de forma breve, a história do patrimônio. Aponta-se também o patrimônio como uma construção social, que expressa a identidade do povo e representa seus valores. O capítulo apresenta as políticas públicas culturais no Brasil e destaca a maneira descontínua e instável com que ocorreram. Além disso, será explanado sobre práticas culturais e educação patrimonial como uma metodologia de valorização do patrimônio cultural.

O terceiro capítulo está ligado a todos os outros, apresenta as obras raras e a fim de destacar os critérios que lhes conferem raridade, é necessário abordar aspectos históricos sobre a evolução do livro. Nesse capítulo, é possível compreender a forma de produção das obras e porque podem ser consideradas objetos de arte, como peças de museus. Além disso, são apresentados cuidados e algumas considerações propostas por autores para a realização de exposições de obras raras.

O quarto capítulo contém o cerne da pesquisa, aborda o turismo em seus aspectos históricos e como um fenômeno sociocultural capaz de gerar benefícios à sociedade, inclusive em bibliotecas. O turismo cultural é apresentado como um segmento do turismo praticado por pessoas que entram em contato com a cultura de um local e adquirem uma experiência autêntica. Também procura-se discutir o turismo literário, a fim de apontar mais uma possível vertente do turismo cultural, que ocorre a partir do patrimônio bibliográfico literário de autores como João Simões Lopes Neto e Auguste de Saint-Hilaire. Dessa forma, a literatura é um vetor capaz

de instigar a imaginação dos leitores e promover o seu deslocamento até determinado local, configurando o turismo literário cultural.

O quinto capítulo, na perspectiva de contribuir com ações que promovam e divulguem o patrimônio das bibliotecas, bem como exposições de obras raras que podem ser realizadas, aborda o marketing. Nesse capítulo são apontados os objetivos do marketing em exposições, a análise do público em bibliotecas para conhecer as suas necessidades e desejos de informação. Também são explanadas as formas de segmentar o público para melhor atendê-lo e as estratégias de como atingi-lo.

O sexto capítulo apresenta a proposta metodológica utilizada para verificar as hipóteses e alcançar os objetivos do trabalho, bem como os procedimentos metodológicos aplicados para a obtenção dos dados, como questionários e entrevistas. Para complementar, abordaram-se conceitos relacionados aos instrumentos de coleta de dados no contexto do turismo e também se explanou sobre a tipologia da pesquisa.

O sétimo capítulo gira em torno da análise e discussão dos dados coletados através dos questionários aplicados e das entrevistas realizadas, considerando-se também a observação no local de pesquisa. A fim de reforçar os dados, são também empregados gráficos que demonstram a relação entre o turismo e o interesse dos visitantes da BPP no Dia do Patrimônio por obras raras.

Por fim, apresenta-se no oitavo capítulo as considerações finais, onde são analisados os resultados obtidos. Concluiu-se o potencial turístico do acervo bibliográfico raro que contempla entre suas obras diversos diários de viagens, que podem despertar ainda o turismo literário. Constatou-se também o interesse dos visitantes em conhecer obras raras, o que indica sua potencialidade como um produto turístico. O acervo raro exposto, portanto, é um caminho para a preservação da memória e por encerrar um patrimônio, deve ser conhecido por todos os visitantes da BPP.

2 PATRIMÔNIO CULTURAL

O conceito de patrimônio cultural compreende todos os bens, materiais e imateriais, naturais ou construídos, que o homem possa acumular e transmitir às futuras gerações. Esses bens que constituem o patrimônio guardam em si referências da identidade local, composto por um conjunto de elementos e valores, seja estético, artístico, documental ou outros, que com o passar do tempo adquirem contornos simbólicos. Um fato histórico, personificado através de um bem, constitui-se em patrimônio à medida que representa e identifica-se com a sociedade que o criou.

Entretanto, nem sempre um bem é construído com a finalidade de vir a ser um patrimônio. Nesse caso, torna-se relevante, tanto pela representação quanto pela função que exerce para a sociedade, no momento e contexto histórico em que surgiu. Em vista disso, afirma-se que o patrimônio é uma construção social legitimado pela sociedade que permite investigá-lo e aproximar o passado do presente.

A concepção de patrimônio evoluiu ao longo dos anos, assumindo diversos sentidos e atributos que foram se agregando e moldando até os dias de hoje. Atualmente, a pluralidade de identidades nacionais desperta o interesse de diversas pessoas em conhecer a diversidade cultural existente nos lugares mais longínquos ou tidos como exóticos. Nesse contexto, o turismo tem contribuído como um fenômeno socioeconômico, preocupado com a sustentabilidade e preservação dos vários tipos de patrimônio.

Preservar o patrimônio cultural dos sujeitos históricos locais significa conservar as raízes culturais comunitárias facilitando a criação de laços de afetividade que desencadeiam o sentimento de pertencimento e a reafirmação da sua identidade, na qual a cultura figura como atrativo para o turismo. Dessa forma a relação entre patrimônio e cultura é indissociável, transformando-se na essência do turismo cultural.

O conceito de cultura, para Meneses (1996, *apud* BRUSADIN, p. 36, 2012) é dividido em quatro acepções:

- A primeira acepção aborda a cultura como o universo passível de escolha, de seleção e opção;

- A segunda acepção assinala que a cultura é construída historicamente, carregada de significados, sentidos e valores e por isso devem ser explicados e propostos;

- A terceira acepção concebe que o valor cultural é resultado de relações sociais, e, portanto, não está nas coisas e sim no que as relações produzem;

- A quarta acepção diz que as políticas culturais deveriam se referir a totalidade da experiência social, de forma ampla, e não se restringir a alguns segmentos privilegiados.

Carrasco e Nappi (2009, p. 46) compactuam com essa visão apontando que a cultura, no âmbito do patrimônio cultural, sob o ponto de vista antropológico compreende além do “produto do fazer”, os modos de como “criar, fazer e viver” e destaca que o patrimônio cultural resulta das “formas de expressão humana em sua plenitude”. Ou seja, o pensamento humano, a mentalidade, o conhecimento, a forma como se realiza uma prática cultural e os aspectos simbólicos de uma época são vitais para enriquecer os estudos sobre sua cultura.

Cultura é uma palavra de origem latina, oriunda do termo *colere*, que significa cultivar, referia-se ao cultivo de terra e gado. Esse termo remonta a Idade Média e durante muitos anos seu conceito perdurou, até que no século XVIII, com o iluminismo, o uso da razão, dos pensamentos filosóficos, da sociologia e de outras ciências, o homem começou a questionar e debater o real sentido da cultura, abordado em duas correntes, a relativista e a universalista.

O antropólogo Edward Tylor foi o primeiro estudioso a definir cultura sob a ótica antropológica, sua percepção compreende todas as realizações humanas e corresponde aos hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade, tais como os elementos expressos em crenças, costumes e artes. Ainda, abrange os elementos que expressam o modo de ser do homem, como a maneira de pensar, agir e sentir, tanto no plano material quanto no plano imaterial. (LARAIA, 2009).

Posteriormente a Edward Tylor vários estudiosos e antropólogos como Mikhail Bakhtin e Pierre Bourdieu criaram versões para a definição de cultura, e embora apresentem diferenças, as ideias não se contrapõem.

Mikhail Bakhtin, pensador russo, desenvolveu a teoria da cultura popular cômica e explora em sua obra “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” a maneira como a cultura popular influencia na literatura e também o contrário. Nesta obra ele trata o carnaval como

um conjunto de manifestações da cultura popular que utiliza uma linguagem simbólica que é transportada para a literatura. Ainda, nos faz refletir a literatura como um elemento dinâmico e enraizado na cultura popular. Conforme o autor, o carnaval possibilita uma inversão de simbologias, em que excluídos ridicularizam os poderes existentes, pelo riso ou informalidades. Ele discorre sobre o social, o histórico e o cultural como elementos inerentes à estética. (DUARTE, 2008).

Bourdieu (1975), com uma visão apontada para o conjunto social, aborda que a cultura é reproduzida socialmente uma vez que há uma distância e diferença entre o modo de fazer e de agir dos indivíduos. Em decorrência disso, as pessoas possuem gostos e práticas culturais diferentes.

Para Canclini (1994), alguns elementos vistos como hostis ao processo de desenvolvimento do patrimônio cultural, tais como o turismo, são na verdade, meios que contribuem para repensarmos o conceito de patrimônio histórico e de identidade nacional, uma vez que são essenciais para a existência dos bens históricos. Além disso, colaboram para a democratização do acesso ao conhecimento, ao atuarem como meios de valorização e conseqüentemente reconhecimento do patrimônio cultural pela sociedade detentora dos bens.

Dias (2006), diz que o patrimônio cultural representa a identidade cultural de uma comunidade, ao delimitar traços comuns aos quais pertence um determinado grupo. Os membros deste grupo, ligados pelas mesmas características, compartilham de simbologias que os identificam, e ao mesmo tempo, os diferencia de outras comunidades.

Esse mesmo autor (DIAS, 2006, p. 73) afirma de forma contundente que “a definição de patrimônio, além dos valores históricos, artísticos, científicos, educativos e políticos, incorpora outros, que se relacionam com o território e com a construção da identidade cultural de uma população”. Com isso, pode-se dizer que a comunidade tem o poder de eleger simbolicamente o que representa a sua identidade. Para Brusadin (2012, p. 36)

A palavra patrimônio tem vários significados. O mais comum é conjunto de bens que uma pessoa ou entidade possui, mas que, transportado a dado território, passa a ser o conjunto de bens que estão dentro de seus limites de competência administrativa. Dessa forma, o patrimônio pode ser classificado por duas grandes divisões: natureza e cultura. Patrimônio natural são as riquezas que estão no solo e subsolo, tanto as florestas como as jazidas. Quanto ao patrimônio cultural, esse conceito vem sendo ampliado na medida em que se revisa o conceito de cultura.

A cultura, portanto, é expressa em diversos sentidos e paralelamente, o patrimônio cultural reflete o legado deixado pelos povos, seja através de bens tangíveis ou intangíveis, que fazem parte do cotidiano das pessoas e constituem elementos singulares da cultura nacional. Dessa forma, com a ampliação do significado de cultura, o patrimônio passou a abarcar além de obras monumentais, o conhecimento, as experiências sociais, hábitos, usos e costumes presentes na memória¹ individual e coletiva.

2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS SOBRE O PATRIMÔNIO

O patrimônio originou-se nas antigas civilizações onde os bens eram passados de pai para filho na estrutura social denominada patriarcalismo. De acordo com Funari e Pelegrini (2006), *patrimonium* referia-se a tudo aquilo que pertencia ao pater ou pater famílias e, portanto, o patrimônio tinha carácter privado. Tal situação mantinha o poder e os bens em mãos dos mesmos, os patriarcas, acarretando desta forma, que a maioria da população fosse desprovida de direitos e posses, não havendo, portanto, a devida compreensão do significado de patrimônio.

No entanto, a Revolução Francesa trouxe novas ideologias quanto a delimitação do território nacional, era preciso criar uma identidade que representasse através do patrimônio a sociedade, então a partir daí o patrimônio passou a ter carácter coletivo.

Na Europa, durante o século VI a XV, a aristocracia e a igreja foram expoentes máximos, únicos detentores e representantes do patrimônio cultural. Na Idade Média, o culto ao religioso apresentou à população o sentido de posse, que ao valorizar relíquias e catedrais criou o entendimento de patrimônio coletivo.

É nos primórdios do cristianismo que se encontram as matizes do que hoje se denomina patrimônio cultural. Na Idade Média, o culto e a devoção a objetos sagrados, ou seja, a devoção às relíquias cristãs, introduziu a concepção de que tais tesouros simbolizavam a presença de memória associada a prática social da religião, justificando a necessidade de preservá-las em espaços definidos, sejam templos, tumbas ou locais sagrados. (SANTOS, 2012, p. 69).

¹ A memória é uma representação de algo, que nem sempre se tem presente, mas que conseguimos visualizar a partir de uma imagem de espírito. Segundo Pesavento (2008), representação é uma construção feita a partir de uma imagem. Ainda, carrega símbolos que são construídos histórica e socialmente, e incorporados na memória coletiva.

A adoração a tais objetos legitimou uma prática simbólica que culminou com a noção de patrimônio possibilitando posteriormente a eleição em outras instâncias, de espaços que possuíam significado cultural, como bibliotecas e arquivos. (SANTOS, 2012).

Conforme Funari e Pelegrini (2006), com a difusão do cristianismo e a ascendência da igreja, a religião foi somada aos bens materiais com o sentido de patrimônio, garantindo as pessoas comuns uma acepção de patrimônio com a valorização não só de lugares e objetos, mas também dos ritos coletivos. Com a invenção da imprensa e a reprodução de clássicas obras literárias, os humanistas passaram a se preocupar com a catalogação e coleta de artefatos antigos como moedas, inscrições em pedra, vasos de cerâmica, entre outros.

O sentido de patrimônio toma um novo rumo com o final da Idade Média, a renascença trouxe a perspectiva do humanismo, onde a valorização do passado foi fundamental para o desenvolvimento dos antiquários, patrimônios privados destinados a armazenar, colecionar e estudar as relíquias da antiguidade.

Com a Revolução Francesa, os bens da extinta monarquia, bem como os bens da igreja e do clero, passaram para o estado. Conforme Camargo (2010, p. 19), “ao lado das propriedades monárquicas e eclesiásticas, juntam-se os bens dos emigrados, ou seja, dos aristocratas que abandonaram a França revolucionária”. Assim, houve o declínio dos antiquários e tornou-se função do estado proteger os bens culturais.

A Revolução Francesa se apoiou nas idéias iluministas. Mas poucos liam obras originais de Voltaire, Diderot, Montesquieu e Rousseau. A maioria da população absorveu os ideais da filosofia das luzes conversando com amigos bem informados ou então lendo pequenos livros. Esses livrinhos eram escritos em linguagem fácil e atraente para as pessoas de pouco estudo. (FERNANDES, 2012, n.p.).

Dessa forma, as ideias iluministas, presentes em diversas obras eram proibidas, no entanto provocaram transformações sociais, econômicas e políticas na sociedade que suscitava por igualdade, liberdade e direitos criando assim, as bases para a formação dos estados nacionais.

A partir dos objetos recolhidos pelo estado, era necessário organizar, classificar e cuidar de sua conservação. Esses vestígios do passado denominados

monumentos² conforme Choay (2001) garantem às gerações futuras que as aspirações e características identitárias de um grupo de indivíduos sejam mantidos à posteridade. Assim, o monumento age, não somente, pela invocação de um passado através do apelo afetivo, mas, sobretudo para preservar a identidade de uma comunidade.

O monumento histórico, de acordo com Choay (2001, p. 26), constitui-se como um objeto de saber ou como uma obra de arte. Como objeto de saber, está ligado ao passado ou a história, ou ainda a história da arte. E, como obra de arte está ligada a “sensibilidade artística” que age no tempo presente, sem a interferência da história e da memória.

Enquanto o monumento tem a capacidade de trazer para o presente através da memória um acontecimento distante no tempo, o monumento histórico tem uma conotação simbólica que se deseja conservar associando-se a práticas de preservação.

De acordo com Choay (2001, p. 29) a constituição do patrimônio, passou pela “fusão de fragmentos a princípio chamados de antiguidades, depois de monumentos históricos”. Poder-se-ia então considerar, que obras raras, são patrimônios, uma vez que transmitem informações, construídas em um tempo passado, para o presente, aproximando diferentes períodos da história e possibilitando seu estudo e compreensão. Ainda, podem ser vistas como obras de arte, uma vez que possuem uma conotação simbólica a ser preservada e trazem a arte característica da época de sua fabricação.

Retornando aos primórdios do patrimônio, a Revolução Francesa trouxe novas ideologias quanto à delimitação do território nacional, era preciso criar uma identidade que representasse através do patrimônio a sociedade. Então, a partir daí o patrimônio passou a ter caráter coletivo.

A noção de patrimônio surgiu associada a práticas que buscavam afirmar a identidade nacional. A atribuição de valores aos bens materiais ganhou maiores proporções no século XIX, quando nasceu o sentimento de pertencimento em relação a um conjunto de elementos referenciais que identificavam um grupo a um território. Portanto, o surgimento dos estados nacionais foi determinante para a

² O monumento é uma palavra de origem latina, “monumentum”; sua raiz “monere” significa “lembrar”, rememorar momentos e práticas culturais, como sacrifícios, ritos e crenças, que foram importantes para uma comunidade, através de uma memória viva. Assim, os monumentos são objetos, relíquias e construções com a função de perpetuar a memória sobre um fato, um povo ou uma pessoa.

constituição do patrimônio e como consequência houve a necessidade de sua preservação.

Durante a Revolução Francesa criou-se uma comissão para identificar os bens a fim de protegê-los, no recém criado estado que havia se formado. Contudo, somente a partir da ameaça de perder esses bens que representavam a nação que começou a se pensar em políticas de proteção ao patrimônio. Apenas em 1887 surgiu uma lei que definia o patrimônio histórico e somente no século XX foram implementados instrumentos legais de proteção aos bens públicos. Essas políticas atuaram no sentido de promover simbolicamente a identidade coletiva, uma vez que as obras e monumentos eram testemunhos dos indivíduos nascidos sob o mesmo solo.

Conforme Rubim (2012), a criação do Ministério dos Assuntos Culturais na França refletiu nas políticas culturais do ocidente e tinha como princípio garantir o acesso ao patrimônio cultural à todas as pessoas, preservar e difundir o patrimônio cultural. Ainda, incentivava a criação de obras de arte.

Cabe ressaltar que uma ordem neoliberal provocou um colapso no cenário mundial retraindo a ação dos estados em diversas áreas incluindo-se a cultural, e nesse contexto a cultura foi encarada como uma mercadoria, havendo a “prevalência do mercado sobre a política como uma modalidade de organização da sociedade e da cultura”. (RUBIM, 2012, p. 22). Entretanto, a UNESCO retomou sua atuação no tema das políticas culturais, remodelando sua ação no cenário internacional marcada pela diversidade cultural de todos os povos da humanidade e a necessidade de os estados nacionais incrementarem suas políticas culturais.

Aos poucos, com as transformações sociais, mudanças de convívio e mentalidade, a cultura imaterial foi ganhando espaço. Diversas políticas decorrentes da evolução do conceito de patrimônio foram criadas, inclusive pela ação da UNESCO surgiram vários documentos jurídicos que orientam políticas culturais em seus estados membros, que “prevêem a proteção de bens considerados de valor universal e excepcional”. (SANTOS, 2012, p. 72). Durante o século XX, buscou-se atrelar as políticas de promoção e proteção ao patrimônio à políticas de turismo a fim de promover o desenvolvimento social e também econômico.

Em 1999, a Carta Internacional sobre o Turismo Cultural, evidencia o turismo como forma de preservar o patrimônio, ou seja, a educação patrimonial através do turismo é capaz de beneficiar tanto a comunidade local quanto os turistas (COSTA,

2009). Essa mesma autora (2009, p. 66) afirma que “[...] a carta defende o emprego da interpretação patrimonial como garantia da otimização da compreensão dos visitantes sobre o sítio visitado, capacitando-os para desfrutar adequadamente a visita.” Dessa forma, há uma preparação dos indivíduos ao contatar com tais bens, os quais recebem instruções quanto a sua importância e preservação.

A carta de modo geral enfatiza que o patrimônio é um direito de todos, uma vez que pertence a coletividade humana e assim, também a sua responsabilidade em conhecer, apreciar e preservar cabe aos mesmos. A interação entre o turismo e o patrimônio é uma preocupação exposta no documento que busca estabelecer a harmonia entre os dois de forma a alcançar mútuos benefícios.

A Declaração de Caracas (1992) diz que “o patrimônio cultural de uma nação, região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que o constituem, incluindo o meio ambiente natural”. Tal concepção é clara e abrangente, se reporta a cultura tangível e intangível, além da natureza presente entre os grupos sociais. Cabe destacar que as instituições museológicas e também bibliotecárias devem fortalecer a sua identidade e aspectos simbólicos.

Compreende-se então que preservar os bens é uma forma de conservar a identidade através da memória. Dessa forma, é importante o papel do patrimônio como elemento simbólico, seja para exaltar fatos positivos ou apenas para demarcar um acontecimento.

2.1.1 Políticas públicas patrimoniais no Brasil

Mesmo que tardiamente, o Brasil seguiu os mesmos passos que a Europa Ocidental em especial a França quanto a salvaguarda patrimonial. Durante o período colonial houve um processo contrário ao desenvolvimento cultural, marcado pela repressão e negação das culturas indígenas e africanas. Ainda, a colônia estava submetida a controles rigorosos em relação a sua ascensão educacional e cultural. Corroborando com essa informação, Rubim (2007) explica que nesse período houve a proibição de instalação de imprensas, censura a livros e periódicos vindos de fora da colônia e ainda interdição ao desenvolvimento de universidades. Para esse autor antes da década de 30 do século XX, praticamente inexistiram políticas de incentivo a cultura no período colonial, no segundo império ou na República Velha.

No entanto, Fernandes ([2010]) diz que a preocupação com a preservação da memória do país remonta a formação do Estado Nacional, no século XIX, através da atuação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que tinha a missão de construir a história nacional incentivando viagens de estudos e buscas por documentos inclusive no exterior. Além desse órgão, o Brasil criou o Arquivo Nacional em 1838 que reunia documentos para construir a história e o passado da nação.

Conforme Oliveira (2008) destaca-se iniciativas na primeira metade do século XX, em âmbito regional, por volta dos anos 1920, através de inspetorias estaduais de monumentos históricos em Minas Gerais, na Bahia e Pernambuco e posteriormente no âmbito nacional com a criação da Inspeção dos Monumentos Nacionais em 1934. Havia o interesse de um grupo de intelectuais, neocolonialistas e modernistas em preservar a herança nacional, proteger o patrimônio do abandono e dar uma identidade ao país.

Em 1936, a cultura material e imaterial foi preconizada por Mário de Andrade no anteprojeto denominado Serviço de Patrimônio Artístico Nacional (SPAN) que tinha como objetivo “determinar, organizar, conservar, defender, enriquecer e propagar o patrimônio artístico nacional”. (IPHAN, 1980).

Sem pretender esgotar suas contribuições, pode-se afirmar que Mário de Andrade inova em: 1. Estabelecer uma intervenção estatal sistemática abrangendo diferentes áreas da cultura; 2. Pensar a cultura como algo “tão vital como o pão”; 3. Propor uma definição ampla de cultura que extrapola as belas artes, sem desconsiderá-las, e que abarca, dentre outras, as culturas populares; 4. Assumir o patrimônio não só como material; tangível e possuído pelas elites, mas também como algo imaterial, intangível e pertinente aos diferentes estratos da sociedade; 5. Patrocinar duas missões etnográficas às regiões amazônica e nordestina para pesquisar suas populações, deslocadas do eixo dinâmico do país e da sua jurisdição administrativa, mas possuidoras de significativos acervos culturais. (RUBIM, 2012, p. 31).

Pode-se dizer que Mário de Andrade, em sua passagem pela prefeitura de São Paulo, contemplou diversos aspectos da cultura, criando uma política que serviria de modelo pela sua excelência, que abarcou inclusive a cultura popular, presente na imaterialidade de qualquer camada social.

Porém, com a nova conjuntura nacional que estimulava a industrialização, o anteprojeto foi modificado. Getúlio Vargas sancionou em 1937 pela Lei nº 378, o primeiro órgão de proteção patrimonial, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (SPHAN), com a missão de preservar todos os bens de valor inestimável para o país, como bens que representavam o passado religioso luso-brasileiro. De acordo com a afirmação de Oliveira (2008, p. 120) “A atuação do SPHAN se dava mediante o mecanismo do tombamento dos remanescentes da arte colonial ameaçados pela urbanização, pelo saque, pela comercialização dos antiquários e colecionadores.”. Essa política cultural de proteção ao patrimônio agia através de tombamentos, inventários e registros.

A valorização cultural que contemplava apenas o patrimônio material ficou conhecida como patrimônio da pedra-e-cal, deixando de lado a cultura imaterial representante da tradição e identidade do país. Para Giddens (2009, p. 235) a tradição “representa a ordem moral ‘do que se passou antes’ na continuidade da vida cotidiana”. Assim, a tradição é mais do que uma simples prática diária, transitando no tempo e fixando a cultura entre os povos.

O SPHAN foi modificado muitas vezes e, hoje, é chamado de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os bens são agrupados pelo IPHAN de acordo com sua natureza e inscritos nos livros de registros: de saberes, de celebrações, das formas de expressão e dos lugares.

A partir das mudanças sociais e redefinições políticas ao longo do século XX, no mundo e no Brasil, é que se passa a pensar na cultura imaterial. Surgiram então programas voltados à cultura e política cultural, destaca-se a criação do Programa das Cidades Históricas (PCH), a Fundação Nacional de Arte (Funarte), o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) e a Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM).

Entre os anos de 1975 e 1979, um grupo organizado sob a direção de Aloísio Magalhães criou, em Brasília, o CNRC que teve o objetivo de mapear, registrar e compreender a diversidade cultural do Brasil. (OLIVEIRA, 2008). Foram desenvolvidos projetos agrupados em quatro programas: artesanato, levantamentos socioculturais, história da tecnologia e da ciência do Brasil, e levantamento de documentação sobre o país. Portanto, foi um importante passo para o reconhecimento da diversidade cultural brasileira.

Cabe aqui destacar que Aloísio de Magalhães reverenciava o saber-fazer e a capacidade criativa do cotidiano das comunidades locais como artesãos que expressavam a cultura viva, sem se deter na concepção de patrimônio artístico e autenticidade. Ao reconhecer e valorizar essas práticas solidificava a cultura e

buscava conscientizar sobre os bens culturais nacionais para que fosse possível enfrentar o que ele denominava de processo de transplante das influências estrangeiras em nossa cultura, uma vez que o Brasil incorporava rapidamente valores advindos pelos meios de comunicação de massa. (OLIVEIRA, 2008).

Na transição do regime militar para o democrático, os movimentos sociais foram preponderantes para a nova relação entre o estado e a cultura, culminando com o surgimento em 1985 do Ministério da Cultura. Entretanto, no fim dos anos 1990, há um retrocesso da cultura, Fernando Collor praticamente acaba com o Ministério da Cultura transformando-o em uma secretária e fechando diversos órgãos.

Essa ausência de políticas culturais permanente segue e surgem leis de incentivo que acabam camuflando e forjando uma política cultural no governo de Fernando Henrique. Posteriormente, com o governo Luis Inácio Lula da Silva, em 2002, foram introduzidas políticas culturais importantes como o Sistema Nacional de Cultura (SNC) e o Plano Nacional de Cultura (PNC), ocorrendo parcerias com a sociedade civil, municípios e estados. No entanto, de acordo com Rubim (2012, p. 44) é preciso “[...] a construção de uma política de Estado – nacional e pública – de cultura...” para fortalecer e consolidar cultura nacional.

A trajetória percorrida pelo reconhecimento do patrimônio cultural no Brasil foi longa. Na primeira metade do século XX o patrimônio de natureza material foi incorporado na legislação. No entanto, o intangível como a memória da cultura registrada, e o conhecimento foram reconhecidos como patrimonial imaterial em 1988 na Carta Magna, em seu art. 216.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, Constituição, 1988).

Dessa forma, a constituição federal reconheceu que os bens de natureza imaterial também integram o patrimônio nacional presente em manifestações

culturais de caráter dinâmico expressos na identidade dos indivíduos. Conforme Funari e Pelegrini (2006) constituem o patrimônio imaterial valores transmitidos não só por nossos antepassados, mas aqueles ligados à cultura, às tradições, às práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Entretanto, apenas no ano 2000 surgiu uma legislação específica voltada aos bens imateriais pelo Decreto nº. 3551 de 04 de agosto do ano 2000, que instituiu o inventário e o registro dos bens culturais de natureza imaterial. Segue abaixo, um quadro com as principais políticas culturais criadas no Brasil.

Quadro 1- Trajetórias de políticas e ações em prol da cultura no Brasil

(continua)

Ano de criação	Órgãos e políticas	Ações propostas
1934	Constituição da República	Artigo 10 – Criou a noção jurídica de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
1937	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)	Regulamentou por Decreto-Lei, a proteção dos bens culturais móveis e imóveis no Brasil, definindo o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
1937	Instituto Nacional do Livro	Objetivou apoiar a implantação de bibliotecas, criar uma enciclopédia e um dicionário nacional que representasse a identidade e memória do país.
1938	Conselho Nacional de Cultura	Coordenou as atividades referentes ao desenvolvimento cultural, realizadas pelo então Ministério de Educação e Saúde
1953	Ministério da Educação e Cultura	O antigo Ministério da Educação e Saúde é dividido, e surge o Ministério da Educação e Cultura.
1966	Conselho Federal de Cultura	Criado para estimular a implantação de conselhos estaduais e colaborar para a defesa do patrimônio histórico e artístico nacional. Tinha o objetivo de criar o Plano Nacional de Cultura. Atuou na proteção do patrimônio cultural e na recuperação de arquivos documentais e bibliográficos.

Quadro1 - Trajetórias de políticas e ações em prol da cultura no Brasil

(continuação)

Ano de criação	Órgãos e políticas	Ações propostas
1973	Plano de Ação Cultural	Este plano atuou na promoção e difusão de atividades artístico-culturais, com um caráter assistencialista. Elaborou um calendário de eventos culturais patrocinado pelo estado.
1974-1978	Conselho Nacional de Direito Autoral	Atuou na fiscalização, consulta e assistência de direitos autorais. Foi extinto em 1990.
1975	Centro Nacional de Referência Cultural	Tinha o objetivo de criar uma identidade para os produtos nacionais. Ainda buscava o desenvolvimento econômico do país e a preservação cultural. Em 1980, foi substituído pela Fundação Nacional Pró-Memória.
1975	Fundação Nacional de Arte (Funarte)	Tinha como objetivo criar condições para que o povo pudesse exercer sua vocação artística e preservar valores culturais. Sua finalidade era promover, estimular e desenvolver a arte no país.
1979	Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM)	A SPHAN foi criada para normatizar a atuação do estado nos bens que compõe o patrimônio nacional. De forma paralela surgiu a FNPM a fim de preservar o patrimônio cultural nacional. Juntos esses órgãos promoveram ações para salvaguardar a cultura, bem como o tombamento do terreiro de candomblé mais antigo do país, Casa Branca.
1985	Ministério da Cultura	O antigo ministério da educação e cultura divide-se e surge o Ministério da Cultura.
1986	Lei Sarney	Lei de incentivo fiscal à atividades artísticas e culturais. A lei foi extinta em 1990.
1991	Lei Rouanet	Instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura. Essa lei favorece o marketing de empresas patrocinadoras.
2000	Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial	Objetiva valorizar o patrimônio de natureza imaterial do Brasil, a partir do registro de saberes, celebrações, rituais, formas de expressão e os locais em que se desenvolvem essas práticas da cultura nacional.

Quadro1 - Trajetórias de políticas e ações em prol da cultura no Brasil

(conclusão)

Ano de criação	Órgãos e políticas	Ações propostas
2000	Monumenta	O programa Monumenta busca resgatar a memória da nação ao preservar seu patrimônio com iniciativas para o desenvolvimento social, econômico, cultural e urbano.
2004	Acordo de cooperação técnica	Acordo firmado entre o Ministério da Cultura e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com o objetivo de desenvolver um sistema de informações com indicadores relacionados ao setor cultural afim de contribuir para a gestão pública e incentivo a estudos e pesquisas acadêmicas.
2007	Programa de Aceleração do Crescimento Cidades Históricas	O PAC cidades históricas é uma política do governo federal que atua em conjunto com estados, municípios e outras instituições com apoio do IPHAN para elaborar planos e ações de preservação para os municípios interessados em revitalizar espaços de seus patrimônios culturais. Essa política valoriza a cultura e promove o desenvolvimento econômico e social de forma sustentável, melhorando a qualidade de vida das pessoas. Assim como o Programa Monumenta, dialoga com o turismo beneficiando a comunidade a qual poderá usufruir dos benefícios gerados pela atividade turística, garantindo sustentabilidade após a restauração dos sítios urbanos.
2010	Plano Nacional de Cultura	Criado pela lei 12.343 em 2010 tem o objetivo de orientar o desenvolvimento de políticas culturais, bem como programas, projetos e ações que garantam a valorização, o reconhecimento, a promoção e a preservação da diversidade cultural brasileira. Este plano tem duração de 10 anos.

Fonte: (CALABRE, 2007; OLIVEIRA, 2008).

O quadro acima expõe várias iniciativas tomadas em diferentes governos brasileiros a fim de promover ações em prol da cultura, no entanto, não surtiram o efeito desejado, muitas fracassaram e não se consolidaram. Ainda há uma longa caminhada para a valorização do patrimônio cultural nacional. Diferente de realidades como a Europa, onde a União Européia e os países membros possuem uma contínua história de valorização e incentivo à educação e cultura, a trajetória brasileira mostra políticas descontínuas.

Para Coelho (2012, p. 313) políticas culturais são um conjunto de intervenções na esfera cultural, que podem ser realizadas por diversos agentes como: estado, instituições civis e privadas, grupos comunitários a fim de “promover a produção, a distribuição e o uso da cultura; a preservação e divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável.”

O autor vai além do significado tradicional de política cultural e aponta que essa deveria transformar a realidade social das comunidades a partir de ações culturais onde os sujeitos são agentes transformadores, entretanto a produção cultural é realizada por uma minoria e consumida pela maioria. Dessa forma, temos uma cultura estática submetida “aos processos de globalização via meios de comunicação de massa”. (COELHO, 2012, p. 315).

Com isso, a política cultural deve atender as necessidades culturais de uma comunidade e estimular as representações simbólicas presentes na sua identidade garantindo a criação e compartilhamento de cultura por um maior número de pessoas.

A criação de políticas públicas específicas de turismo no Brasil, pode-se dizer que é ainda recente, uma vez que historicamente temos uma falta de continuidade marcada pela extinção de órgãos que iriam planejar efetivamente a atividade turística. Inicialmente, o turismo era realizado sem planejamento e objetivava apenas ganhos financeiros causando grande prejuízo principalmente ao patrimônio natural. Os governos não tinham a percepção de que o turismo poderia ser uma atividade sustentável, que valorizaria a cultura e contribuiria para a geração de emprego, sem, entretanto, degradar o patrimônio.

Apenas, por volta da década de 70, do século XX, é que começaram a despontar legislações unificadas concernentes ao turismo no país. Castro (2009) baseado em Beni (2006) e Dias (2003) destaca como políticas públicas:

- O Fundo Geral do Turismo (FUGENTUR), criado pelo Decreto lei nº 1.191/1971, era o órgão responsável por financiar iniciativas empresariais turísticas;
- O Decreto lei nº 6.513 de 1977 preocupava-se em proteger o patrimônio natural e cultural e desenvolver o turismo de forma sustentável;
- A inserção do turismo na Constituição de 1988, a cargo da esfera governamental;
- Surgimento do Ministério do Turismo em 2003;
- Criação do Plano Nacional do Turismo (PNT) em 2007.

Castro (2009, p. 17) destaca o PNT como “Sendo a principal fonte norteadora para estados e municípios elaborarem seus planos de turismo local...”. Esse plano serve como guia para as comunidades locais desenvolverem o turismo de forma equilibrada e estimulando a proteção e conservação do patrimônio. Esse mesmo autor coloca que na constituição nacional de 1988 está clara a responsabilidade dos municípios e estados quanto a proteção do patrimônio histórico e cultural, e preservação de manifestações culturais. Castro (2009) explica também que o Estatuto das Cidades institui que municípios que possuem número de habitantes superior a 20 mil e são áreas de interesse turístico devem elaborar um Plano Diretor, mecanismo para que haja um desenvolvimento urbano e turístico sustentável.

Além dessas políticas surgiram outras que também foram importantes para o incremento do turismo no país. Castro (2009, p. 13) ainda diz que “Desde 1992 até o ano de 2009, o governo apresentou diversos planos e políticas para o turismo, mas a falta de continuidade se tornou o grande problema para a atividade no Brasil.”.

Em virtude das grandes transformações ocorridas na sociedade, por exemplo, em função do aumento populacional e das perspectivas por um crescimento econômico no século XIX e XX, impactos negativos em diversos setores passaram a ameaçar o futuro das nações, Castro (2009) cita o exemplo da terra e o seu uso racional para a produção de alimentos. Diante disso, em 1987, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento definiu a concepção de desenvolvimento sustentável. (CASTRO, 2009).

Com isso, a Organização Mundial do Turismo (2004) incorporou princípios voltados para a sustentabilidade a fim de garantir a harmonia e equilíbrio “[...] sob as dimensões ambiental, econômica e sócio-cultural...” (CASTRO, 2009, p. 14). Dessa forma o turismo planejado é benéfico tanto para os visitantes quanto para a comunidade local, receptora de turistas uma vez que a sustentabilidade decorre da:

- Utilização dos recursos naturais e culturais de maneira eficiente, garantindo a sua proteção e herança;
- Geração de emprego e renda à comunidade receptora envolvida no turismo, contribuindo com a melhora na qualidade de vida dessas pessoas;
- Valorização e respeito das tradições de um povo, assim como suas peculiaridades de maneira a fortalecer a cultura.

A interação do turismo com essas três dimensões se faz um importante recurso para valorizar os produtos sejam eles naturais ou culturais como o patrimônio bibliográfico, que materializa e aflora a memória da sociedade. Além disso, contribui para a preservação e disseminação do conhecimento, uma vez que a sua proteção possibilita a continuação de atividade turística.

De acordo com Castro (2009, p. 2) “quando desenvolvida de forma planejada, a atividade turística pode ser uma ferramenta valiosa no processo de valorização e preservação do patrimônio” uma vez que agrega valores da comunidade local e permite a conscientização de todos os sujeitos envolvidos, favorecendo a preservação patrimonial, e conseqüentemente a atividade turística sustentável.

Canclini e Mantecón (2005) fazem uma relação entre as políticas culturais e o consumo cultural urbano. A partir da análise do trabalho de diversos antropólogos os autores dizem que a função desse profissional vai além de questões indígenas e de migrações rurais abarcando a maneira como alguns meios de comunicação de massa afetam o consumo cultural das pessoas. Nessa concepção “Todo consumo é um processo cultural independentemente desde que cumpra funções práticas para a sobrevivência”, o que torna fértil o campo cultural para diversas investigações. (CANCLINI; MANTECÓN, 2005, p. 16).

Pode-se observar que a posição dos autores fortalece o argumento aqui levantado, da importância de estudos quanto ao hábito de consumo cultural dos povos para que busquem em instituições bibliotecárias conhecer e reconhecer as suas origens e identidade. A partir de políticas culturais, do estudo sobre o público real e potencial de uma instituição cultural pode-se então promover o turismo e práticas culturais levando-se em consideração as preferências e necessidades efetivas de todas as classes, inclusive as populares e o seu poder de construir através da história a sua identidade.

2.2 PRÁTICAS CULTURAIS

O poder de questionar e criticar a realidade social são próprios da natureza humana, o que traz liberdade aos indivíduos para criar e optar por hábitos e costumes que possuem significados para si, mesmo que esteja sob influência de fatores externos. Os hábitos aprendidos e herdados são incorporados ou não pela sociedade, e quando cultivados tornam-se práticas culturais.

O sociólogo francês Bourdieu (1975, 1998, 2003, 2011) apresenta em suas obras contribuições fundamentais para a compreensão dos mecanismos sociais e culturais, bem como reflete sobre as práticas de cultura. Para esse autor, a cultura é um elemento de reprodução social, relacionado ao capital acumulado pelos indivíduos. De acordo com essa concepção cultural, pode-se dizer que as práticas culturais identificam os grupos e seus interesses na sociedade.

Para Bourdieu (1975), a cultura está relacionada a trajetória de vida das pessoas e permite um diálogo do indivíduo com a sociedade. A prática de determinada cultura depende de um conjunto de disposições que permitem a sua realização pelas pessoas. Por exemplo, uma obra de arte tem sentido apenas para aqueles que detêm um determinado conhecimento para compreendê-la, o que torna-se pré-requisito para despertar o interesse e gosto dos indivíduos por uma prática de cultura. A partir de sua obra, compreende-se que as práticas culturais refletem a identidade de um sujeito, bem como seus gostos, uma vez que aproxima e afasta os indivíduos que tem as mesmas percepções, ações e apreciações.

Bourdieu (1998) afirma que a sociedade funciona como um sistema hierarquizado, em que o capitalismo se sobrepõe como uma ditadura, marcada por relações de dominação material e simbólica. As diferenças entre os grupos sociais originam-se na desigual distribuição de recursos, que corresponde aos capitais: econômico, cultural, social e simbólico. Para este autor, quanto mais e maior for o capital acumulado por um indivíduo em sua trajetória social, maior será o seu poder.

Nesse processo de desigualdade social, Bourdieu (1998) explana que a forma como os recursos são transmitidos, pela família e escola, implica na formação do gosto dos indivíduos. Por isso, são espaços sociais que possibilitam produzir, reproduzir e difundir as disposições culturais denominadas habitus. Assim, o habitus condiciona as ações, percepções e apreciações dos indivíduos e, portanto, relaciona-se ao gosto e as práticas culturais.

Com isso, a escola, através da educação patrimonial poderia contribuir para a formação do gosto, incentivando alunos a apreciar a arte, a leitura e, sobretudo fornecendo os códigos e meios necessários para que compreendam toda a cultura e o mundo ao seu redor. Além disso, poderia inserir nos cidadãos o sentimento de pertencimento e respeito aos bens públicos, através de oficinas socioeducativas, que incluam visitas em centros históricos, museus, arquivos, bibliotecas e outros a fim de despertar a consciência e importância de tais bens para uma comunidade. Assim, poderiam incorporar uma prática cultural e conhecimentos necessários para apreciar as diversas manifestações culturais.

Práticas culturais são fenômenos, de natureza humana, que permitem a articulação de ações de sentido entre os indivíduos e a sociedade. Com as práticas culturais os indivíduos se mantêm coesos em torno de elementos que possuem valor e sentido para si, como por exemplo, o gosto pela literatura policial facilita a socialização de pessoas que lêem tal gênero. Para Setton, a prática de cultura pode ser definida como:

[...] todo tipo de comportamento cotidiano, toda ação que faz parte da rotina dos indivíduos ou dos grupos, toda prática que, compondo nosso dia a dia, explicita um modo de ser e fazer dos agrupamentos humanos. Nesse sentido, as práticas de cultura podem se enquadrar nas ações mais prosaicas como, por exemplo, as maneiras de se alimentar, de se vestir ou de arrumar o interior de nossas casas; nas escolhas mais extraordinárias como as relativas à participação de uma associação política, religiosa, artística ou de uma opção de lazer ou de turismo; ou mesmo comportamentos relativos à escolha de um livro para ler, bem como a tendência por uma expressão estética. (SETTON, 2008, p. 122).

Considerando-se que toda e qualquer ação humana é fruto de um conjunto de princípios e valores sociais inerentes a realidade de um indivíduo, então as suas opções, a maneira de agir, o comportamento e o modo de ser são reflexos da rotina bem como práticas de cultura.

A escolha por uma prática de cultura ou outra, corroborando com Setton (2008, p.13) é o resultado das “condições de socialização específicas que traduzem nosso pertencimento numa dada estrutura social”. Portanto, as práticas de cultura permitem a socialização do homem no ambiente em que vive e são condizentes com sua realidade social, aproximando indivíduos que têm o mesmo habitus e conseqüentemente gosto e, por outro lado afastando aqueles que têm gosto diferente.

Ir com frequência a uma biblioteca denota uma prática capaz de ampliar o capital cultural dos indivíduos. A preferência por ir a uma biblioteca e não a um shopping indica que este indivíduo carrega consigo habitus que o tornam detentor de um determinado gosto.

Garcia, Macedo e Oliveira (2015) baseados em Mukherjee (1966) expõem que a biblioteca é um centro de socialização e possui uma função social. Para esses autores, o compromisso da instituição com a sociedade culmina com práticas que mesclam cultura e informação, são chamadas “práticas infoculturais”. Para eles, uma série de atividades incluindo tais práticas poderá aproximar as instituições do público em geral.

Os autores também abordam o desenvolvimento de atividades que estimulem a imaginação e criatividade dos usuários. Compactuando com esse argumento, e trazendo a lume, a identidade local presente em seu patrimônio bibliográfico as exposições, conforme Almeida e Vasconcelos (2001 apud GARCIA, MACEDO e OLIVEIRA, 2015) poderão provocar a aproximação com o público em potencial a partir de diversas atividades.

A biblioteca tem a responsabilidade social e ao realizar experiências infoculturais facilita o acesso de diversas pessoas, inclusive minorias, que nem sempre podem desfrutar da leitura em suportes convencionais. Nesse sentido, as práticas informacionais e culturais associadas as inovações tecnológicas são capazes de ampliar conhecimentos dos indivíduos, trazendo informações úteis ao seu cotidiano e transformá-los em cidadãos melhores. (GARCIA, MACEDO, OLIVEIRA, 2015).

Coelho (2012) diz que as práticas culturais, em sentido amplo, estão relacionadas a atividades de produção e recepção cultural. O autor cita como exemplo de produção cultural a realização de um filme, tanto por um amador quanto por um profissional. Já a recepção cultural, conforme o autor depende dos hábitos culturais, que são a reiteração de um mesmo ato, de forma periódica.

Coelho (2012, p. 333) ainda expõe que o habito está relacionado a diferentes fatores como: “pertinência a uma classe e segmento etário, num contexto nacional cultural e educacional definido, etc.; de país para país varia o número de projeções de cinema a serem assistidas durante a semana, o mês ou o ano para que se configure um hábito”. Pode-se dizer que a percepção desse autor vai de encontro ao explanado por Bourdieu (1998) quanto a realização de hábitos.

Cabe ressaltar que o turismo cultural, é também uma prática de cultura que expressa o gosto dos indivíduos por culturas diferentes da sua e ainda, fortalece a identidade social dos indivíduos, ao confrontar pessoas com hábitos e culturas diferentes. A leitura é uma prática que contribui para veicular informações sobre a cultura de diversas regiões e localidades, e assim desperta o desejo do leitor em conhecer pessoalmente, através do turismo, aquilo que seu imaginário cria.

A prática do turismo está diretamente relacionada ao capital adquirido pelos indivíduos, uma vez que pessoas com maior nível de instrução têm maior interesse em viajar e tendem a valorizar os patrimônios culturais. Conforme a Organização Mundial do Turismo, citado por Dias (2006, p.37) os turistas culturais “São pessoas que viajam com frequência, que têm muita educação, grande energia e que se mostram amigáveis em seus encontros com estrangeiros”. Esse tipo de turista compõe um perfil específico, geralmente marcado por pessoas que têm consciência ambiental, visão política e que apreciam a autenticidade. (DIAS, 2006).

Pode-se afirmar que o turismo cultural, a partir de práticas de educação e cultura como leitura e a visitação a uma exposição de obras raras é uma prática cultural que aponta características dos modos de ser, de fazer e de ver simbolicamente o que rodeia o indivíduo, bem como os valores que os mesmos representam para si. A atividade turística resgata as tradições pela valorização das singularidades de cada grupo social e ainda possibilita:

- Integrar as identidades nacionais que tendem a desintegrar em consequência da homogeneização cultural e da pós-modernidade;
- Evitar o declínio das identidades nacionais, fortalecendo-as, face ao surgimento de novas identidades híbridas, as quais estão assumindo em seu lugar;
- Contribuir para a preservação dos bens patrimoniais culturais de forma sustentável;

Dias (2006) ressalta que a cultura turística deve basear-se no turismo sustentável, através do qual é possível administrar os recursos provindos do turismo, como uma forma de obter a satisfação crescente dos turistas e também beneficiar a qualidade de vida da comunidade local.

Além disso, esse mesmo autor (2006, p. 31) afirma que a cultura turística é um conjunto de “atitudes, hábitos e costumes” que ao serem conhecidos são assimilados individual e coletivamente. Essa afirmação nos revela que o turismo, é,

portanto uma prática cultural influenciada por diversos fatores, no entanto, pode ser construída socialmente.

A transformação do turismo cultural em uma prática de cultura depende também do engajamento da sociedade, principalmente de todos os setores sociais em bem atender e receber o turista, desde sua chegada até a sua saída. Essa prática consiste em um comportamento social movido por princípios e valores adotados pela comunidade receptora de turistas, como a atenção prestada por um comerciante, a hospitalidade nos locais de hospedagens, a gentileza dos guias turísticos e a cortesia de toda a comunidade ao seu redor que se empenha em tratá-los da melhor forma possível.

A prática do turismo em bibliotecas com acervos raros em exposição permite a socialização dos indivíduos e sua apreciação ao acervo exposto, estimula a informação e o conhecimento. Ainda, por si só, designa a valorização do patrimônio documental e bibliográfico pelos visitantes. Diante do papel pedagógico da educação patrimonial, fundamental para valorizar o patrimônio, o turismo além de ser uma prática de cultura, colabora para enriquecer o conhecimento daqueles que buscam descobrir novas culturas.

2.3 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A educação patrimonial é uma proposta metodológica que busca fomentar ações que valorizem a cultura dos diversos grupos pertencentes à sociedade. O ponto de partida para promover a educação patrimonial consiste em implementar ações educativas de sensibilização patrimonial que transformem a relação das pessoas com o patrimônio ao seu redor desencadeando a valorização dos bens. Para que isso ocorra é necessário haver uma consciência crítica sobre o significado de cada bem, o que ele representa hoje e o que ele representou à sociedade no passado afim de que sejam reconhecidos como patrimônio pelos diferentes grupos sociais, não apenas por uma minoria que representa a classe dominante e corresponde a elite econômica detentora de poder.

A educação patrimonial preocupa-se em resgatar a história, o passado e a identidade dos diversos grupos sociais através da valorização de suas características representados tanto pela cultura material quanto imaterial, como: monumentos, arquitetura, documentos, obras de arte, conhecimentos, artes

populares e outras. Cabe ressaltar que tem a função de sensibilizar as comunidades a preservar seus valores e tradições “inserindo tais práticas na vida sustentável, resgatando e preservando o imaginário coletivo e o patrimônio representativo da cultura, no eixo temporal e espacial” (FARIAS, p. 62, 2002), a fim de revitalizá-los compartilhando toda informação com a sociedade. Nesse contexto, a educação patrimonial atua como mediadora entre o patrimônio cultural e a sociedade através de práticas educativas visando a valorização e apropriação do patrimônio pelos sujeitos sociais. Carvalho, Lundia e Aguiar (2010, p. 78) explicam:

Educação Patrimonial refere-se a um sistema explícito e programático, que agrupa em uma mesma categoria vários elementos diferentes, segundo os princípios utilizados aos membros de uma mesma sociedade, ou ainda, serve como base para a construção de uma sociedade conhecedora de suas próprias raízes culturais, sendo possível desde a infância até a reeducação do adulto.

A educação tem uma importância sociocultural, ao contribuir para a instrução dos indivíduos dispondo o conhecimento para que tenham a liberdade de optar e posiciona-se em sociedade elegendo como patrimônio, os bens que condizem com seus valores, tradições, herança e identidade cultural. Para Dias e Soares (2008, p. 73), “O conhecimento construído junto ao educando representa algo que realmente possa contribuir para sua libertação, para que este preserve sua memória...”. Corroborando com os autores, é necessário uma educação que permita uma tomada de consciência nos educandos, que os faça refletir, não seja imposta e sim construída em liberdade.

Nesse sentido, a educação patrimonial, perpassa pelo reconhecimento, apropriação e valorização de costumes, hábitos e tradições dos indivíduos pertencentes aos grupos sociais. Ribeiro e Santos (2008, p. 4) compactuam com essa explanação:

Como forma de preservar obras de épocas pregressas, saberes e construções simbólicas de importância para determinados grupos sociais, resulta curioso entendermos o pertencimento de algo como “nosso” a partir do discurso deste pertencimento e do valor agregado de manutenção para gerações futuras com forma de preservar através da educação e do respeito aos símbolos e signos.

Diante disso, projetos e políticas são fundamentais para nortear instituições públicas e privadas, que ao conscientizarem a população terão apoio para a

preservação e conservação de seu patrimônio, bens integrantes da cultura que fazem parte de sua vida. Baseando-se na explanação de Claudiana y Castro (2006), podemos elencar como objetivos da educação patrimonial:

- A capacitação dos agentes sociais a melhor usufruir seus bens, além de desenvolver uma análise crítica de suas diversas manifestações, significados e sentidos;
- Estimular a descoberta de novos conhecimentos, a fim de criar-se um processo contínuo de produção cultural que seja incorporado as comunidades locais;
- Aproximar a sociedade de seus patrimônios, a fim de resgatar uma relação de afeto com a comunidade local desencadeando o fortalecimento da identidade cultural, tanto individual, quanto coletiva;
- Desenvolver metodologias de educação patrimonial que propiciem o conhecimento e reconhecimento da herança cultural de forma contínua;
- Estimular o uso e apropriação do patrimônio cultural pelas comunidades visando ações de identificação, valorização e proteção.
- Estimular o debate entre órgãos responsáveis pela proteção e preservação do patrimônio e a comunidade local a fim de gerar novos conhecimentos e troca de saberes.

Por conseguinte, a educação patrimonial é fundamental para fortalecer o sentimento de identidade dos povos e ainda contribui para que os educandos tenham uma visão global da sociedade e de sua diversidade cultural. Tal percepção desenvolve nos indivíduos o respeito a todas as culturas e a tolerância as suas diferenças.

Corroborando com Claudyana e Castro (2006), a educação patrimonial é o elemento capaz de recuperar a identidade das comunidades locais, sensibilizá-la de seus valores culturais. Para tanto, é preciso que a comunidade conheça, preserve e identifique-se com seus bens a fim de valorizar, através de metodologias da educação patrimonial. Dessa forma, uma sociedade consciente de sua herança cultural, que tem a memória de seu passado poderá promover o desenvolvimento do turismo cultural em sua localidade, sendo por isso fundamental apreciar e reconhecer o patrimônio.

Compreende-se que a educação patrimonial é um tema transversal que pode ser abordado por várias disciplinas e está atrelado a diversos agentes educativos,

não somente a escola, como também bibliotecas e centros culturais que congregam a diversidade e ao mesmo tempo emanam referências culturais. É relevante apontar que a educação patrimonial busca envolver toda a comunidade na gestão do patrimônio, uma vez que todos são responsáveis pela sua conservação e preservação. Para Horta (1999), a educação patrimonial estrutura-se em quatro etapas:

- Observação: consiste na análise do objeto a fim de obter-se informações sobre o mesmo, sua função e significado;

- Registro: consiste na fixação do conhecimento através de um registro, oral, escrito ou desenho, contribuindo para o pensamento lógico e desenvolvimento da memória;

- Exploração: consiste na análise de hipóteses e levantamento do problema em diversas fontes, tais como acervos de bibliotecas, documentos de arquivos, objetos em museus e outros a fim de desenvolver uma análise crítica;

- Apropriação: consiste em uma releitura do bem cultural, nos diversos meios de expressão, como pintura, dança, música, texto e outros a fim de promover o envolvimento afetivo dos indivíduos com o bem, incorporando significados que permitem a valorização, apropriação do objeto estudado.

A partir dessas etapas propostas por Horta (1999), é possível que as bibliotecas possam incluir atividades que visem estimular a educação patrimonial no público no sentido de criar uma relação de afeto entre visitantes, a comunidade e seus patrimônios, afinal para conservar a memória é preciso conhecer, lembrar, ver e compreender os registros do passado. A seguir, é proposto um jogo com a finalidade de promover a educação patrimonial em bibliotecas:

- Em uma caixa, armazenar fotos sobre diversos pontos turísticos locais. Em outra caixa armazenar apenas textos, extraídos de jornais, livros e documentos referentes aos locais armazenados na primeira caixa;

- Após a visualização das imagens e leitura dos textos, o público poderá realizar o jogo da memória. Basta abaixar as cartas das imagens, escolher um texto e buscar a qual ponto turístico retratado nas imagens o mesmo se refere;

Essa atividade também poderá ser realizada com textos literários consagrados, onde os leitores irão escolher cartas com trechos extraídos de obras e após isso terá que encontrar o autor correto da obra. Essa atividade desperta a imaginação e curiosidade incentivando a leitura dos registros na íntegra, dos quais

foram extraídos os trechos. Essas e outras atividades lúdicas desencadeiam um processo de aproximação dos bens com a população, de forma prazerosa e agradável.

Para Claudyana e Castro (2006) a educação patrimonial é um “instrumento de cidadania” uma vez que a população também é responsável pela conservação e preservação do patrimônio e pode envolver-se na sua gestão. Salienta-se que o comprometimento da população para com seus bens aumenta a medida que se sente integrante do processo histórico e de sua realidade.

Ribeiro e Santos (2008, p. 10) apontam que “O envolvimento de uma comunidade local passa pela educação, pela sensação de “pertencimento patrimonial” e por uma política de valorização...” de forma que haja a inclusão da comunidade na atividade turística estimulando práticas culturais inclusivas como exposições, teatros abertos e diversas atividades artísticas que tragam benefícios sociais, econômicos e culturais à sociedade. Tal concepção pode-se dizer, envolve a comunidade no processo de gestão do patrimônio além de ser um instrumento de chancela da cidadania.

Com a educação patrimonial os indivíduos compreendem a sua própria história, e a partir daí, despertam seu sentimento de pertencimento, o que viabiliza a formação de suas identidades e a retomada de valores culturais. Nesse sentido, a educação patrimonial pode apoiar à sociedade preparando-a para o desenvolvimento do turismo trazendo múltiplos benefícios, desde a valorização à sua preservação.

A valorização e o reconhecimento do patrimônio, pela própria sociedade em que o bem está inserido, juntamente com outros fatores como a infraestrutura local e receptividade culminam com o desenvolvimento do turismo cultural. Pode-se dizer que é uma forma educativa de conduzir a comunidade às origens simbólicas de sua cultura, uma vez que tornam-se os principais representantes da herança cultural de uma localidade. Ao cultivar suas tradições, os agentes sociais estarão contribuindo para a preservação da memória de seu patrimônio e disseminação de sua cultura local, antes restrito a uma comunidade, à todos os visitantes.

3 OBRAS RARAS

Os antigos registros realizados pelo homem acompanham o desenvolvimento das sociedades. Logo, as bibliotecas surgiram com a missão de reunir todo o conhecimento que era produzido de forma organizada e sistemática. Foram criados e preservados verdadeiros tesouros do conhecimento que se distinguem das obras consideradas normais pelo valor implícito e explícito da obra que, portanto, ultrapassou o seu sentido utilitário tornando-se verdadeira obra de arte.

As obras carregam em si traços que remetem o passado, representam, por conseguinte a materialização da memória coletiva e individual. Então, são as bibliotecas espaços que congregam a cultura, a história e a memória viva que através dos registros e de cada um de seus elementos identificam a sociedade trazendo para o presente a herança que nos foi legada.

Como fontes de informação e ao mesmo tempo objetos de arte, as obras raras revelam, em seus mínimos detalhes, a identidade cultural de seus criadores. Como objetos de arte, tais obras guardam em si, nas suas características físicas a história de uma época e evidenciam a sua evolução técnica e artística.

O livro raro testemunha a evolução do pensamento científico social e cultural dos povos e graças ao conteúdo intelectual de obras raras e especiais, o homem traz a lume a origem do conhecimento de muitas teorias do saber contemporâneo. Esse fato chancela a sua importância enquanto fonte de informação e fornece subsídios para novas teorias contribuindo com isso para a evolução do pensamento humano.

Preservar uma obra rara é ter a consciência de que essa ação encerra a salvaguarda da identidade de uma nação. Conforme Froes (1995) não há identidade sem memória e não é possível rememorar se não existe resquícios do passado que possibilitem-nos aflorar a memória, por conseguinte, o livro raro é um patrimônio. E como patrimônios são passíveis de outro uso, além de ser um objeto informacional pode ser exposto como uma obra de arte. Nesse sentido McMurtrie (1982, p. 9) aborda que a estruturação do livro “[...] é tanto uma arte como a arquitetura, a pintura ou a escultura... A fixação do tipo e a impressão do livro são, na verdade, uma arte susceptível de elevados padrões, como a arte do tecelão, do oleiro ou do ourives.”. Compactuando com essa afirmação, os livros raros são capazes de despertar a sensibilidade artística uma vez que são resultados do trabalho criativo

de grandes impressores e ilustradores. Por isso, são considerados obras de arte e patrimônios culturais.

Diversas características conferem raridade à uma obra, nem sempre simples de se identificar uma vez que tanto a aspectos materiais quanto bibliográficos conferem preciosidade e valor a uma obra, na sua forma e conteúdo. Por exemplo, o tipo de encadernação utilizado, o tipo de suporte em que foi impressa, o autor que escreveu, as ilustrações que possui, o tipógrafo que realizou, a dificuldade em encontrá-la, entre tantos outros detalhes que a tornam preciosa.

Conforme Sant'Ana (2001), as obras raras estão relacionadas principalmente a livros, no entanto também podem ser raros os periódicos, mapas, folhas volantes, cartões-postais e outros materiais impressos. Esse autor esclarece que obras únicas e originais como manuscritos, fotografias, gravuras e desenhos não são considerados raros, porém devem receber o mesmo cuidado quanto a sua preservação e conservação. Corroborando com esse autor, pode-se dizer que as obras raras possuem características especiais que as diferenciam das obras comuns, seja pela forma quanto pelo conteúdo que apresenta. Tais elementos intrínsecos e extrínsecos valorizam a obra, pelo seu carácter cultural, artístico, monetário e histórico que carregam.

Ainda citando Sant'Ana (2001), que analisa a concepção de obra rara sob o ponto de vista dos bibliotecários e dos colecionadores, constata que apesar dos dois reconhecerem o valor histórico de uma obra, os bibliotecários consideram principalmente a data de impressão, enquanto que os colecionadores consideram o número de exemplares existente, seu estado de conservação e o interesse que desperta nos leitores pelo seu conteúdo. Para os colecionadores quanto mais original e conservada estiver uma obra, maior será o seu valor.

Os responsáveis por bibliotecas e outras instituições públicas que guardam livros considerados raros não utilizam, em geral, o valor de mercado ou a dificuldade de localização de um dado exemplar como o principal argumento para a determinação do que seja uma obra rara, mas sim a importância histórica do livro e do seu conteúdo. (SANT'ANA, 2001, p. 5).

Compreende-se então que tanto a dificuldade em encontrar uma obra quanto o valor de venda, a importância histórica e a data de fabrico são importantes para avaliar a raridade considerando-se que essa determinação não é arbitrária e fechada. Além disso, cabe ressaltar que uma obra pode ser rara também pela

utilidade que presta a alguém e nesse caso, os fatores anteriores não são considerados.

Muitas vezes, as obras raras, trazem a origem de um determinado tema atual cancelando a sua importância como referência histórica para os demais autores que a sucederam no tempo. Soma-se a isso, a originalidade quanto a produção da obra, que por ser de outro período traz as características de seu tempo, e por isso os bibliotecários preocupam-se com a data de publicação.

Sobre o livro raro, Pinheiro (2015, n.p.) explica que “Uma discussão perene no universo da biblioteconomia de livros raros questiona o caráter do livro raro, único e precioso (Cf. PINHEIRO, 1989) como item de Biblioteca ou de Museu.” A autora explica que esse debate possivelmente tenha surgido com Paul S. Dunkin (1951) que considerava o livro raro é um objeto encantador. O caráter informacional está ligado a função de disseminação do conhecimento pelas bibliotecas, no entanto o caráter material, que nos apresenta as características do suporte físico está atrelado aos museus.

Corroborando com Pinheiro (2015), tanto o conteúdo quanto a materialidade são “aspectos indissociáveis, de fato, em qualquer forma de abordagem do livro raro, na Biblioteca ou no Museu”. Portanto, o livro raro, também é uma obra de arte, que apresenta informações e resquícios da história, na sua materialidade. Além disso, conforme Pinheiro (2014, n.p.) “sua própria história de leitura e de itinerância por diversas coleções” podem conferir-lhe aspectos únicos, e por isso, deve ser preservado por fazer parte da identidade cultural de uma nação.

Para uma melhor compreensão das obras raras e sua importância é pertinente fazermos um apanhado geral sobre o surgimento do livro.

3.1 BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO LIVRO

A história do livro, tal como a origem da obra rara, inicia muito antes do livro como o conhecemos hoje. O livro originou-se da necessidade de o homem comunicar-se através dos tempos, e registrar em suportes a informação que desejava transmitir. Inicialmente o homem fez seus primeiros registros em pedras, como os desenhos rupestres que constituem o testemunho de etnias pré-históricas em processo de evolução.

Cerca de 4000 a.C. com o surgimento da escrita utilizou-se de suportes, tais como tabuletas de argila, madeira, metal e até ossos. O aparecimento da escrita foi crucial para o registro da história da humanidade, uma vez que não bastava apenas ter o conhecimento, era preciso transmiti-lo. Sua relevância reside em tornar possível ao homem comunicar como era a sociedade do seu tempo para as futuras gerações, registrar a história transformando sua relação com o passado, o presente e o futuro.

Uma série de fatores influenciou a utilização dos diferentes suportes da escrita ao longo do tempo, tais como: a localização geográfica dos povos, os recursos naturais abundantes na natureza, a durabilidade, a praticidade e o custo dos materiais. Para Litton (1975) com a intensificação da atividade intelectual tornou-se necessário encontrar materiais que fossem também mais econômicos do que os que eram utilizados.

Alguns dos principais meios de comunicação da escrita primitiva eram pictogramas, ideogramas, hieróglifos, cuneiforme, escrita silábica e alfabetos. Destaca-se a escrita, denominada cuneiforme, que nasceu com os povos mesopotâmicos, em formato de cunha, que lembra pontas de flechas e que posteriormente evoluiu para uma escrita silábica de mais fácil compreensão, onde cada símbolo representava um som. Conforme Jahn (2001, p. 44) “Os sistemas de signos se multiplicaram - e deixaram de representar objetos para ter correspondências sonoras com a palavra falada”, ou seja, a língua passou a ser registrada permitindo o desenvolvimento da literatura.

As inscrições em cuneiforme dos povos mesopotâmicos eram feitas em tabuletas de argila e segundo Campos (1994, p. 23) “O barro mole era acomodado em moldes e posto a secar”. Esse mesmo autor ainda diz que antes disso, os escribas gravavam os caracteres utilizando estilete de metal ou osso. Após 4 mil anos o barro era colocado em fornos que o tornavam resistente para atravessar milhares de anos.

Essa foi uma grande vantagem em relação a outros suportes que o sucederam no tempo, que não tinham a mesma resistência e durabilidade, ocasionando grandes perdas para a humanidade. As lajotas de barro, conforme Campos (1994) são os mais primitivos ancestrais do livro, e graças a sua resistência possibilitou que o homem de hoje tivesse acesso ao conhecimento produzido na

antiga Mesopotâmia, uma vez que foram desenterrados por arqueólogos diversos acervos no século XIX.

Cerca de 3.000 anos a.C. os egípcios começaram a utilizar papiro, planta encontrada com abundância nas margens do Rio Nilo, principalmente na região do delta e tornaram-se os maiores produtores desse suporte aperfeiçoando a técnica de sua produção. O papiro era constituído do talo da planta triturado, entrelaçado, umedecido e batido. Após isso, era tratado com óleo de cedro e posto a secar, transformando-se em uma folha. Os textos inscritos nesse suporte eram organizados em colunas, mesclado com ilustrações e, após seu término, as folhas de papiro eram coladas e enroladas em bastões de madeira ou marfim. (CAMPOS, 1994).

Campos (1994, p. 42) afirma que “Os egípcios escreviam em colunas, assim como se escreve nos jornais de hoje. Tais colunas, que os latinos chamariam de *paginae*, ficavam em posição perpendicular ao eixo do rolo”. Para alguns autores o rolo de papiro é o precursor do livro moderno, outros consideram as tabletes de argila, entretanto pode-se afirmar que ambos foram fundamentais para o processo evolutivo do livro fornecendo as bases para o seu desenvolvimento.

O papiro além de ter sido utilizado pelos egípcios também foi adotado por romanos, árabes, gregos, coptas, arameus e bizantinos, sendo empregado até a Idade Média. Um dos rolos de papiros mais famosos é o livro dos mortos onde eram registradas orientações aos mortos a fim de garantir a sua sobrevivência em outro mundo, enfrentar inimigos levando a imortalidade da alma. (CAMPOS, 1994).

Segundo Campos (1994, p. 51) “Os papiros contendo os textos fúnebres iam para o esquife, junto com o cadáver, sendo frequentemente colocados entre as partes superiores de suas coxas” e caracterizam-se por hieróglifos, preceitos mágicos, vinhetas³ coloridas e figuras. A maior das coleções dessas obras raras, de acordo com esse mesmo autor encontra-se no Museu Britânico em Londres.

Os escribas, conforme Campos (1994, p. 45) utilizavam sobre o papiro tinta preta proveniente de “negro de fumo ou carvão e madeira em solução aquosa de goma vegetal” para palavras do texto e para palavras iniciais utilizavam tinta vermelha obtida a partir do óxido de ferro. Essa prática realizada pelos escribas

³ “Vinheta é uma cercadura ou canto decorativo. Um exemplo de vinheta é o chamado florão, um emblema ou outra decoração que, às vezes, são colocadas no meio da folha de rosto. A marca editorial, o logotipo, de certo modo são, uma espécie de vinheta.”. (LITTON, 1975, p. 128).

permaneceu entre gregos e romanos na Idade Média em manuscritos⁴ e incunábulo⁵. (CAMPOS, 1994).

Cerca de 1.000 anos a.C. os fenícios criaram o alfabeto, conjunto de símbolos que representam um determinado idioma. Tal feito consolidou o sistema de escrita e o contato com o mar facilitou aos comerciantes propagar seu alfabeto contribuindo para que se originassem outras formas alfabéticas. (LITTON, 1975; JAHN, 2001).

Eumenes II, rei de Pérgamo na Ásia Menor, atual Turquia, aspirando a criação de uma grande biblioteca, encomendou papiro do Egito. Entretanto, o rei Ptolomeu Epifânio, para garantir a prosperidade da Biblioteca de Alexandria, como o maior repositório de conhecimento do mundo decidiu impedir o crescimento da Biblioteca rival de Pérgamo, proibindo a exportação de papiro à essa região.

Diante dessa problemática, Eumenes II, ordenou a busca de um novo suporte para a escrita na Grécia e dessa forma, passou-se a utilizar o couro curtido de animais como bezerros, cabras, ovelhas e, sobretudo de carneiro, chamado pergaminho. Essa versão histórica é bastante comum de ser encontrada, entretanto Úrsula Katzenstein (1986 apud CAMPOS, 1994), diz que hoje está descartada e que os judeus fabricavam pergaminho desde os tempos de Moisés, e, além disso, cita que no “Livro de Ezequiel” datado em 597 a. C., encontra-se indícios de que seja pergaminho, uma vez que a escrita consta em ambos os lados.

Independente da verdadeira história, o pergaminho era bem mais resistente a umidade, insetos e até ao fogo. Outra vantagem apresentada é que esse suporte poderia ser mais facilmente enrolado⁶ e dobrado, constituindo um códice⁷.

Tanto o pergaminho quanto o papiro poderiam ser reaproveitados lavando-se ou raspando-se. Tal técnica deu origem aos palimpsestos, cujos conteúdos dos textos

⁴ Livros produzidos e copiados a mão.

⁵ Palavra de origem latina, *incunabulum* significa berço. As obras denominadas incunábulo são aquelas impressas 50 anos após o surgimento da imprensa em 1450. No entanto, sabe-se que não houve uma ruptura abrupta nas formas de produção, por isso Steinberg (apud LITTON, 1975) alerta que deve-se ter uma tolerância, aproximadamente de 1450 até 1550.

⁶ O pergaminho, assim como o papiro podia ser colado em folhas, enrolado de um lado e desenrolado de outro em bastões.

⁷ Conforme Fischer (2006, p. 77), códice era um “Texto com páginas escritas em ambos os lados para que fossem viradas, não enroladas”, semelhante a uma folha dobrada em páginas individuais, que facilitavam a leitura uma vez que o leitor conseguia pegar a “página” em uma só mão, e por isso era utilizado em viagens. Além disso, eram mais fáceis de ser armazenados e liberam espaços nas bibliotecas. Fischer ainda esclarece que no início o códice de papiro era apenas um objeto curioso e as obras tradicionais eram confeccionadas em rolo, no entanto, com a introdução do pergaminho o códice encadernado ganhou popularidade. Pode-se dizer que esse foi um grande salto na evolução do livro introduzindo a facilidade de o leitor poder ter acesso a qualquer parte do texto.

eram eliminados⁸ para reutilização do suporte, no entanto, ocasionou a perda de muitos textos antigos e segundo Dicionário Português (2016, n.p.) “desde normas jurídicas em desuso a obras de pensadores gregos pré-cristãos”. Tal fato representa um retrocesso uma vez que se apagou parte da história da humanidade.

Atuaram como agentes difusores do pergaminho os monges, inicialmente na Grécia, depois na Itália e dali para outras regiões da Europa. Graças a atividade de monges copistas, textos clássicos da cultura grega e latina do ocidente sobreviveram, principalmente do Império Bizantino. Cabe enfatizar que desde o século IV observa-se a preocupação com a preservação da memória do conhecimento, fato esse comprovado pela migração do conhecimento inscrito nos rolos de papiro para os códices de pergaminho, pressupõe-se que por esse ser um suporte bem mais resistente. O pergaminho superou o uso do papiro por volta do século IV e no começo da Idade Média substituiu quase totalmente “quando as rotas comerciais para o Egito foram interrompidas pela expansão muçulmana, de modo que a sua exportação cessou”. (FISCHER, 2006, p. 78).

Segundo Jahn (2001, p. 44) “Esses monges copistas dedicavam-se à arte da caligrafia: manuscrita, maravilhosamente ilustrada com iluminuras, a escrita medieval transforma os primeiros livros – os “manuscritos” – em verdadeiros tesouros”. Litton (1975, p. 46) acrescenta que “O manuscrito foi um elo importante e necessário na evolução do livro e uma notável contribuição as artes plásticas e gráficas.” Começavam a despontar as mais preciosas obras criadas nos mosteiros da Europa, fruto de um laborioso trabalho manual e artesanal que exigia muito tempo.

Campos (1994) diz que o pergaminho se adaptava melhor aos desenhos do que o papiro, por isso os artistas a partir do século VI realizaram ilustrações em maior quantidade. Após o trabalho do copista, as obras manuscritas eram encaminhadas aos decoradores. O miniaturista ou rubricador tinha a função de decorar as letras iniciais de capítulos e parágrafos que haviam sido deixadas em branco pelo copista, preenchendo-as com arabescos, floreios e volutas na cor azul e principalmente na vermelha⁹, produzida a partir do *minium* originando a palavra miniaturista. Com o passar do tempo aumentaram de tamanho e ficaram mais

⁸ Devido ao alto valor, os suportes da escrita eram reutilizados.

⁹ A tinta vermelha utilizada para as letras iniciais era produzida a partir do *minium* ou cinábrio, originando a denominação miniaturista.

coloridas. Além disso, as obras passaram a ser decoradas com ouro, além do vermelho e azul, para iluminar as ilustrações o que justifica a passagem do nome de miniaturista para iluminador, sendo que as ilustrações ficaram conhecidas por iluminuras. (CAMPOS, 1994; McMURTRIE, 1982).

Após passar pelas mãos do escriba, do miniaturista ou iluminador, chegava a vez do encadernador. As primeiras encadernações eram mais simples, em placas de madeira ligadas por tiras de couro e tinham a função de proteger as folhas da obra. De acordo com LITTON (1975) as encadernações variaram conforme o suporte utilizado, as placas de argila eram protegidas em estojos, os rolos de papiro em caixinhas de madeira, os códices de pergaminhos eram protegidos com tabuinhas de madeira que posteriormente foram cobertas com couro e assim a técnica de encadernar foi aperfeiçoada. No século V, no ocidente já havia encadernações em ouro e prata recobertas por pedras preciosas, técnica oriunda provavelmente do Oriente Próximo. Litton afirma que no século XIII, a Inglaterra superou a Europa na arte da encadernação e explica que:

Os ornamentos das encadernações foram classificados em três categorias: a)adornos artisticamente elaborados, feitos de metal ou de marfim, com incrustações de jóias; b)desenhos artísticos, realizados de acordo com padrões formais e nos quais eram utilizados, como motivos, flores, folhas, etc. gravados no couro; e c) depois do século XVI, belas decorações, utilizando a douração a fogo. (LITTON, 1975, p. 152).

As técnicas utilizadas produziram obras de arte, atrelando o conteúdo informacional à valiosíssima estética e, portanto, quando a obra era finalizada estava impregnada de história em seus mínimos detalhes. McMurtrie (1982, p. 98) diz que algumas obras manuscritas eram caligrafadas por inteiro em ouro ou prata, inclusive o próprio pergaminho era com certa frequência “tinto de púrpura, produzindo um efeito rico e sumptuoso. Até ao século XII, aplicou-se o ouro em pó; mas depois geralmente, em folha brunida, dando um efeito brilhante de grande esplendor”. Essa riqueza representa o esforço humano de diversos copistas, ilustradores, encadernadores e outros para produzir o conhecimento. Esse deve ser reconhecido e dignificado uma vez que representa a memória das comunidades que herdaram o patrimônio bibliográfico e documental.

Segundo Louisy (1887, apud CAMPOS, 1994, p. 149) “esta arte que produziu tantas obras-primas nasceu, portanto da escrita, da qual é, desde o princípio, o

florescimento natural.” Corroborando com esse autor, construíram-se obras monumentais de grande expressão artística a partir da escrita, o que justifica a sua condição como obra de arte.

Conforme Jahn (2001) em fins do século XII, escribas laicos que ajudavam os monges copistas a produzir manuscritos passaram a se reunir em guildas e oficinas para compor livros. Com o surgimento das universidades e a expansão do conhecimento, a produção de códices aumentou significativamente. Além de obras religiosas, os escribas produziram tratados e manuais diversos sobre educação, astronomia, filosofia, medicina e literatura. Ainda, ao final da Idade Média a igreja e a nobreza tinham por hábito encomendar códices de grande valor artístico, entretanto, de acordo com Macedo (2011, p. 28) “esses livros já não eram realizados por copistas, mas sim por calígrafos e ilustradores muito especializados”. A partir desse contexto, pode-se perceber que a produção de livros ilustrados era empreendimento altamente artístico e cultural que devido as suas minúcias era caro, portanto apenas os mais abastados possuíam as obras mais luxuosas.

Jahn (2001, p. 44) afirma que “Adotando o formato do códice romano os manuscritos medievais eram constituídos por páginas reunidas e costuradas formando volumes que podiam ser manuseados sobre as mesas altas das bibliotecas dos mosteiros”. Dessa forma, pode-se dizer que surgia o embrião do livro em formato atual, composto por vários cadernos e fólhos, folhas escritas dos dois lados, sendo as páginas numeradas por fólhos.

Produziram-se as primeiras bíblias em códice de pergaminho, e, portanto pode-se afirmar que esse suporte prosperou durante o Cristianismo e contribuiu para a expansão da fé. Entretanto, o acesso ao conhecimento, bem como a escrita estava atrelado a interesses religiosos e políticos no período da Idade Média.

Conforme Figueiredo (1950, *apud* FROES, 1995, p. 13), “enquanto nas bibliotecas romanas o rolo de papiro e o códex de pergaminho prosperavam, fazia-se na China, uma descoberta que teria uma importância decisiva para os livros”, a seda, que em seguida foi substituída pelo papel de seda, embrião do futuro papel de celulose, utilizado até os dias atuais. Aproximadamente no ano de 105 o papel foi inventado pelo chinês T’sai Lun, prosperando como uma matéria prima lucrativa.

Campos (1994) explica que antes do papel, a China utilizou o bambu, pedaços de seda e tabuinhas entalhadas como suporte para escrita. De acordo com Jahn (2001), os chineses confeccionaram seus primeiros livros utilizando tiras de

madeira ou bambu reunidas em cordéis. Posteriormente a 175 d. C. os textos eram gravados em tabuletas de pedra. Além disso, a China vivenciou outra transformação quanto a técnica de registro, desenvolvendo a impressão por blocos de madeira e tinta de nanquim. Essa técnica de impressão antecedeu, portanto, o prelo de Gutemberg.

A fabricação do papel de celulose consistia em uma pasta formada por cascas de plantas, resíduos de algodão e redes de pescar. Além do mais, era um material de fácil fabricação, barato e durável, o que atendia as expectativas daquela sociedade. Por muito tempo os chineses dominaram a produção do papel, cerca de 600 anos guardaram o segredo de sua fabricação, quando em 751 foram derrotados pelos árabes na batalha de Samarcanda, cidade da Ásia sob poder dos turcos. Capturados, artesãos chineses revelaram a fórmula do papel em troca de liberdade e assim a difusão do papel para regiões além da China ocorreu em meio a conquistas, apropriação e disputas. Dessa forma, a produção do papel espalhou-se pela Ásia, e foi levada a Europa apenas no século 12 por mercadores árabes.

Corroborando com Campos (1994) A difusão da escrita acelerou o processo de aperfeiçoamento do papel e posteriormente, sua grande propagação provocou o aumento do registro do conhecimento. De acordo com McMurtrie (1982, p. 88), “Todo papel antigo era de fabrico manual”. Apenas em meados do século XVIII surgiu o “papel tecido, ou velino”. A vulgarização do papel pode-se dizer, representou um avanço para a democratização da cultura refletindo-se na forte influencia exercida pelo humanismo na sociedade.

O papel abriu caminho para que a produção do livro, ainda que de forma artesanal, alavancasse. Entretanto, outra invenção provocou uma verdadeira revolução no mundo das letras, da escrita a leitura. Reinventada no século XV, aproximadamente no ano de 1456, pelo alemão Johan Gutemberg a prensa de tipos móveis revolucionou as técnicas de impressão empregadas até então.

A impressão de letras, números e outros caracteres sobre diferentes suportes como moedas, selos, xilografias e encadernações ocorreu por muitos séculos antes que Gutemberg inventasse os tipos móveis em metal, em distintas partes do mundo. (LITTON, 1975). Dentre as técnicas de impressão, destaca-se a xilografia¹⁰, criada

¹⁰As impressões em xilografia eram inicialmente apenas imagens. Com o tempo foram agregando textos simples. Na Alemanha, as estampas com motivos religiosos eram conhecidas como (continua)

durante o século VIII pelos orientais, que emprega uma prancha de madeira para gravar imagens e textos. Inicialmente, foi utilizado na China e apenas por volta de 1430 foi difundida na Europa. Gutenberg aperfeiçoou essa técnica oriunda da Ásia, substituindo os tipos móveis de madeira por tipos móveis de metal e juntamente com a prensa e uma nova tinta de impressão a base de óleo de linhaça e negro-de-fumo, começou a impressão de livros.

Sua técnica consistia em elaborar moldes de caracteres móveis de metal, letras gravadas em relevo, que eram montadas sobre uma base de chumbo, tintadas e prensadas. Esse processo adotado por Gutenberg era bem mais resistente e durável que o usado pelos chineses, além disso, os caracteres poderiam ser utilizados indefinidamente até quando a tinta suportasse as impressões.

A partir desse “invento”, a impressão transformou a cultura ocidental que aspirava novos conhecimentos rumo a uma era interessada em temas científicos e culturais de sua época, o Renascimento. Nesse contexto, diversos fatores colaboraram para que no período vindouro o códice prosperasse, entre eles: o conhecimento para a fabricação do papel, o desenvolvimento da metalurgia, o surgimento da prensa de tipos móveis de metal e como já citado, a explosão intelectual trazida pela renascença.

Diante disso, as mudanças culturais, econômicas e tecnológicas pelas quais passava a Europa propiciaram o surgimento de várias prensas que passaram a publicar em uma escala bem maior do que era produzido até aquele momento acarretando a disseminação do conhecimento, antes restrita a nobres e ao clero. Entretanto é importante observar a explanação de Litton (1975, p. 119): “É claro que a velocidade dessa prensa manual era maior que a da escrita a mão, mas, de qualquer modo, era demasiadamente lenta para que a produção pudesse ser considerada econômica”. Pela declaração desse autor, observa-se que apesar da importância e avanço o processo de impressão era ainda muito simples.

As primeiras impressões após o surgimento dos tipos móveis de Gutenberg continuaram a ser produzidas de acordo com as características dos manuscritos, e pouco a pouco foram modificando-se a fim de melhorar a sua praticidade tanto para o trabalho do tipógrafo quanto para o leitor. O principal conteúdo dessas obras era de carácter religioso. Temos como exemplo, a primeira “Bíblia de 42 linhas”

heiligen. Dificilmente possuíam data de impressão, no entanto tiveram popularidade entre analfabetos da Europa. (LITTON, 1975).

impressa em latim, conhecida por ser a “Bíblia de Gutenberg”, foi produzida entre 1425 e 1456 em pouquíssima tiragem, a qual é uma das maiores raridades da BN.

A arte da tipografia, escrita através dos tipos, conforme Litton (1975):

A tipografia é algo mais que uma técnica ou ofício; compreende toda uma gama de conceitos, tradições e costumes artísticos relacionados com a impressão. O impressor está entrosado com a tradição artística e mecânica de sua confraria, mas necessita também de ampla cultura geral, pois sua missão é interpretar, inteligentemente, as idéias de cada autor, refletindo, com fidelidade o espírito da mensagem do escritor. (LITTON, 1975, p. 103).

Portanto, o trabalho do tipógrafo era complementar ao do impressor uma vez que preocupava-se mais com a estética enquanto que o objetivo do impressor era prático, ao reproduzir com verossimilhança as ideias do escritor.

A reforma protestante foi a mola propulsora para a publicação dos livros impressos uma vez que os textos em latim eram compreendidos por apenas nobres, clérigos e ricos. Diante disso, a população carecia de obras acessíveis e que fossem em seu idioma. Entretanto, a introdução da inovação de Gutenberg não foi bem recebida pela sociedade que passou a exigir a identificação das obras impressas para diferenciá-las das produzidas até então.

Conforme Litton (1975, p. 258), “Os diretores das grandes bibliotecas de códices e manuscritos ilustrados com iluminuras consideravam que os livros impressos não eram dignos de figurar ao lado dos preciosos exemplares produzidos a mão”. Pode-se dizer ainda que a imprensa de Gutenberg representou uma grande arma contra a Igreja que temia a difusão de ideias protestantes. Diante disso, a igreja criou o *Index Librorum Prohibitorum*, contendo títulos de obras consideradas imorais pelo Santo Ofício e não se restringia apenas a literatura, mas também a artes plásticas. Alguns dos autores proibidos eram Vitor Hugo, Descartes, Erasmo de Roterdã, Martinho Lutero, Giordano Bruno, Locke, Stuart Mill, Montaigne, Rousseau, Stendhal, Voltaire, Zola, Sartre e outros.

Apesar de contrariar a implantação das novas tecnologias de impressão, os copistas, bem como calígrafos e miniaturistas continuaram a exercer suas funções de outra maneira, desenhando letras capitulares, ilustrando as obras e criando novos tipos. Além do mais, rapidamente a produção de impressos disparou comparando-se com os manuscritos e códices existentes, acarretando a aceitação de todos dessa nova forma de produção.

No entanto, quando a igreja e os governantes perceberam o grande perigo que corriam com a difusão de ideias “profanas” e “heréticas”, decidiram limitar a ação dos tipógrafos. Diante da impossibilidade de evitar tal feito, instituiu-se em meados do século XVI, o “Privilégio” autorização necessária aos impressores para publicação e que através deste, as autoridades religiosas e governamentais exerciam a censura. Dessa forma, o poder eclesiástico, governamental e soberano passou a exercer controle sobre as publicações.

Essa vigilância sobre o que era impresso espalhou-se também pelas colônias que surgiam, como uma tentativa de afastar os “abusos” da tipografia. Alguns dos países colonialistas europeus permitiram a impressão nas colônias, porém, não de forma generalizada. Esse fato se explica pela necessidade de controle político, econômico e até cultural, conforme o nível de autonomia que se desejava na colônia. Portugal, tomando-se como exemplo, autorizou a imprensa em suas colônias asiáticas e africana e o mesmo não ocorreu no Brasil. Além do mais, Hallewell (1985, p. 20) assinala que no Brasil “Em tal contexto, a proibição da impressão surge apenas como mais uma restrição à iniciativa econômica da colônia”.

Hallewell (1985, p. 21), cita a existência de um alvará, datado de 20 de março de 1720 que proíbe as letras impressas em todo o Brasil, o que segundo o autor, “implica que devia haver alguém, em algum lugar, que precisava ser impedido de imprimir na colônia, naquela época”. Existem alguns suspeitos por tentar implantar a imprensa no Brasil antes de 1808, entretanto Hallewell afirma que há provas de que apenas Antônio Isidoro da Fonseca publicou impressos no Brasil e por isso foi expulso da colônia. Conforme o Plano da BN (2000), qualquer obra que fosse criada no Brasil teria que ser impressa na Europa, ou permanecer em manuscrito, caso contrário seria considerada clandestina.

A proibição de imprimir no Brasil vigorou até 1808, quando a corte portuguesa chega ao território fugindo das guerras Napoleônicas. A partir daí, essa restrição não era mais exequível uma vez que era preciso imprimir para fins burocráticos e administrativos. A corte cria então a Impressão Régia a qual introduz no Rio de Janeiro a impressão oficial que foi seu monopólio até 1822.

Segundo Hallewell (1985, p. 35 apud MORAES, 1965), na percepção de Rubens Borba de Moraes, reconhecido bibliófilo e bibliotecário alguns dos trabalhos produzidos nesse período são obras-primas de tipografia brasileira e desde então,

nada se compara aquelas obras. Desta forma foram constituídas as primeiras obras sob terras brasileiras que com o tempo tornaram-se raras, devido ao seu valor histórico, cultural e artístico e que certamente compõe o patrimônio bibliográfico nacional.

Tais obras compreendem temáticas administrativas, comerciais, economia política, questões militares, educação e moral, matemática, medicina, saúde pública, agrimensura, desenho, astronomia entre outras, sendo que algumas dessas eram traduzidas pelos ministros do próprio governo.

No entanto, apesar dessa produção, não havia ainda liberdade de imprensa até que em 1822, a censura cessou legalmente. Coincidentemente ou não, a partir desse período foi permitida a instalação de novas tipografias ocasionando um aumento do número de livrarias no Rio de Janeiro. Dessa forma a produção livreira no Brasil se desenvolveu principalmente no segundo reinado, conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1 – Livrarias e tipografias no Rio de Janeiro do século XIX

	Livrarias	Tipografias
1801	2	—
1808	2	1
1810	6	1
1820	16	1
1823	13	7
1829	9	7
1842	12	12
1847	13	18
1850	12	25
1860	17	30
1863	17	32
1870	30	35
1880	27	35
1890	45	67

Observa-se um aumento significativo do número de livrarias, principalmente a partir de 1860, o que pressupõe também um crescente número de leitores para consumir o que estava sendo produzido. Hallewell (1985) diz que ao longo da década de 1820, do século XIX, o interesse de leitura dos brasileiros deixou de ser a teoria constitucional para ser os problemas políticos da época, encontrados nas publicidades sobre os livros a venda pelas livrarias.

A imprensa de Gutenberg foi determinante para a produção bibliográfica, algumas técnicas foram introduzidas e depois aperfeiçoadas. Entretanto, no Brasil, devido a legislação imposta na época a instalação de tipografias ocorreu depois que na Europa.

Assim, a evolução do livro e as características, que lhes conferem raridade surgiram ao longo do tempo, entre um século e outro. A fim de facilitar esse entendimento, criou-se três quadros didáticos, que não são arbitrários e fechados, com aspectos que marcaram a história do livro entre o século XV e XIX.

Quadro 2 – Características das obras quanto a capa, encadernações, decorações das encadernações, do século XV ao século XIX.

(continua)

Características	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX
Capa em madeira	X				
Capa em papelão		X			
Encadernação: tecidos valiosos ou peles estampadas	X				
Encadernação: marroquim (pele de cabra)		X	X		
Encadernação: couro com desenhos		X	X	X	
Encadernação em tecidos, veludo.					X
Decoração em placa de metal	X	X			
Decoração em ouro/Douração a fogo		X	X	X	

Quadro 2 – Características das obras quanto a capa, encadernações, decorações das encadernações, do século XV ao século XIX.

(conclusão)

Características	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX
Decoração com pedras preciosas	X				
Decoração com estampas				X	
Decoração com materiais que imitam couro					X

Fonte: (BN, 2000; MORAES, 2005; FROES, 1995; LITTON, 1975)

Quadro 3 – Características das obras quanto a ilustrações do século XV ao século XIX.

Características	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX
Ilustração: xilografia, xilogravura	X	X			
Ilustração: gravura em buril		X			
Ilustração: gravura a água-forte		X		X	
Ilustração: gravura em talho-doce ou cobre			X	X	
Ilustração: litografia				X	X
Ilustração: fotografia					X
Ilustração a cores	X	X	X	X	

Fonte: (BN, 2000; MORAES, 2005; FROES, 1995; LITTON, 1975)

Quadro 4- Características das obras quanto a folha de rosto, marca tipográfica e nota de edição do século XV ao século XIX.

Características	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX
Ausência da folha de rosto e presença do incipit (aqui começa) e excipit (aqui termina)	X				
Presença da folha de rosto		X	X	X	X
Marca tipográfica	X	X	X	X	X
Nota de edição (local e ano de impressão)	X Raramente no colofão	X	X	X	X

Fonte: (BN, 2000; MORAES, 2005; FROES, 1995; LITTON, 1975)

No final do século XVIII, inicia-se a fabricação mecânica de papel. Além dessa, outras inovações marcaram o século que estava por vir, foram desenvolvidas novas técnicas de impressão como as prensas rotativas, os sistemas fotográficos de gravação de matrizes, os métodos mecânicos de composição de tipos móveis, monotipo em 1894 e o linotipo em 1886.

Com o passar do tempo, a medida que aumentou a publicação de livros e com o aperfeiçoamento da impressão, houve uma preferência dos livreiros por encadernações mais simples e rápidas de se confeccionar. Além disso, o livro tornou-se menor tendo em vista a facilidade da leitura e principalmente a comercialização. Essa tendência culminou com a redução do custo das obras e sua popularidade entre as camadas sociais. Assim, o caráter manual, artesanal e artístico tornou-se cada vez mais raro de ser encontrado. Algumas das características adotadas pela BN ([2000]) que designam a raridade em obras são:

- Impressões de luxo: são obras impressas no século XX com toda a luxuosidade dos impressos pelas tipografias do século XV e XVI. Essas obras destinam-se a especialmente à bibliófilos, são em geral exemplares in-fólio, ilustradas, com pouca tiragem e podem conter assinaturas do autor.

- Coleções especiais (belas encadernações e ex-libris): Essas obras pertenceram a um fundo, e são importantes não somente pelo valor literário, mas pelo conjunto em que estão inseridas. Apresentam símbolos, os ex-libris, como

belos carimbos que indicam a marca de propriedade da obra, a quem pertenceu e a sua origem, aparecendo normalmente no verso da capa ou na folha de rosto. Através dos ex-libris é possível estudar um pouco da história pela qual passou o livro. Essas coleções abrangem também obras de encadernações valiosas, as quais pelas suas características extrínsecas permitem identificar a que século pertenceram assim como os tipógrafos que as produziram. As mais luxuosas possuíam filetes de ouro, pedras preciosas, couro, pergaminho, veludo, etc.

- Obras impressas no século XVII e XVIII: Nesse período surgem diversas tipografias e a produção do livro torna-se um importante meio de comércio na Europa. As obras são altamente ilustradas, sendo que no século XVIII o texto acaba sublimado em meio a tantas ilustrações.

- Impressões do século XV e XVI: As obras desse período são altamente artesanais, produzidas manualmente. Fazem parte desse período os manuscritos, os incunábulos, obras produzidas após a invenção da imprensa até 1500. Conforme já descrito, apresentavam incipit e excipit.

- Impressões no Brasil do século XIX: São impressos que marcaram o início da imprensa no Brasil, a partir de 1808, data em que foi autorizada a implantação de tipografias no Brasil, entretanto o monopólio ficou por conta da Impressão Régia até 1822, quando chegou ao fim a censura das publicações. Com isso, novas tipografias instalaram-se no país e observou-se um desenvolvimento da impressão no segundo reinado.

- Edições clandestinas: São obras impressas sem a autorização, ou seja, anteriores a 1808. Essas obras publicadas por motivos morais, religiosos, políticos ou por pirataria editorial eram proibidas no Brasil. Tais obras deveriam permanecer em manuscrito ou ser impressas na Europa.

- Edições com tiragem reduzida: Essas obras são limitadas a um determinado número de exemplares e normalmente não são reimpressos. São geralmente assinadas e numeradas.

- Exemplares que contém anotações: Essas anotações são manuscritas e podem ser dedicatórias do autor de uma obra, comentários sobre seu conteúdo ou autógrafa de celebridades.

- Obras esgotadas: Obras que se encontram esgotadas e não são reeditadas.

Essas características adotadas pela BN, normalmente servem de apoio a outras instituições brasileiras que possuem tais coleções. Não existe uma normativa

em âmbito nacional que estabeleça a raridade das obras, uma vez que o surgimento da imprensa ocorreu em períodos diferentes nas diversas regiões do país. Por isso, alguns locais têm como parâmetro datas diferentes, já que a raridade está relacionada a forma de produção artesanal. (RODRIGUES, 2006; SANT'ANA, 2001).

3.2 EXPOSIÇÕES DE OBRAS RARAS

Conforme explana Lopes e Pinheiro (2014) no que tange a montagem de exposições os bibliotecários não têm formação para tal, ao contrário dos museólogos que tem capacitação, estabelecida na constituição brasileira através da Lei nº 7.287 que expõe as atribuições da profissão de museólogo, no artigo 3º, parágrafo 2º e 14º, segundo os quais são responsáveis por todo processo que envolve uma exposição de carácter educativo e cultural no âmbito nacional e internacional (BRASIL, 1984).

Entretanto, o decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965, que Regulamenta a Lei no 4.084, de 30 de junho de 1962 sobre o exercício da profissão de Bibliotecário, no que tange a atividade profissional, em seu artigo 9º, diz que:

Art. 9º – O Bibliotecário terá preferência, quanto à parte relacionada com sua especialidade, no desempenho das atividades concernentes a:

- I. demonstrações práticas e teóricas da técnica biblioteconômica em estabelecimentos federais, estaduais ou municipais;
- II. padronização dos serviços técnicos de Biblioteconomia;
- III. inspeção, sob o ponto de vista de incentivar e orientar os trabalhos de recenseamento, estatística e cadastro de bibliotecas;
- IV. publicidade sobre material bibliográfico e atividades da biblioteca;
- V. **planejamento de difusão cultural, na parte que se refere a serviços de biblioteca;**
- VI. **organização de congressos, seminários, concursos e exposições nacionais e estrangeiras, relativas à Biblioteconomia e à Documentação ou representação oficial em tais certames.** (BRASIL, 1965, grifo nosso)

Observa-se que o bibliotecário pode utilizar-se de exposições para desempenhar as suas atividades, inclusive de cunho cultural, e com isso atender a uma das missões da biblioteconomia, que é disseminar a informação e preservar a memória do conhecimento, como em atividades expositivas.

A resolução n.º 42 de 11 de janeiro de 2002, dispõe sobre o Código de Ética do Conselho Federal de Biblioteconomia, no uso das atribuições que lhe são

conferidas pela Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962 e Decreto nº 56.72 de 16 de agosto de 1965, declara que “Os deveres do profissional de Biblioteconomia compreendem, além do exercício de suas atividades”, conforme alínea e “contribuir, como cidadão e como profissional, para o incessante desenvolvimento da sociedade e dos princípios legais que regem o país”. (BRASIL, 2002).

Portanto, o código de ética do bibliotecário pressupõe que o bibliotecário deve cumprir com suas funções estabelecidas em lei e ainda contribuir para o desenvolvimento social. A partir dessa aceção depreende-se que o bibliotecário deve utilizar todos os recursos possíveis para a difusão cultural, e nesse sentido as exposições além de atrair turistas, tem o objetivo de mostrar que o patrimônio bibliográfico e documental pertence a todos, transformando os usuários potenciais em usuários reais.

Diante disso, a montagem de exposições, mesmo que o bibliotecário não tenha estudado no curso de graduação, é um dos procedimentos que passa pelo que chamamos de transdisciplinaridade. De acordo com Pinheiro (2015) a carta internacional sobre a transdisciplinaridade ampara o bibliotecário, uma vez que o conhecimento hoje e o volume de informações que circulam é tamanho que uma área de conhecimento não pode impedir outra de entrar nela, no entanto é a ética que vai determinar até onde é possível ir (Informação verbal)¹¹. Ainda, complementa que as exposições realizadas na BN têm um carácter muito mais didático “isto é, de treinamento do usuário potencial, que envolve a difusão, o alcance da informação” (Informação verbal), facilitado pelo uso das legendas que explicam a obra.

Segundo Lopes e Pinheiro (2014, p. 29), as características das exposições na BN, representam boas práticas que servem de exemplo para outras instituições bibliotecárias e “emergiram mediante observação simples de duas exposições realizadas pela Divisão de Obras Raras da BN entre dezembro de 2013 e maio de 2014”. (ANEXO A).

A International Federation of Library Associations and Institutions (2004, apud Lopes e Pinheiro, 2014, p. 26) estabelece um conjunto de recomendações técnicas para a realização de exposições:

¹¹ Informação verbal concedida por Ana Virgínia Pinheiro em 13 de outubro de 2015 à Márcia Cortes.

- as exposições devem ser em vitrines fechadas e com alarme, exceto em caso de objetos emoldurados e marcados;
- o tempo de exposição máximo das obras em papel é de três meses e para períodos maiores, é preferível expor o fac-símile, por questões de segurança e preservação do livro raro;
- o responsável pela exposição é um bibliotecário curador ou conservador, dependendo da instituição;
- a inclusão de uma obra numa exposição pressupõe a ação do bibliotecário conservador como o responsável por avaliar sua raridade, valor e procedência; e a ação do restaurador como avaliador das características e condições do material, e é ele quem propõe qualquer tratamento de conservação necessário e que avalia as condições para a exposição.

Lopes e Pinheiro (2014, p. 26-27), ainda citam outras orientações abordadas na obra National Park Service de David Nathanson e Diane Vogt-O'Connor (1993, p. 2)

- os níveis de luz, em casos de exposição, devem ser mantidos a um máximo de 50 lux¹⁹;
- lâmpadas fluorescentes devem ser cobertas com um material de filtração de raios ultravioleta;
- um horário fixo para virar a página do livro deve ser estabelecido, para garantir que nenhuma página fique exposta à luz por um longo período de tempo;
- um apoio adequado deve ser utilizado para a exposição em livro aberto para evitar que o mesmo sofra pressão sobre a lombada e seja danificado.

Acredita-se que todas as recomendações citadas acima são essenciais para que as instituições possam realizar com segurança exposições, sem, entretanto, prejudicar as obras, ou reduzir ao máximo qualquer dano que possa ser causado. Paralelamente cumpre o papel de disseminar a herança e identidade cultural dos povos. Ogden (2001, apud PINHEIRO, LOPES, 2014) considera que a exibição de obras únicas e raras é uma atividade relevante das instituições que tem a missão de guardá-las.

Assim, pode-se afirmar que é imprescindível salvar a sua memória do esquecimento, tendo em vista que algumas obras são pesquisadas por poucos pesquisadores e caso não fossem expostas poderiam ficar por anos aguardando a chegada de um estudioso. Nesse sentido a exposição reavivaria o espírito da obra e incentivaria o ato da pesquisa e leitura.

4 TURISMO

O turismo é um fenômeno sociocultural amplo que consiste no deslocamento humano de um local para outro, independente do motivo que leva ao seu movimento. Pode ser definido também, como uma prática de lazer que se sustenta na utilização de recursos e serviços, e por isso, possui múltiplas dimensões, como: econômica, social, cultural, educativa, ambiental e outras.

Dias (2006, p. 14) cita que “O turismo é uma atividade que consegue envolver todos os aspectos da existência humana e o seu entorno natural”, ou seja, todos os recursos existentes, naturais ou culturais, produzidos pelo homem. Se os recursos são transformados em algo atrativo à visita, serão capazes de tornarem-se produtos turísticos.

Pode-se dizer também que o turismo permite o desenvolvimento social e econômico de uma comunidade ou de uma região, com a criação e comercialização de produtos turísticos, caracterizados por bens e serviços. Tal proposição pressupõe a conscientização da população quanto a sua preservação, uma vez que seu patrimônio se torna uma fonte de sustento proporcionando a geração de renda e emprego à sociedade.

O turismo é definido por Urry (1996) como uma forma de as pessoas fugirem de seu cotidiano, relaxar e encontrar uma nova realidade, diferente da sua, carregando consigo expectativas que são pré-requisitos para a escolha do local de viagem. Dias (2006, p. 12-13) compactua com essa visão e aponta que “O turismo apresenta algumas ideias-força que estão diretamente relacionadas com o ideário geral de nossa sociedade, entre as quais: desejo de fuga do cotidiano, de conhecer novos povos, novos lugares, volta à natureza...”. Além do mais esse mesmo autor diz que:

O turismo, ao lado da internet, pode ser considerado, hoje, um dos principais mecanismos pelos quais ocorre a aproximação das diversas culturas mundiais e concretizam-se os intercâmbios virtuais, que crescem em um volume sem precedentes na história. (DIAS, 2006, p. 4).

Atualmente, existe uma tendência mundial de o homem buscar a sua origem, viver o hoje e buscar prazeres da vida, ao mesmo tempo em que busca conhecer a história e a cultura de seus ancestrais. Nesse sentido a Internet tem contribuído muito, uma vez que instiga a aproximação real a partir da aproximação virtual.

O ato de viajar faz parte da natureza do homem e com o passar do tempo a atividade turística foi estruturada até que nos dias atuais se compreende diversos tipos de turismo. Destaca-se conforme Dias (2006) que no século XIX surgiu o vocábulo turismo e turistas, quando começou a ser praticado por uma quantidade maior de pessoas, até então restrito a um grupo social, no entanto, o turismo remonta a séculos anteriores.

No final do século XVII, surgiu o *Grand Tour*, expressão que veio a denominar as viagens da aristocracia pelo continente europeu, a fim de desbravar o mundo real. Inicialmente atendia os filhos da aristocracia e fidalguia europeia que saíam viajar por locais que gerassem conhecimento e experiências. Era considerado como parte de um processo da formação educacional e cultural dos jovens e representava um atributo de civilidade e de formação do gosto. Camargo (2008, p. 51) explica que os jovens saíam para apreciar ao vivo o que já conheciam através de fontes literárias, partir-se-ia para o conhecimento *in loco* e palpável dos monumentos remanescentes, em especial do Império Romano. As viagens duravam cerca de três anos, e compreendiam especialmente países como a França, Itália e Alemanha.

Segundo Costa (2009, p. 24) para torna-se membro de uma sociedade educada acreditava-se que “era necessário ver *in loco*, tanto as ruínas da Roma Clássica como as igrejas, os palácios e as coleções de arte das grandes capitais continentais”. Dessa forma, cultuava-se a experiência da viagem, observava-se que haviam muitas diferenças entre os costumes das diferentes nações e por isso buscavam “vivenciar intensa troca cultural com a população autóctone e outros viajantes”. (COSTA, 2009, p. 25).

Sob a égide do Renascimento italiano surgiram as viagens de interesse cultural. Motivados em conhecer os sítios históricos e arqueológicos que inspiraram obras de artistas, como Michelangelo e Leonardo Da Vinci, os aristocratas se aventuravam em viagens para apreciar estes locais e outras cidades que foram berço do movimento artístico.

A prática do *Grand Tour* foi precursora do turismo e levou o homem a descobrir o prazer pelas viagens, não somente como uma atividade de lazer, mas como uma prática enriquecedora de cultura através do conhecimento de novos idiomas, novos costumes, visita a monumentos e até a aquisição de obras de arte. Antes do *GrandTour*, apenas historiadores, comerciantes e desbravadores de terras saíam viajar para suas atividades, mas sem a intenção de lazer e recreação.

Posteriormente, no século XVIII, o *Grand Tour* ampliou-se para os filhos da classe média profissional, formada principalmente por burgueses. Assim, o *Grand Tour Clássico* baseado em observações e registro de galerias, visita a museus e outros elementos altamente culturais passou ao *Grand Tour Romântico*, que presencia o nascimento de um turismo voltado para a paisagem e sensível à emoção estética, como foi o caso de Goethe em suas viagens e relatos à Itália.

As experiências vividas pelo *grand tourist* durante as lentas travessias por mar ou por terra eram transportadas para os livros de relatos de viagens, que mostravam uma experiência mais particular, apaixonada pela beleza das paisagens poéticas e pelo sublime. Ainda, nesse século houve um progresso quanto à infraestrutura como as estradas e espaços que recebiam turistas como os balneários da Europa e quanto a recreação e sociabilidade. (URRY, 1996).

A Revolução Industrial impulsionou o turismo, quando o crescimento econômico dava seus primeiros sinais de prosperidade provocando mudanças no padrão de vida da população e em seus hábitos. Além disso, com a secularização da educação, a religião perde o vigor e deixa de ser um aspecto agregador de cultura. Nesse contexto, a educação torna-se um estimulante para o descobrimento de novas tradições, além do que viajar era considerado uma forma de enriquecer o conhecimento.

Em 1841, o inglês Thomas Cook organiza uma viagem para 570 pessoas de trem, de Leicester à Longhborough, na Inglaterra, para participação em um Congresso antialcoólico. Sem ganhar nenhum benefício pessoal, ofereceu chá e pedaços de presunto aos viajantes, que dançavam ao som de uma banda que os acompanhou no percurso. (DIAS, 2006).

Este foi o início da organização de viagens em grupo, onde Cook cria pacotes de serviços que incluíam cupons conhecidos como *vouchers* para transportes, hospedagens e atividades nos locais visitados. Este procedimento popularizou o turismo e possibilitou que um maior número de pessoas pudesse desfrutar de suas férias em locais diferentes ao de suas residências, e assim passa a ser copiado em todo o mundo.

Após a segunda guerra mundial, o turismo ganha força com o desenvolvimento de transportes, dos meios de comunicação, da urbanização, da organização das cidades e de sua infraestrutura para receber visitantes, como também os meios de hospedagem e as agências de turismo evoluem.

Outro fator que estimulou o turismo foram as conquistas de direitos trabalhistas, como as férias remuneradas e a redução da jornada de trabalho semanal, bem como o surgimento do décimo terceiro salário. (URRY, 1996).

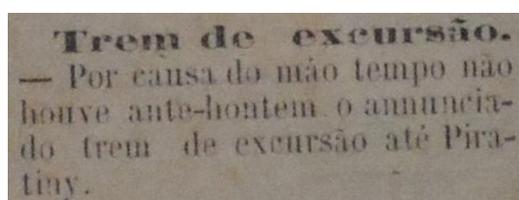
Dessa forma, os trabalhadores puderam programar suas férias e viajar, inclusive de trem, meio de transporte antes exclusivo da burguesia e ainda registrar suas viagens com câmaras fotográficas como a Kodak, que surgiu em 1888. Além disso, com a paz restabelecida em grande parte do planeta, era possível às pessoas viajar sem temor a conflitos.

A partir da Revolução Industrial as cidades foram criando os pilares para o desenvolvimento social impulsionando o turismo. O surgimento dos meios de comunicação, dos meios de transporte, da luz elétrica e da água encanada favoreceu o desenvolvimento do turismo e da infraestrutura de locais por onde passavam viajantes.

O município de Pelotas prosperou e instalou em sua urbe condições para seu desenvolvimento social, a partir do enriquecimento de sua classe abastada com as charqueadas. As estradas de difícil acesso eram sofríveis, e o trem era a melhor alternativa.

Conforme figura 1, reproduzimos uma notícia publicada em fins do século XIX, no Jornal Correio Mercantil, de um aviso que em razão do mau tempo, é cancelada uma excursão. Pode-se reparar em um incipiente turismo realizado pelos moradores da cidade sujeito a reveses climáticos.

Figura 1 - Turismo entre Pelotas e Piratini, no século XIX



Fonte: CORREIO MERCANTIL, 1. jan. 1898.

O jornal Correio Mercantil, assim como o Jornal do Comércio trazia notícias sobre viajantes e viagens de vapores com aspecto de lazer e turismo em Pelotas e região. Costa (2009) aponta que o turismo de massa se desenvolveu no século XX, principalmente na década de 70, substituindo o caráter cultural pelo divertimento e

descompromisso nas férias. Entretanto, esse tipo de turismo gerou impactos negativos, principalmente para o meio ambiente que teve muitos recursos explorados de forma não planejada. Ainda, não proporcionava contato entre os turistas e comunidades visitantes não acrescentando troca cultural e conhecimento.

Diante disso, surgiram estudos criticando o turismo de massa. Costa (2009) aponta a falta de originalidade, a superficialidade e pode-se dizer, a maneira plástica com que se desenvolve este tipo de turismo, como uma montagem.

A estruturação da experiência do turista de massa é totalmente superficial e ilusória: só consegue enxergar o local visitado protegido por uma “bolha ambiental” (materializada pelos hotéis de estilo americano, espalhados em cadeias internacionais, que lhe oferecem a segurança do referencial familiar) e o que vê são somente os “pseudoacontecimentos”, frutos da banalização e descontextualização das culturas visitadas, que transmutam de fonte de informação em simples bem de consumo sem autenticidade. (BOORSTEIN apud COSTA, 2009, p. 31).

Em decorrência da falta de originalidade e principalmente pelos problemas ambientais gerados pelo turismo de massa, por volta da década de 1990, começa a se pensar em um turismo sustentável, preocupado em proporcionar ao turista novas experiências, aprendizados e conhecimentos de outras culturas. Observa-se, portanto, que há uma retomada de características em voga durante o *Grand Tour*, que busca enriquecer a viagem com o saber.

4.1 TURISMO CULTURAL

É um dos segmentos do turismo que está diretamente relacionado com a cultura e o patrimônio, e ainda se mostra uma ferramenta de grande importância para a educação. O termo surge no final do século XX, em razão da criação de museus, da revitalização de cidades e centros históricos na busca por turistas interessados nos aspectos culturais de um povo.

A visitação a bens culturais, materiais e imateriais, pode agregar valor a um passeio turístico, seja através da literatura, da dança, da língua, nas artes, arquitetura ou em elementos que complementem o patrimônio cultural de determinado local. Explorar o potencial turístico local através da cultura é buscar no passado a história e as identidades de uma sociedade que lhes confere o sentimento de orgulho e pertencimento local.

Definir o turismo cultural torna-se complexo já que sempre há interação, entre o visitante, mesmo que de forma inconsciente com as distintas formas de cultura do local visitado. Por isso, é necessário estabelecer parâmetros que criem uma delimitação mais concreta. No entanto, o turista cultural busca, de forma intencional, pela memória, identidade, história e demais elementos que congregam a cultura visitada para com isso enriquecer o seu conhecimento.

Uma viagem sempre proporciona uma experiência cultural, mas o que realmente caracteriza o turismo cultural é a motivação da viagem em torno de temas da cultura e tradições. Carvalho, Luíndia e Aguiar (2010, p. 78) dizem que o turismo cultural possui a “[...] capacidade de promover a importância e a valorização de determinado objeto, espaço ou lugar...” que por sua vez, resultam da cultura de um povo e levam a construção de uma memória coletiva.

Além disso, o turismo cultural oferece a oportunidade de contribuir com a restauração e de cultivar tradições antes ameaçadas ao desaparecimento fortalecendo seus significados. As manifestações culturais são formas de reverenciar o passado, embora com o passar do tempo, as comunidades passem a incorporar novos elementos e a sua função social venha a modificar-se, o turismo possibilita que a sua função simbólica seja fortalecida contribuindo assim, para uma reconstituição cultural e consolidação de uma identidade coletiva.

O turismo, como atividade calcada em serviços, transforma o que é tangível e intangível, como a história e suas interpretações em atrativos turísticos, em produtos, serviços e bens, mas principalmente em uma experiência sensorial e que possui um preço. Estes produtos integram o conjunto de recursos culturais a serem ofertados e consumidos e que geram o desenvolvimento econômico do local.

Ribeiro e Santos (2008) destacam três segmentos dos recursos culturais que promovem a articulação com a sociedade com vistas ao turismo:

- Espaços culturais (bibliotecas, teatros, museus);
- Iniciativas ou manifestações culturais (exposições, apresentações teatrais);
- Sujeitos que motivam e apóiam a oferta cultural local (administrações públicas, instituições, etc.).

Compreende-se que os recursos turísticos são essenciais para alavancar o potencial turístico de um local, assim como para planejar ações que envolvam todos os agentes sociais e tragam benefícios ao patrimônio e à sociedade. Conforme

Edson Leite (2011), sempre haverá consumo cultural, seja pelos atrativos naturais, históricos, culturais ou programados e claro, pelos serviços que são oferecidos.

Na concepção de produtos, os atrativos naturais são os que compreendem a natureza, a paisagem e o meio ambiente natural. Já os atrativos programados são eventos em diversas áreas do conhecimento, como feiras científicas que ao serem produzidas atraem um público que participa de eventos e também realiza turismo. Os atrativos históricos culturais compreendem uma ampla oferta e englobam toda a cultura de uma sociedade, tais como de museus, bibliotecas, arquivos, monumentos, arquitetura, comidas típicas, festas e outros.

No turismo cultural, o produto turístico é a própria cultura local que proporciona uma experiência diferente ao turista que interage, provocando uma sensação inovadora em relação ao que está habituado em seu cotidiano. Dias (2006) aponta como produto turístico tudo que é oferecido aos turistas, desde os atrativos nos museus e festivais, a infraestrutura da hospedagem, os serviços até o que será consumido, como os alimentos. O produto turístico começa a ser constituído desde que o viajante opta em fazer uma viagem até o seu retorno à cidade de origem.

Segundo Dias (2006), existem diversos subprodutos que acompanham o produto principal, e a soma de todos estes, como a estadia, a receptividade, a infraestrutura e os serviços básicos oferecidos correspondem a níveis diferentes de experiência turística. Além disso, a proteção, a qualidade do seu meio ambiente e os serviços propriamente ditos permitem ao turista realizar de forma adequada sua visita ao território onde estão os atrativos turísticos.

Portanto, todas as experiências vivenciadas pelo turista influenciam na qualidade final do produto. Ao atender ou superar as expectativas do turista, irá seduzi-lo novamente, assim como poderá trazer e influenciar outras pessoas para visitar o local.

A presença de turistas, em relação a uma comunidade com semelhanças culturais entre seus indivíduos, reforça as diferenças entre eles, estabelecendo-se uma nítida linha entre os traços culturais dos receptores e dos visitantes. Corroborando com essa afirmação, Dias (2006, p. 51) diz que:

O grupo social constituído pela comunidade receptora pode fortalecer-se na presença do outro, particularmente se existirem símbolos sociais bastante

conhecidos que servem como elemento aglutinador e com o qual as pessoas se identificam.

Dessa forma, a identidade da comunidade receptora é fortalecida com a presença dos turistas com hábitos e costumes diferentes dos seus, assim como também é reconhecida e valorizada.

As diversas culturas expressas nas artes, na música, na dança, nos valores, nos símbolos e em tantas outras manifestações constituem um conjunto de elementos que diferenciam os povos. Essa diversidade cultural desperta no homem, em seus momentos de lazer, o interesse em conhecer o diferente, tornando-se prazeroso “descobrir” o que é “desconhecido”. Dessa forma, consumir o que o outro tem a oferecer é, sentir, incorporar e viver, mesmo que de forma rápida e provisória, a sua cultura.

Tendo em vista a pluralidade cultural existente em um país de dimensão continental como o Brasil, formado por povos de diversas origens, há uma vasta gama de patrimônios e expressões culturais a serem exploradas pelo turismo, o qual tem a capacidade de promover e preservar a identidade cultural nacional.

A associação entre o turismo e a cultura vem ampliando a percepção de patrimônio na sociedade atual, antes restrito a arquitetura e monumentos. O patrimônio constitui-se de bens que vão muito além dos tradicionais e abrange a cultura imaterial como o conhecimento materializado através de suportes informacionais, como os registros presentes em bibliotecas. Segundo Dias (2006, p. 46)

O patrimônio cultural é a essência do turismo cultural, a grande motivação para o deslocamento dos turistas e capital cultural valioso para as comunidades, pois representa um produto turístico que, se bem administrado, pode perdurar indefinidamente. Nesse início do século XXI, há um incremento da discussão sobre a relação entre patrimônio cultural e turismo, motivado pelo aumento tanto da atividade turística em si como pela diversificação de interesses da população em geral, o que implica riscos para o patrimônio em função do crescimento, muitas vezes incontrolável, da atividade turística.

Concordando-se com a visão desse autor, o turismo cultural está entrelaçado no patrimônio cultural de um povo, em seus diversos aspectos. Nesse sentido, é relevante identificar todo potencial cultural que pode ser explorado pelo turismo, tendo em vista a afirmação da identidade local de uma comunidade e as características que a delimitam como atrativos turísticos. A partir daí, é possível

planejar-se o segmento turístico de forma sustentável, adotando-se medidas que permitam o crescimento da economia local e ao mesmo tempo preserve o patrimônio visitado.

As cidades, por si só, não são em sua totalidade territórios turísticos, o turismo gira em torno do que é atraente, comercializável e passível de ser visitado. Os fluxos de turistas, quando os centros urbanos são minimamente planejados e comercializados, são direcionados para edificações relevantes que abrigam monumentos, ruas e avenidas que possuem uma simbologia especial compondo uma paisagem de interesse turístico, uma vez que representam a história do local de seus habitantes.

A partir de práticas culturais tradicionais, que compreendem artesanatos, eventos, festas, gastronomia e comemorações regionais, é possível transformá-las em produtos turísticos e com isso, gerar benefícios econômicos à sociedade. Paralelamente, há também um resgate da identidade cultural local e regional pela valorização de suas raízes e singularidades.

Dessa forma, o turismo favorece o desenvolvimento social contribuindo para a melhora da qualidade de vida da população local a partir da geração de emprego e renda, a qual pode ser revertida para a preservação dos bens culturais. Além disso, com a valorização cultural local, há maior interesse da população em resgatar a sua história, gerando um orgulho e fortalecendo sua identidade cultural.

De acordo com Correa (2010), a tematização cultural é uma das pontes que une o turismo e a cultura a fim de se desenvolver as cidades. Esta pode estar associada aos recursos patrimoniais a fim de se destacar e valorizar os centros históricos, os conjuntos arquitetônicos incluindo museus, bibliotecas e monumentos.

A interpretação da cultura e patrimônio abordado na literatura por Meneses (2006, p. 82) revela que:

Interpretação da cultura é um conjunto de ações basicamente de comunicação onde se busca definir um atrativo, informa-se sobre seus possíveis significados, apresenta-se o objeto patrimonial em questão (presencialmente de preferência) e revelam-se os significados sociohistóricos dele.

Esse processo confere valor a experiência do turista em conhecer um patrimônio. A interpretação da cultura possibilita uma melhor compreensão, de forma agradável e prazerosa, do significado e aspectos culturais do local visitado, através

do contato direto e simulações que o colocam diante da realidade e do contexto social.

Imagine a seguinte representação, adaptada da cena do livro de José Meneses (2006):

Um poeta recita uma poesia para um determinado público no interior de uma biblioteca, aquele público ávido pela sua poesia o escuta atentamente. Enquanto isso, em outra sala, um estudioso busca incessantemente por uma notícia publicada num jornal do início do século XVIII. Ainda, em outra seção, um velho senhor, se emociona ao ver a nova exposição temática de obras raras e valiosas realizadas na instituição.

Nesse mesmo período em que ocorrem tais fatos, a biblioteca também está aberta para visitação turística. Um guia acompanha um grupo de quinze turistas e os apresenta   biblioteca, comenta a história de Pelotas, situa a sua importância no contexto histórico da cidade e explica a funda o da institui o. Ainda, circula pelos espaços da biblioteca e mostra as cole es que compõe seus diversos acervos e setores, como de obras raras.

Quando o grupo de turistas passa pelo poeta recitando suas poesias,   convidado por este a juntar-se aos demais ouvintes para escutar suas declama es. Os turistas sentam-se e escutam aquele belo recital que foi declamado por Lobo da Costa, no século XIX, em Pelotas. Através dessa poesia eles conseguem imaginar-se naquele período de grande relevância cultural e vivenciar uma experiência cultural diferente.

No pavimento superior, onde está ocorrendo a exposi o temática de obras raras, com livros, fotografias e documentos históricos valiosos, sobre os principais fatos que marcaram a trajetória da cidade de Pelotas, ocorre um momento curioso que provoca uma nova sensa o aos turistas. Ao passar por essa se o, um turista atravessa a porta de acesso a essa exposi o e fica impressionado com as obras e a emo o do velhinho ao ver as fotos e lembrar sua infância naquelas páginas amarelas, que contam a história de seus av s no século anterior. Essa exposi o chamou a aten o do turista que logo foi chamar o restante do grupo para vislumbrar.

Aquele senhor   um velho conhecido da biblioteca, há dez anos todos os dias, no mesmo horário, vai até lá para ler o mesmo jornal e prestigiar as exposi es que ocorrem a cada trimestre. O guia turístico, ao perceber o interesse dos turistas pela

exposição e por aquele velhinho, interage com o mesmo para que haja uma integração inicial entre o grupo e aquele usuário assíduo da biblioteca.

Essas cenas retratam o cotidiano da biblioteca, e mostram como experiências habituais podem ser benéficas para experiência pontuais de um grupo de turistas. O velhinho, o poeta e o estudioso também podem ser considerados atrativos, fazem parte do cotidiano da biblioteca, agregam valor ao passeio dos turistas e despertam a curiosidade, bem como aquela exposição de obras raras, enriquecendo a visita daqueles que não a conheciam.

4.2 TURISMO LITERÁRIO

O turismo literário é um segmento do turismo cultural que tem como princípio a literatura e apesar de não constar nas tipologias turísticas propostas pelo Ministério do Turismo, é abordado por Simões (2007) e, Salvador e Baptista ([2011]). O turismo literário no Brasil pode-se dizer, é um segmento novo e sua prática é ainda incipiente e pouco conhecida.

No entanto, apesar das tímidas iniciativas nosso país possui potencial para desenvolver o turismo literário. Para Salvador e Baptista ([2011], p. 8) “Desenvolver esta vertente do turismo cultural valoriza e preserva a história, o patrimônio construído, o incentivo a leitura e movimenta e desperta o poder intelectual das sociedades”. Essa reflexão mostra que o turismo literário extrapola a leitura e incentiva o pensamento crítico aproximando o leitor de espaços reais. Simões (2006, p. 12) afirma:

Operar o turismo através da literatura implica uma compreensão do funcionamento do mercado cultural no contexto globalizado. É forma de valorização do discurso literário e do bem simbólico local, que habita o imaginário ficcional. O bem simbólico presente na literatura é consubstancializado para o turista através do patrimônio cultural arquitetônico (material) e do imaterial (mitos, lendas, folclore, danças, música, culinária, hábitos de um povo) e, ainda, do patrimônio natural. Por essa ótica, a cultura sobrepõe-se ao mercado, pois é ela quem dará o “tom” da relação entre local e global, entre cultura e turismo.

Com essa explanação, os autores esclarecem que a literatura tem a capacidade de atribuir simbologias ao patrimônio material e imaterial. Com isso, fortalece o patrimônio a partir do imaginário do leitor uma vez que lhe permite reconhecer, na realidade, elementos presentes na ficção.

A conexão da literatura, do patrimônio e da cultura, é capaz de desencadear o turismo. A transposição da cultura para múltiplos lugares é facilitada pela globalização, pelos meios de comunicação de massa fazendo com que o patrimônio local possa ser conhecido e reconhecido para além da literatura acarretando o deslocamento de muitas pessoas atraídas pelos bens simbólicos. Nesse contexto, portanto, o turista faz uma releitura de forma presencial da leitura ficcional.

Segundo Robinson e Anderson (2003 apud HENRIQUES, 2010, p. 6) a literatura pode ser entendida como um patrimônio “literatura heritage” em seus diversos gêneros: poesia, prosa, drama e ficção. Enquanto patrimônio, a obra, seja literária ou não, guarda em si todo o conteúdo que um autor desejou expressar, revelando muitas vezes, o pensamento e traços que identificam a sociedade em determinado período da história, o que chancela a sua importância como um bem de preservação da memória. Com isso, através da literatura o leitor pode reviver o passado de forma ficcional, construir um novo olhar sobre a história e a identidade a que pertence um povo.

No âmago da literatura podem-se inserir aspectos históricos, culturais e míticos que contribuem para a construção simbólica de um grupo social que denominamos de identidade. O leitor, ao debruçar-se sobre o texto, reinterpreta-o e lhe atribui novas significações que irão habitar seu imaginário, e ao ter uma nova visão sobre o passado, mesmo que reconstruído pelo autor, é capaz de evocar suas memórias.

O livro torna-se então um propulsor do turismo literário ao instigar a mente do leitor que fascinado pela obra lida, decide conhecer o cenário real ou imaginado a fim de obter uma experiência autêntica. Atraído pelo enredo, pelos personagens, ou por outros elementos que compõe a obra, o leitor desloca-se para reencontrar na realidade a vivência literária e os personagens encarnados, que sabe de antemão, jamais existiram, mas resta o desejo de viver, mesmo que de forma passageira, a magia trazida pela literatura. Henriques e Henriques (2010, p. 8) explicam o objetivo de um itinerário literário:

Fazer o percurso pode contribuir para “sentir” e “compreender” melhor o livro, uma vez que sentimento e compreensão se podem interpenetrar, mesmo que de forma tênue. O pressuposto é de que “sentimento” pode contribuir para uma maior “compreensão” do livro e vice-versa. Nesta lógica, vários elementos exteriores (por exemplo, referencia dos escritores a ruas, cafés, monumentos, músicas, etc.) podem contribuir, não para uma maior

compreensão do livro, mas para um maior sentimento do livro. O livro funciona como o elemento integrador, em que vários elementos exteriores coincidem para lhe dar maior sentimento.

O percurso literário tem a possibilidade de proporcionar ao visitante uma experiência autêntica que Pine II e Gilmore (1999, apud Henriques, 2010) dizem ser “transformadora”, onde o turista relaciona elementos vistos no trajeto com o referenciado na obra ficcional. Além disso, o percurso pode simplesmente conferir um momento alegre e divertido, descomprometido com aspectos culturais. (HENRIQUES; HENRIQUES, 2010).

Outrossim, observa-se que a literatura age como uma mola propulsora do turismo literário, uma vez que o leitor vai além do texto, e cativado pela obra transforma-se em turista viajando até o local imaginado durante a sua leitura que deseja conhecer.

O turismo literário apresenta benefícios aos destinos turísticos, como:

- Valoriza a cultura e fortalece tradições;
- Promove o patrimônio e os diversos elementos tangíveis e intangíveis presentes em um local;
- Provoca o sentimento de orgulho e pertencimento nos moradores que são procurados a partir de referências culturais presentes nas obras literárias.

Dessa forma, a interconexão da literatura com diversos aspectos culturais de um povo além de incentivar a leitura, preserva e valoriza a história, e motiva o deslocamento dos leitores. Para Henriques e Henriques (2010, p. 7) o turismo literário deverá articular-se com outros elementos patrimoniais e identitários de um local, como arquitetura, paisagens, linguística, regionalismo e outros a fim de propiciar ao turista uma experiência cultural e ao mesmo tempo criativa.

Conforme Rebouças (2014) o local onde determinado autor viveu e escreveu suas obras também desperta o interesse dos turistas culturais, configurando o turismo literário. O turismo literário se constitui como uma modalidade dentro do turismo cultural, que por meio de obras literárias transforma os locais fictícios de um livro ou imaginados pelo leitor em lugares atrativos turisticamente. Dessa forma, os livros e os autores são agentes promotores do turismo literário.

Com mais uma das tantas vertentes do turismo cultural, o turismo literário é um segmento que proporciona aos seus leitores o poder de vivenciar “os lugares reais ou imaginários das obras ou das vidas dos seus autores e àqueles que não

têm a leitura das obras, o incentivo à ampliação do conhecimento intelectual e o despertar para a valorização do ato de ler.” (SALVADOR, BAPTISTA, [2011], p. 2).

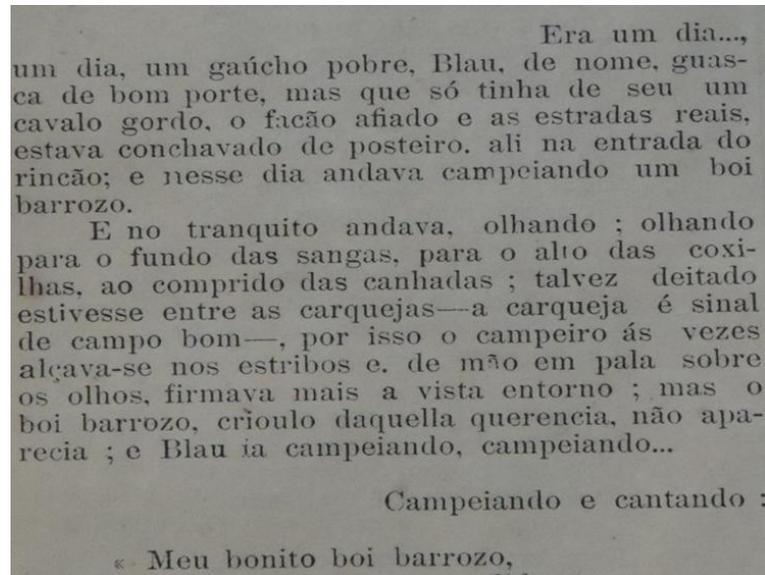
A estreita relação entre viagem e literatura, desperta a curiosidade no leitor e provoca seu imaginário. De forma similar ao turismo, a literatura permite no turista uma fuga de sua realidade e tem a capacidade de transportá-lo para um mundo imaginário. Movidos pelo deslumbramento provocado pelas narrativas, os leitores adicionam o turismo em seus desejos, a fim de conhecer na realidade o cenário ficcional das páginas lidas.

Conforme Simões, (2002) o leitor ao ter sua imaginação aguçada viaja por locais fictícios, sendo assim um leitor-turista. No entanto, quando a sua leitura já não mais satisfaz seus passeios imaginários, o leitor almeja conhecer o cenário real que inspirou o autor, tonando-se um turista-leitor. Com isso, “De leitor a turista é um passo: aquele que a mobilidade e o trânsito permitem. Torna-se turista-leitor, viajando para re-conhecer e observar as re-significações daquelas cidades, antes “visitadas” através da leitura”. (SIMÕES, 2009, p. 9). Dessa forma, é possível afirmar que a literatura incentiva e provoca o deslocamento real de turistas.

A possibilidade de ampliar o turismo a partir de uma obra literária aumenta quando são realizadas adaptações para o cinema, para o teatro e outros meios, ultrapassando a arte literária, o cenário da ficção ganha notoriedade e uma maior visibilidade. Pode-se citar como exemplo, a minissérie “A casa das sete Mulheres”, gravada em Pelotas na Charqueada São João, baseada no livro homônimo de Letícia Wierzchowski sobre a Revolução Farroupilha, que alavancou a venda após a série. Além do mais, outra possibilidade que amplia o carácter cultural da Charqueada foi a hospedagem do escritor Auguste de Saint-Hilaire, que relatou sua passagem pela cidade na obra “Viagem ao Rio Grande do Sul”.

Existem ainda, publicações presentes na BPP que estimulam o turismo literário em Pelotas, como as obras do célebre João Simões Lopes Neto, que foi um dos grandes expoentes na literatura sul-rio-grandense. Ele retrata em sua obra regionalista o típico homem do sul, o gaúcho, uma figura rebaixada socialmente, que ganhou notoriedade ao ser transformado em “herói” na literatura. Pode-se citar como exemplo a obra Lendas do Sul, narrada em primeira pessoa, que concede autenticidade aos personagens e ao ambiente fictício. Dessa forma, Blau e Romualdo habitam a mente dos leitores que passam a imaginar essas figuras naquele “cenário” dos campos do Rio Grande do Sul. (Figura 2)

Figura 2– O regionalismo gaúcho que estimula o turismo literário em João Simões Lopes Neto



Fonte: (LOPES NETO, 1913)

As projeções ideológicas manifestadas nas suas obras literárias correspondem ao seu discurso nacionalista e ufanista, proferido na BPP em uma conferência, onde afirma:

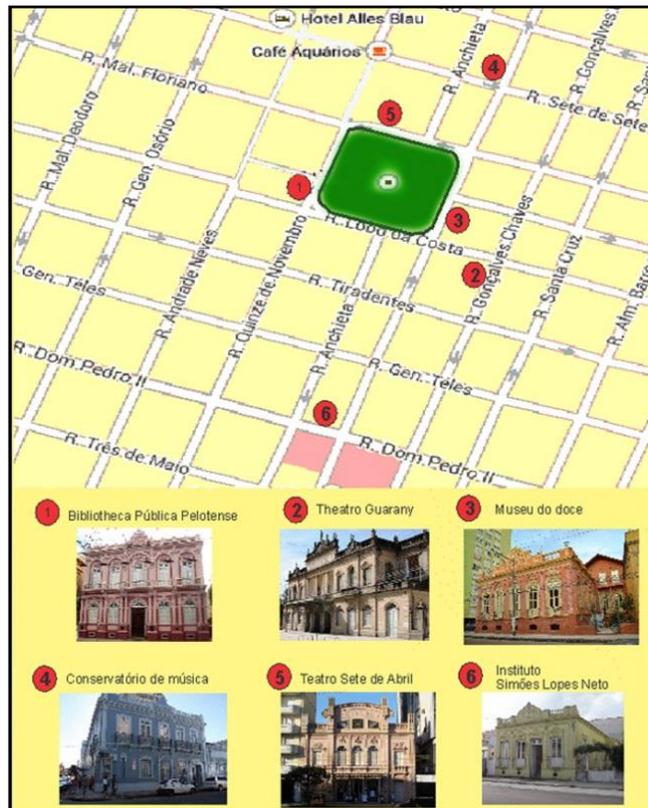
Ser brasileiro, significa distinção e vantagem. Assiste-nos o direito de proclamar, cheios de desvanecimento, a nossa origem, sem receio de confrontar o Brazil com o primeiros paizes do mundo. Varios existem mais prósperos, mais poderosos, mais brilhantes que o nosso. Nenhum mais digno, mais rico de fundadas promessas, mais invejável. (ANNAES..., 1904).

A partir do legado literário deixado por João Simões Lopes Neto à literatura gaúcha e por sua especial ligação coma BPP, onde proferiu palestras, foi secretário e grande incentivador da cultura, é possível transformar Pelotas em um referencial turístico e literário do escritor.

Com isso, abre-se a possibilidade de se criar uma rota turística literária, partindo da BPP, remetendo às origens simbólicas do povo gaúcho, sob a ótica simoniana, envolvendo a cultura regional, um conjunto de lugares específicos e o patrimônio bibliográfico, documental, histórico e artístico que a cidade possui. Para um melhor entendimento e visualização, segue conforme figura 3, uma proposta de

roteiro turístico que poderia ser desenvolvido, em alguns espaços culturais da cidade: BPP –Theatro Guarany - Museu do doce –Conservatório de Música – Teatro 7 de Abril – Instituto João Simões Lopes Neto.

Figura 3 - Roteiro turístico em Pelotas



Fonte: Autora (2016).

O patrimônio literário deixado por João Simões Lopes Neto juntamente com o patrimônio arquitetônico, trazem para o presente a história e a cultura desse local. Situada próxima a Lagoa dos Patos, Pelotas integra um grande número de prédios tombados, seja a nível federal, estadual ou municipal.

Além do mais, diários de viagens de diversos autores são “convites” que instigam o leitor a viajar até Pelotas, conforme as obras da tabela 2.

Tabela 2 - Obras que retratam Pelotas e inspiram o turismo literário

Escritor	Título da obra	Ano
John Luccock	Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818	1809
José Caetano da Silva	Diário de viagem (inédito). Transcrito em P. Rubem Neis, "Pelotas em 1815"	1815
Auguste de Saint-Hilaire	Viagem ao Rio Grande do Sul	1820
Arséne Isabelle	Viagem ao Rio Grande do Sul	1834
Jean Baptiste Debret	Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Tomo I. (Vol. II). Viajantes da província do rio grande	1835
Nicolau Dreys	Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul	1839
Conde d'Eu	Viagem militar ao Rio Grande de São Pedro do Sul	1865
Machado de Assis	Quincas Borba	1891
Vittorio Buccielli	Un viaggio a Rio Grande del Sud	1905
João Simões Lopes Neto	História de Pelotas	1911

Fonte: (MAGALHÃES, 2002).

Pode-se citar como exemplo de turismo literário no Brasil, os percursos e itinerários percorridos na cidade de Salvador, retratando as diversas obras de Jorge Amado como "Gabriela cravo e canela", "Terras do sem fim", "São Jorge dos Ilhéus", entre outras apresentando a história, aspectos culturais do povo e da Costa do Cacau. Na busca por traços identitários, reconfiguram-se outros e assim o leitor encontra na realidade respostas para as motivações de sua viagem, satisfazendo seu imaginário que agora, é resignificado por um ambiente que foi transformado para receber turistas.

Henriques e Henriques (2006, p. 17) explanam e comparam dois exemplos de turismo literário na periferia da Europa nas cidades de Dublin e Lisboa, respectivamente dos escritores James Joyce e Fernando Pessoa. Os autores apontam que apesar de haver itinerários em Lisboa relacionados a obra de

Fernando Pessoa o turismo literário é ainda incipiente e restrito a entidades culturais. Quanto a cidade de Dublin, os autores afirmam que “Os itinerários associados a James Joyce deixaram de estar apenas circunscritos ao domínio cultural e passaram a ser referenciados no marketing turístico da cidade” (2006, p. 17). Esse fato se dá em virtude do planejamento e inserção do patrimônio literário em eventos e locais, de forma a ressaltar os elementos tangíveis e intangíveis de sua obra.

O turismo literário, também pode ser exemplificado quando algumas histórias fictícias são tão próximas da realidade que confundem o leitor. Esse é o caso da obra do escritor inglês Arthur Conan Doyle que escreveu o célebre “Um estudo em vermelho” publicado inicialmente no periódico Beeton's Christmas Annual.

A trama do romance policial apresenta um investigador do final do século XIX e início do século XX, chamado “Sherlock Holmes” que utiliza o método científico e a lógica dedutiva em seus inquéritos. Sherlock Holmes “viveu” em Londres de 1881 a 1903 com seu amigo, o médico Dr. John Watson, na rua 221 Baker Street, com quem dividia seu quarto. O local onde residia Sherlock Holmes era fictício, mas, na realidade, a rua existia e era bastante movimentada.

Por volta de 1932, foi construído um prédio, ocupado pela Associação Abbey Road Building Society, que recebeu numeração de 215 a 229, e assim que teve sua instalação, começou a receber cartas do mundo inteiro endereçadas a Sherlock Holmes. Com isso, foi criado um secretariado somente para receber as cartas e posteriormente essa associação, construiu uma estátua em bronze em homenagem ao ilustre personagem. Hoje, o local tornou-se um museu (Figura 4) que recebe turistas do mundo inteiro.

Figura 4 - Museu Sherlock Holmes



Fonte: (VISITLONDON, [200-?]).

Conan Doyle escreveu 56 contos e quatro romances. Seu personagem desvendava os crimes mais insolúveis e misteriosos foi criado inspirado na vida real. Durante sua faculdade de medicina, Arthur Conan conheceu Joseph Bell, seu professor que tinha a habilidade de deduzir a vida das pessoas através da observação. Há mais de cem anos o personagem Sherlock Holmes habita o imaginário de leitores do mundo todo e muitas pessoas, acreditam que o personagem realmente existe. Portanto, ao despertar a imaginação, a literatura é um meio de potencializar os fluxos turísticos.

A obra Don Quijote de la Mancha de Miguel de Cervantes Saavedra também instiga leitores a conhecer os locais pelos quais os personagens Dom Quixote e Sancho Pança se aventuraram. Quixote vive no mundo da literatura e movido por sua imaginação confunde realidade e fantasia. Decide então, partir para o mundo como um cavaleiro acompanhado do fiel escudeiro Sancho Pança. Juntos os personagens vivem diversas aventuras antes de retornar a cidade de Mancha.

A obra escrita no século XVII é lida, ainda hoje, e desperta a curiosidade de muitas pessoas que partem para um roteiro turístico, por cidades espanholas, a começar por Alcalá de Henares, cidade onde nasceu Miguel de Cervantes. A cidade abriga a casa onde residiu o escritor que se transformou em museu (Figura 5) em sua homenagem.

Figura 5 - Museo Casa Natal de Cervantes



Fonte: (VESSONI, [2016?]).

Por diversas localidades espanholas existem referencias à obra do escritor que lembram e trazem à tona seus personagens. Conforme Viagem em Pauta (2016) existe um passeio ferroviário, entre as cidades de Madri e Alcalá de Henares onde ocorre uma dramatização sobre uma das principais obras do escritor. Trazer para o cotidiano das cidades, elementos culturais, fomenta o turismo e a leitura da obra aos visitantes, quando não a leram. Dessa forma, o turismo literário dá um novo sentido a história, e intensifica o sentido da obra.

Um evento de grande importância no cenário cultural brasileiro é a Festa Literária Internacional de Paraty, conhecida como FLIP que ocorre no estado do Rio de Janeiro com objetivo de promover a literatura. Durante a feira, a cidade recebe renomados escritores da literatura nacional e internacional, leitores, intelectuais e turistas de todos os lugares do mundo. Paraty tornou-se um pólo cultural, que além da beleza natural possui um patrimônio arquitetônico preservado, aliando patrimônio, cultura e turismo em um evento único.

Durante cinco dias, a festa oferece debates, oficinas literárias, eventos paralelos para crianças e jovens. Além disso, a cada ano um autor é homenageado, pondo em evidencia a gama de escritores brasileiros e incentivando a cultura. Esse evento incide diretamente no turismo cultural e literário além de colocar Paraty no roteiro turístico dos principais festivais literários do mundo, tais como: Hay-on-Wye

(País de Gales), Adelaide (Austrália), Harbourfront (Canadá), Berlim (Alemanha), Edimburgo (Escócia) e Mantua (Itália). Iniciativas como esta, repercutem no interesse do público pelo turismo cultural literário no restante do Brasil, já que as experiências vividas na FLIP tem essência literária.

Outro evento nacional que se destaca é a Jornada Nacional de Literatura que ocorre em Passo Fundo. São realizadas diversas atividades como workshop, shows musicais, sessão de autógrafos, mostra de filmes, exposições fotográficas e de artes, oficinas e debates voltados para a leitura e literatura. Essas ações fomentam a prática cultural e incidem sobre a formação do gosto pela leitura e literatura dos participantes.

Com isso, eventos culturais e literários promovem o turismo literário ao instigar a imaginação dos participantes, que de leitores poderão transforma-se em turistas. Além disso, a reconfiguração de espaços culturais, inclusive aqueles presentes na literatura perpassam por um conjunto de ações no sentido de dar um novo espírito ao local, inserindo no cotidiano novos valores presentes na literatura. Assim, o turismo assume um papel intermediário entre o passado e o presente, preservando a cultura através da literatura.

A literatura, portanto pode provocar no leitor o desejo de conhecer os locais citados na obra, bem como características típicas, regionalidades e costumes que identificam o local e despertam seu imaginário. A partir da literatura intensifica-se o interesse de pessoas por tradições diferentes da sua, o que as motiva e provoca o deslocamento até o local real que foi abordado em uma obra ou que inspirou a sua produção, caracterizando o turismo literário.

5 MARKETING APLICADO EM BIBLIOTECAS

A aplicação de marketing em bibliotecas pode-se dizer, é de grande valia para que se conheçam as expectativas dos usuários e suas necessidades. A partir disso, se tem subsídios para desenvolver uma agenda cultural atrativa e satisfatória à todos. Além disso, outra razão para a abordagem do marketing em unidades de informação é a divulgação de produtos e serviços e maior interação com usuários.

O marketing alavancou após a Primeira Guerra Mundial, com a superprodução, quando as máquinas substituíram a produção artesanal abrindo espaço para uma gama de produtos que precisava ser consumida.

Conforme Ferreira (1993) existe uma variedade de pontos de vista sobre o conceito de marketing, reunidos pela autora em três categorias e apesar das diferenças ela aponta o enfoque lucrativo, administrativo e econômico que é dado ao marketing e alerta que é preciso ter cautela ao aplicar-se um conceito em fenômenos distintos, uma vez que a informação é um produto intangível. Entretanto, é possível adaptar o marketing às bibliotecas a fim de ampliar a sua visibilidade e mostrar a comunidade toda sua herança cultural transformando-as em verdadeiras fontes de informação ao invés de meros repositórios. Nesse trabalho considera-se essa a principal razão para sua aplicação.

O marketing apresenta-se como um conjunto de ações administrativas e incrementadoras que visam atender as expectativas humanas e sociais, sendo que para atingir seus objetivos é preciso analisar, planejar, implementar e controlar um plano de ação pré-estabelecido. Corroborando com Amaral (1998, p.55) “envolve a criação de planos e programas num processo gerencial”. Pode-se dizer que o marketing consiste em criar uma alternativa para satisfazer as necessidades de um determinado público promovendo com isso uma instituição, com ou sem fins lucrativos, de acordo com um planejamento.

É possível, conforme Kotler e Keller (2013, p. 3) transformar uma “necessidade particular ou social em uma oportunidade”, ou seja, a partir de uma inquietação encontra-se uma solução criativa e útil que irá ser trocada por valores pela sociedade como um todo. Sob uma perspectiva social Kotler e Keller (2013, p. 4) definem que o “marketing é um processo social pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e desejam por meio da criação, da oferta e da livre troca de produtos de valor entre si”. A troca de produtos compreende bens e serviços

intangíveis que satisfaz a necessidade dos indivíduos. Assim, o marketing está relacionado com o desenvolvimento de produtos e serviços e a comunicação destes com a sociedade visa influenciar em seu comportamento.

De acordo com Kotler (2013) o marketing tem o papel de incutir nos cidadãos o desejo por determinado produto como se ele fosse uma necessidade, entretanto a necessidade não surge com o marketing que apenas promove uma ideia a fim de influenciar o desejo das pessoas. O marketing em bibliotecas está centrado na troca de valores simbólicos, tanto por parte do mercado (leitores, usuários, visitantes) quanto por parte da instituição, uma vez que essa oferece o desenvolvimento cultural e intelectual dos usuários que as procuram. Com isso, é interessante que as bibliotecas transformem seu produto principal, a cultura em uma necessidade dos cidadãos.

De acordo com Amaral (2001), no Brasil, muitas bibliotecas criticam os usuários pela falta de interesse pelos seus produtos e serviços, no entanto tais instituições deixam de promover e divulgar o acesso aos mesmos. Nesse contexto, o marketing, focado na comunicação poderia ajudar as bibliotecas a superar crises que mesmo não sendo diretamente de ordem econômica, influenciam seu funcionamento, pois manter uma obra parada e sem uso na estante também tem um custo, além de não atender a função pela qual foi criada.

O marketing se aplica a diversos tipos de produtos e mercados: bens, serviços, eventos, experiências, pessoas, lugares, propriedades, organizações, informações e ideias. No entanto, o marketing é crucial em mercados que se caracterizam pela competitividade, onde o público opta por um produto e não por outro em função de suas qualidades e vantagens. Essa situação é válida para muitos mercados¹², e, por conseguinte, as premissas utilizadas para empresas podem ser adaptadas para ambientes culturais como bibliotecas, uma vez que os seus produtos e serviços são bens intangíveis que visam atender a demanda de informação de um grupo de indivíduos.

Conforme Oliveira (1985) basta uma análise mais cuidadosa da literatura administrativa para perceber que o conhecimento administrativo de marketing pode ser aplicado com grande serventia a unidades de informação. Além disso, em

¹² Mercado é caracterizado pelos profissionais do marketing como vários agrupamentos de clientes, onde os vendedores são o setor produtivo e os compradores são o mercado. Empresas envolvem os principais mercados que são: consumidor, organizacional, global e sem fins lucrativos. (KOTLER; KELLER, 2013).

meados dos anos setenta, Kotler e Levy (1969), expandiram a orientação mercadológica, ao permitir que instituições sem fins lucrativos utilizassem as técnicas de marketing. (AMARAL, 2001).

As bibliotecas como centros culturais tem a missão de promover atividades de cunho cultural, educativo, recreativo e informacional. A sua função cultural pode ser compreendida como oportunizar o público em apreciar atividades como, por exemplo: exposições, oficinas, debates, palestras, concertos, teatro e outras atividades que proporcionem um ambiente agradável ao público.

Nesse sentido, o Mix de comunicação de marketing proposto por Kotler e Keller (2013) pode contribuir com a função cultural promovida por bibliotecas, especialmente exposições. A realização do marketing para exposições em bibliotecas tem como objetivos:

- Divulgar o acervo raro que poderá ser exposto;
- Promover a história local;
- Promover o turismo cultural literário a partir das obras expostas;
- Valorizar o patrimônio bibliográfico e documental da unidade;

Além disso, instituições sem fins lucrativos que são mantidas por sócios ou entidades privadas podem vender produtos a fim de arrecadar verba para a própria preservação do acervo.

Em decorrência do marketing, independente do tipo de ação, os produtos e serviços da unidade são promovidos. Ainda a partir de necessidades e expectativas do público é possível introduzir novos produtos, e assim o marketing contribui para a sua aceitação.

O público que procura pelas bibliotecas públicas geralmente busca informações para saciar uma dúvida, uma incerteza e uma falta de conhecimento que pode ter sido provocada por um professor durante uma aula, por um debate com amigos, por uma palestra ou por uma curiosidade. Outras pessoas também buscam uma biblioteca simplesmente pelo desejo de aprender, pelo prazer proporcionado pela leitura, usam a sua imaginação, criam um mundo e olham através dos olhos de outros.

Entretanto, existem ainda pessoas que nunca entraram em uma biblioteca e sequer sabem qual é a sua função. Diante disso, o marketing poderá aperfeiçoar os serviços disponibilizados a todo seu público e contribuir para aproximar o público

potencial das bibliotecas públicas, que inclui desde o não alfabetizado até o alfabetizado.

5.1 ANÁLISE DO PÚBLICO DE BIBLIOTECAS

Para elaborar um plano de marketing é preciso conhecer as reais necessidades da população em geral, e apesar de ser uma tarefa difícil, a segmentação, abordada mais adiante, pode contribuir na identificação do perfil de cada um dos públicos, tanto os reais quanto os potenciais. No entanto, antes é conveniente conhecer o público, suas características, desejos e demandas informacionais.

O estudo do público-alvo é empreendido quando se visa, por exemplo, cotejar acervos e serviços com as características desse público, ou quando se procura atrair esse público para a biblioteca, envolvendo-o nas decisões referentes a novas propostas e fazendo chegar a ele os serviços e atividades já existentes. (SILVA, 1989, p. 152).

Corroborando com Silva, o estudo de um público permite que sejam identificadas as características de cada um dos segmentos, possibilitando avaliar serviços prestados, criar produtos e novos serviços a todos. Oliveira (1985) assevera que a introdução de um novo serviço de informação terá maior sucesso entre o público se antes disso for realizado um estudo de satisfação sobre o que já existe para tal público, bem como também é relevante identificar as suas necessidades e desejos atuais. O objetivo da análise de mercado consiste em definir o público e determinar suas necessidades e desejos, o que se caracteriza por uma pesquisa de demanda dos frequentadores e os seus hábitos de consumo dos serviços.

Conforme Silva (1989), o levantamento de dados pode ocorrer comparando-se informações de pesquisas já realizadas por outros órgãos. Pode-se citar, por exemplo, dados sociais e demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a população comparado ao público que frequenta uma biblioteca. Isso possibilita constatar o grau de penetração e atuação da biblioteca na sociedade. Ainda, esse mesmo autor revela os *surveys* e análise de redes sociais como métodos de estudo da comunidade.

Os *surveys* são pesquisas comportamentais, que utilizam técnicas de amostra de um grupo de pessoas para coletar sugestões, interesses e necessidades de

informação da população possibilitando que a biblioteca planeje atividades a partir das demandas constatadas.

A análise de redes sociais possibilita levantamentos das relações de um indivíduo, de forma isolada e das suas relações em sociedade. Esse método de estudo, fornece uma visão ampla sobre aspectos gerais da sociedade e sobre a estrutura comunicacional como um todo, sua proximidade e integração. Desta forma é possível identificar os indivíduos que desempenham um papel relevante quanto a difusão de ideias dentro de um grupo, os quais seriam multiplicadores de informações influenciando os outros. A partir disso é possível ativar a dinâmica de atuação da biblioteca sobre a comunidade, planejar atividades, selecionar o acervo que poderá ser mais atrativo e apreciado acarretando a interação dessa comunidade com a biblioteca. (SILVA, 1989).

Hoje, esse tipo de estudo pode-se estender também ao universo virtual, onde as pessoas mantêm relações com indivíduos do mundo todo, compartilhando textos, imagens e informações que acabam por influenciar opiniões. As redes¹³ sociais, como o *Facebook*, funcionam como instrumentos de divulgação de produtos e serviços das bibliotecas atuais, constituindo-se em estratégias de marketing para se conhecer o público, oferecer informações, coletar dados e interagir com o mesmo.

Saber as necessidades e desejos dos usuários, como a sua busca informacional, é a essência da análise de mercado. Oliveira (1985, p. 141) sugere que perguntas focadas na análise de mercado (Figura 6), recursos e missão da biblioteca, norteiam a obtenção dos resultados.

¹³ “A rede caracteriza-se por ser uma estrutura social composta por indivíduos, organizações, associações, empresas ou outras entidades sociais, designadas por atores, que estão conectadas por um ou vários tipos de relações que podem ser de amizade, familiares, comerciais, sexuais, etc. Nessas relações, os atores sociais desencadeiam os movimentos e fluxos sociais, através dos quais partilham crenças, informação, poder, conhecimento, prestígio etc”. (FERREIRA, 2011, p. 213).

Figura 6 - Análise do mercado: público de bibliotecas



Fonte: (BELLARD, WALDHART apud OLIVEIRA, 1985).

No que tange a análise de recursos, as perguntas são focadas nos pontos fortes e fracos da unidade, como recursos humanos, serviços e infraestrutura. Além disso, é preciso ter um olhar em como expandir os recursos, ou então em como melhor gerir os mesmos. (OLIVEIRA, 1985).

A análise da missão da biblioteca também envolve algumas questões importantes como: qual o público e segmento que a unidade irá focar, quais benefícios quer oferecer ao público alvo, quem são os concorrentes, quais são os atuais usuários, quais necessidades dos usuários tenta satisfazer. (OLIVEIRA, 1985).

5.2 ORIENTAÇÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Autores como Oliveira (1985), Amaral (2001), Kotler e Keller (2013) abordam a diferença entre a organização voltada ao marketing e a organização voltada ao produto. O ponto inicial e principal consiste em como o produto, tangível ou intangível, é preparado no processo.

A maioria da atividade de marketing em biblioteca está voltada para o produto. O produto/serviço é oferecido, e seu valor é presumido. A tarefa do marketing, nesta situação, consiste em convencer o público de que ele deva valorizar o produto tanto quanto o pessoal da biblioteca o faz. Isto, em realidade, não é marketing, é uma propaganda de um produto, é muito parecido com venda. (OLIVEIRA, 1985, p. 139).

Quando se cria um produto com a finalidade de vendê-lo sem consultar ou conhecer as reais necessidades dos clientes, por exemplo, utilizando elementos de marketing, essa organização é orientada para o produto e não para o cliente. Entretanto, quando são realizados levantamentos para averiguar as necessidades e desejos dos clientes de forma a atender as suas expectativas cria-se um produto que é interessante a um público e com isso a sua promoção será bem sucedida.

A diferença entre essas abordagens é de fundamental importância para a execução de todas as atividades das bibliotecas uma vez que irá refletir na sua atuação voltada principalmente para a captação de necessidades dos usuários e sua satisfação. Ao citar os usos das técnicas mercadológicas, Amaral (2001) afirma que a aplicação destas técnicas representa uma oportunidade para inovar além de ser uma forma de bem administrar os recursos da unidade. De acordo com a citação da autora, tal ação acarreta a utilização de novas tecnologias para recuperação da informação e a promoção de produtos e serviços.

O que nos faz crer que o profissional bibliotecário deverá ficar atento ao ambiente em que está inserido (equipe, serviços, produtos, usuários, comunicação) e as novidades do mercado externo (indústria da informação, novas tecnologias, novos produtos e serviços, parcerias) para, além do bom atendimento, contribuir com novidades e no desenvolvimento da satisfação dos usuários.

5.3 SEGMENTAÇÃO

Após conhecer as necessidades e desejos de informação do público de bibliotecas é relevante segmentá-lo de acordo com suas preferências, uma vez que, assim como empresas, as bibliotecas atendem públicos com perfis, interesses e gostos diferentes, por isso a segmentação é a solução para melhor servir e atendê-los.

Através da segmentação a biblioteca poderá escolher a qual mercado priorizar seu atendimento e programar serviços que poderão ser ofertados ao público alvo em períodos diferentes. Dessa forma, as bibliotecas buscam através do bom atendimento a um segmento, atingir uma meta que compreende: maior utilização dos serviços de bibliotecas, maior frequência nos programas ofertados, maior captação de recursos para seu funcionamento, maior satisfação dos usuários,

entre outros. É então preciso identificar e ofertar produtos que atendam a cada público que frequenta as bibliotecas.

Para Mckay (1972, *apud* OLIVEIRA, 1985) a segmentação caracteriza-se pela divisão do mercado em um grupo de pessoas que possuem características semelhantes e desejos e necessidades em comum. As pessoas que pertencem ao mesmo segmento respondem pelas mesmas motivações e utilizam os mesmos serviços para atender suas necessidades.

A segmentação irá contribuir para que a biblioteca escolha o público que deseja atingir em uma determinada atividade, por exemplo, um projeto como a “*A hora do conto*”, que visa atingir o público infantil que frequenta a biblioteca em determinado horário. Outro exemplo é a exposição de obras raras, busca atingir o público curioso que está de passagem por uma biblioteca, como turistas, ou então estudiosos ao final do dia, que desejam entreter-se com uma forma alternativa a pesquisa, como a leitura visual. Com isso, podem desfrutar da cultura, sem, entretanto aprofundar-se nos livros como pesquisadores e assim buscam o conhecimento nos elementos que compõe uma exposição.

Centrando na ideia de marketing e de segmentação da demanda, utilizamos o que Kotler (2013), define como as principais variáveis utilizadas para a segmentação do mercado: geográfica, demográfica, psicográfica e comportamental.

Segmentação demográfica: divide o mercado em idade, sexo, renda, ocupação, grau de instrução, nacionalidade, classe social, tamanho da família e outros. Considerando-se que os desejos, necessidades e até mesmo habilidades se modificam com as fases da vida, o desejo pelo conhecimento também está suscetível aos fatores demográficos dos usuários reais e potenciais de bibliotecas.

Segmentação geográfica: divide o público em unidades geográficas, como bairros, cidades, estados e países. É possível oferecer diferentes combinações de serviços de bibliotecas dependendo do ambiente local em que a mesma está inserida, e poderá criar programas de marketing direcionados as necessidades e desejos do público que se encontra próximo a uma biblioteca.

Segmentação comportamentalista: divide o mercado conforme atitudes, conhecimento, uso e reação a um determinado produto. Pode-se analisar o tempo de uso de uma determinada obra pelos usuários, o quanto uma obra chama a atenção do público, o período do dia, mês e ano em que a biblioteca é mais procurada.

Segmentação psicográfica: divide o mercado de acordo com traços psicológicos, estilos de vida e valores das pessoas. Kotler exemplifica o sistema de segmentação psicográfica de VALS, acrônimo inglês para valores e estilos, que poder-se-ia também ser aplicado a usuários de bibliotecas motivados por princípios e por realizações. Assim, aquelas pessoas motivadas por princípios orientam-se por conhecimentos e ideias encontrados nas diversas fontes de informação, e as motivadas por realizações buscam obter conhecimento diante de dúvidas e incertezas. Alguns dos principais motivos que levam o público a buscar bibliotecas são:

- Realizar trabalhos escolares e acadêmicos;
- Utilizar a internet disponibilizada pela biblioteca;
- Realizar empréstimo de obras literárias;
- Realizar pesquisas de interesse pessoal;
- Realizar a leitura de jornais;

Além desses motivos, a visitação com finalidade cultural pode atrair esse tipo de público para a biblioteca, uma vez que possui um olhar diferente sobre as obras que normalmente são desconhecidas por grande parte da população.

Independente da motivação, as pessoas que buscam as bibliotecas desejam obter um conhecimento, seja para satisfazer uma necessidade informacional ou uma curiosidade ou somente para matar o tempo. Diante disso, essa segmentação pode contribuir para melhor traçar os desejos e necessidades dos perfis de cada segmento a fim de melhorar seus serviços prestados e até mesmo os produtos oferecidos, como o próprio acervo.

Conhecendo as necessidades informacionais do público, suas preferências e gostos, é possível desenvolver serviços e produtos. Após isso, de acordo com Oliveira (1985) cabe utilizar-se da promoção e da publicidade para comunicar aos segmentos o potencial de seus produtos.

O público precisa ser convencido que determinado registro irá satisfazer suas necessidades informacionais, levando-o a um desenvolvimento intelectual. Tal ação beneficia tanto o usuário quanto a biblioteca, que oferece benefícios simbólicos diante das necessidades informacionais dos indivíduos que a procuram, necessitando conforme Oliveira (1985) de apenas atenção e tempo dos mesmos.

Quando um produto bibliográfico é utilizado, seja como objeto informacional ou como um objeto de arte apreciado em exposições ocorre uma troca de valores

entre a biblioteca e o usuário. A biblioteca oferece os suportes para que as pessoas tenham um desenvolvimento cultural em troca de tempo das pessoas. Conforme Oliveira (2001, p. 143), as bibliotecas “vendem”, na sua grande maioria “os benefícios dos serviços” para satisfazer as necessidades dos usuários.

5.4 ESTRATÉGIAS DE MARKETING: um enfoque promocional

As estratégias de marketing constituem importantes elementos para que as instituições consigam atingir seus objetivos, bem como o público alvo que de antemão já tenha sido definido com a análise do público e a segmentação. Dentre as estratégias de marketing, conforme Kotler e Keller (2013), os 4Ps de McCarthy (produto, praça, promoção e preço), já não representam mais o marketing moderno em função do novo cenário mundial com uma perspectiva abrangente e integrada. Assim, Kotler e Keller apresentam os novos 4Ps da moderna administração de marketing (pessoas, processos, programas e performance) que abrangem a orientação para o marketing holístico, ou seja, possui uma visão integrada e reconhece sua importância e interdependência em relação a todas as atividades e processos.

Considerando-se que cada um dos elementos de marketing irá refletir nas diversas atividades da biblioteca e que o presente objetivo é ampliar a visibilidade sobre o patrimônio cultural das mesmas através de exposições, destacar-se-á os canais de comunicação com vistas a atingir usuários reais e potenciais através de um enfoque promocional. Amaral (2001, p. 25) ao abordar a comunicação e promoção de um produto cita Kotler (1992) e diz que:

[...] não basta desenvolver um bom produto, determinar seu preço e torná-lo acessível aos clientes. Para ele é preciso desenvolver um efetivo programa de comunicação e promoção, que exigirá um conceito integrado de comunicação em marketing. (KOTLER, 1992 apud AMARAL, 2001, p. 25).

Nesse sentido, para as bibliotecas não basta apenas adquirir obras, ter uma política de formação e desenvolvimento de coleções, é preciso também ter um programa de comunicação a fim de promover seus produtos e serviços. Para isso é necessário determinar o público que deseja atingir, escolher a técnica de comunicação mais eficaz, a abordagem e os meios mais adequados.

Corroborando com Amaral (2001), cada autor estabelece uma classificação para a realização da promoção, elencando diferentes técnicas promocionais. Essa autora reuniu as técnicas de Cobra (1985), Las Casas (1987) e Kotler (1978, 1998) em áreas como as relações públicas, a propaganda e a publicidade, o merchandising, a promoção de vendas, a venda pessoal, os incentivos e a atmosfera. A promoção está diretamente relacionada à comunicação, que é suscetível a uma série de fatores tanto internos quanto externos a instituição e dos quais dependerá o seu sucesso. As técnicas promocionais estão inseridas na obra de Kotler e Keller (2013), no Mix de comunicação de marketing e são: publicidade, propaganda, promoção, eventos e experiências, relações públicas e publicidade, marketing direto, marketing interativo, marketing boca a boca, e vendas pessoais, aplicáveis a bibliotecas e serão abordadas abaixo.

A propaganda de bibliotecas consiste em instruir usuários reais ou potenciais, sejam nativos locais ou turistas, para conhecer seus produtos e serviços, ou seja, são oferecidas razões pelos quais poderiam frequentá-las. Também pode-se criar uma imagem positiva e duradoura sobre sua importância e utilidade para a vida das pessoas. Ainda é possível, escolher quais aspectos dos produtos focar, como por exemplo: a raridade das obras de uma coleção.

Kotler e Keller (2013, p. 543) explicam que os objetivos de uma propaganda variam de acordo com os seus propósitos, os quais se dividem em:

- Informativa: Esse tipo de propaganda tem o propósito de informar os novos produtos e serviços a serem disponibilizados pela biblioteca, ou então inserir novos recursos aos mesmos. Para promover seus serviços e produtos, as bibliotecas podem desenvolver e incitar o interesse das pessoas através de campanhas em rádio, televisão e impressas, usando depoimentos de várias pessoas que tiveram inspiração nas obras da biblioteca para realizar grandes pesquisas que mudaram sua vida e sua forma de ver o mundo.

- Persuasiva: Essa propaganda busca persuadir os usuários. As bibliotecas podem conquistar seus usuários potenciais e solidificar os já existentes despertando motivações cognitivas e afetivas, como por exemplo, campanhas mostrando o sucesso profissional de pessoas que frequentam bibliotecas comparando com uma possível situação caso não estivessem frequentando-as.

- De lembrança: A propaganda de lembrança busca fazer as pessoas lembrar-se de uma marca ou uma instituição, através de um anúncio que utiliza cores fortes.

No caso de bibliotecas, é possível criar um logotipo e utilizá-lo em camisetas, bolsas, pontos de ônibus e anúncios lembrando enfaticamente sobre os seus serviços e benefícios.

- De reforço: Essa propaganda tem o propósito de reforçar as pessoas que fizeram uma compra certa. Dessa forma, pode ser aplicada em bibliotecas através de anúncios que mostram as pessoas realizadas e satisfeitas em ter lido obras clássicas, em ter frequentado exposições de obras que trouxeram alguma forma de conhecimento.

Os principais meios de propaganda são: mídia eletrônica (rádio, televisão), mídia impressa (revista, jornal, folhetos), mídia em rede (telefone, internet) e mídia expositiva (cartazes, outdoors, painéis). Apesar de pouco utilizado para promoção de bibliotecas, os outdoors em espaços públicos proporcionam leitura rápida e fixação objetiva, o que poderia incentivar o seu uso pelo público. Os blogs e e-mails apresentam-se como canais bidirecionais, onde o público interage, responde e opina para a instituição. As redes sociais são formas de divulgar os serviços e produtos que a biblioteca disponibiliza, mantendo sempre atualizados os usuários e visitantes de suas novidades. Para Kotler e Keller (2013, p. 546), mídias impressas como jornais e revistas, ao contrário da mídia eletrônica, dependem do ritmo de leitura das pessoas e “podem oferecer um grande número de informações detalhadas sobre o produto e comunicar com eficácia o imaginário do usuário e do uso”. Observa-se que a propaganda relaciona-se com todas as outras formas de comunicação, uma vez que depende também desses meios para atingir seus objetivos ao realizar uma campanha, seja impressa, eletrônica, em rede, ou expositiva.

A promoção de vendas em bibliotecas visa incentivar a utilização de serviços e produtos. Para isso, a unidade pode oferecer prêmios e brindes aos frequentadores assíduos da biblioteca, por exemplo, objetos com uma marca da biblioteca (logotipo), como canecas, porta-retratos ou porta-joias com formato de um livro, porta-copos e utensílios que estão presentes no cotidiano das pessoas. Além de promover, esses objetos farão as pessoas durante seu uso, se lembrar de forma positiva da biblioteca.

As exposições de obras também são alternativas para que as pessoas conheçam o acervo de uma biblioteca, em especial as coleções raras que são de suma importância como patrimônio histórico e artístico cultural. Tais acervos podem

resgatar a identidade de uma comunidade, fortalecer o sentimento de pertencimento e fazer parte de um roteiro do turismo cultural e literário de uma localidade, contribuindo para o reconhecimento e valorização pela própria comunidade diante de uma riqueza apreciada inclusive por turistas que a escolheram a fim de conhecer um pouco da história local ou por mera curiosidade em saber o que a biblioteca guarda, assim como obras tão “sagradas”. As exposições de obras raras podem incluir também outros objetos de arte a fim de agregar valor as obras expostas, por exemplo, um livro sobre a Revolução Farroupilha poderá acompanhar a cópia de um lenço de um combatente daquela revolta, uma fotografia ou outros objetos museológicos que complementam a história.

A promoção em bibliotecas apresenta como objetivos gerais:

- Convidar as pessoas à utilização dos produtos e serviços da unidade;
- Atrair a atenção dos usuários potenciais e reais a fim de levá-los aos produtos;
- Oferecer algum tipo de estímulo aos usuários, como brindes, programas de fidelidade, cartão presente de utilização de produtos e serviços;
- Estimular a conscientização sobre a importância das coleções;

Nesse sentido a promoção poderá ainda destacar os benefícios dos produtos e serviços da biblioteca para os usuários, como as fontes e recursos de informação, serviços de referência, treinamentos, etc.

As relações públicas e a publicidade em bibliotecas poderão tratar de desenvolver programas para o público interno (funcionários) e externos (usuários reais e potenciais) a fim de promover a imagem da biblioteca assim como de seus produtos. Como decorrência de uma imagem não tão positiva, a biblioteca terá que realizar mudanças em seu funcionamento, sendo que a equipe de atendimento é uma das mais importantes nesse processo uma vez que mantém contato direto com o usuário e assim pode colaborar para atender as suas necessidades, expectativas e até mesmo detectar falhas. Assim, é importante criar um bom relacionamento com o público, com vistas a “formar atitudes e comportamentos” (AMARAL, 2001, p. 89) e despertar o interesse dos usuários reais e potenciais pelos produtos da biblioteca.

[...] as bem-sucedidas publicidades de bibliotecas e outras organizações compreendem a necessidade pelo “gancho” que um item ofereça para a mídia. O “gancho” é um ângulo, ou seja, interesse humano, oportunidade de economizar dinheiro, ou alguma outra história, que se encaixe, alcance a

audiência na questão e ajude a imprensa ou mídia a alcançar seus objetivos. (AMARAL, 2001, p. 98).

Nesse contexto, a ação citada acima se assemelha ao marketing cultural, onde empresas aproveitam políticas de incentivos fiscais para promover e patrocinar instituições sem fins lucrativos e com isso promover a sua própria imagem.

Além do mais, de acordo com o decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965, que Regulamenta a Lei no 4.084, de 30 de junho de 1962 sobre o exercício da profissão de Bibliotecário o artigo 9º, inciso IV cita que deverá desempenhar atividades de “publicidade sobre material bibliográfico e atividades da biblioteca” (BRASIL, 1965). Essa legislação marca a importância da publicidade como meio de divulgar tanto o material sob sua guarda, quanto as atividades promovidas pela instituição bibliotecária.

Eventos e experiências constituem importantes meios de a biblioteca interagir com o público, envolver o usuário e fazer com que tenha uma experiência agradável e diferente ao frequentar seu espaço e utilizar seus serviços. Conforme Silva (2008) as bibliotecas podem tanto participar de eventos oferecendo suporte técnico quanto organizar seus próprios eventos. Por exemplo, feiras de livro, sessão de autógrafos, exposições de arte, recitais de poesias, apresentação teatral, entre outros, que além de promover sua imagem expressa seu compromisso com a sociedade.

Kotler e Keller (2013) comentam que participar de eventos em momentos especiais da vida das pessoas pode ampliar os laços da empresa com o público. Em bibliotecas essa afirmação também é verdadeira, pois pode estabelecer uma relação duradoura com os usuários envolvendo e conectando seus bens e serviços a experiências únicas vivenciadas pelo público. Essa prática em bibliotecas poderia ser utilizada a fim de desencadear um maior alcance de público e aumentar a exposição da biblioteca, criando-se uma imagem que poderá ser identificada com o público.

O marketing direto em bibliotecas consiste em comunicar-se diretamente com usuários reais ou potenciais através de canais como telefone, internet, fax, correio, telemarketing entre outros a fim de entregar serviços e produtos. Milene Silva explica que:

Seja qual for o meio, deve-se levar em consideração os componentes utilizados, como a linguagem, o grau de personalização, as cores, o papel e o meio de contato posterior (como oportunidade para respostas, dúvidas e

sugestões). Para ilustrar uma forma de utilização de mala direta, sugere-se o envio de e-mails de alerta com as novas aquisições literárias e científicas e programação de eventos, direcionado a cada grupo alvo. (SILVA, 2008, p. 9)

A utilização da mala direta consiste em uma ferramenta útil para as bibliotecas, uma vez que envia uma comunicação para os usuários, sendo possível também uma integração com outros meios como, por exemplo, redes sociais. Silva (2008) também aborda que o telefone usado como telemarketing auxilia bibliotecas a fim de oferecer produtos, prestar assessoria técnica e saber o nível de satisfação dos usuários.

O marketing interativo apresenta-se como uma forma on-line de a biblioteca comunicar e interagir simultaneamente com usuários reais ou potenciais a fim de envolvê-los e melhorar a sua imagem. Kotler e Keller (2013) citam que as principais formas de marketing interativo são: *sites*, *e-mails*, anúncios na Internet e banners. Tais meios podem ser utilizados pelas bibliotecas com a mesma finalidade, ou seja, apresentar seus serviços e produtos juntamente com a sua história, missão, visão e objetivos de forma a cativar os possíveis usuários. Nesse sentido as páginas de bibliotecas devem ser agradáveis, fáceis de entender, autoexplicativas, informativas e adaptadas a qualquer necessidade de usuários. Rayport e Jaworski (2001 apud KOTLER, KELLER, 2013) apontam ainda outros sete elementos que devem ser observados em sites¹⁴ e que poderiam ser adaptados, modificando-se alguns pontos, para bibliotecas.

- Contexto: layout e design agradáveis, com páginas de fácil compreensão.
- Conteúdo: uso de texto, imagens, som e vídeo, sem exageros.
- Customização: capacidade do site se adaptar as diferentes necessidades dos usuários.
- Comunicação: possibilidade de comunicação entre site e o usuário, assim como entre o usuário e o site.

¹⁴ Os elementos são: "Contexto: layout e design; conteúdo: texto, imagens, som e vídeo que o site contém; comunidade: como o site permite a comunicação entre os usuários; customização: a capacidade do site de se adaptar às necessidades dos diferentes usuários ou permitir que eles o personalizem; comunicação: como o site permite a comunicação site-usuário, usuário-site ou nos dois sentidos; conexão: nível de conectividade do site a outros sites; Comércio: a capacidade do site de permitir transações comerciais.". (RAYPORT; JAWORSKI, 2001 apud KOTLER, KELLER, 2013).

- Conexão: possui links que remetem para outros sites, como bases de dados e bibliotecas.
- Serviços: possibilidade de prestar serviços via web, assim com apresentar produtos.
- Legibilidade: tamanho e tipo de fonte legíveis que permitam uma leitura com facilidade.

Kotler e Keller (2013) apontam como características comuns do marketing direto e interativo a possibilidade de personalização da mensagem a ser enviada, a sua atualização rápida e sua interação com o respondente da mesma.

Marketing boca a boca ocorre em decorrência de outros meios, como por exemplo, das mídias sociais. Pode-se citar como exemplo desse marketing em bibliotecas quando uma pessoa comenta com um amigo que encontrou através de uma propaganda em uma rede social da biblioteca uma obra de extrema importância para sua pesquisa. A outra pessoa, a partir do depoimento do amigo pode se interessar e buscar a biblioteca para realizar as suas pesquisas também. Isso ocorre de forma natural e espontânea pela satisfação de um usuário devido ao bom atendimento, pelos produtos e serviços que lhe foram prestados na biblioteca.

São exemplos de mídias sociais que podem desencadear o marketing boca a boca comunidades e fóruns on-line, bloggers e redes sociais, citados por Kotler e Keller (2013). Esses autores explicam ainda que a comunicação dentro de tais mídias ocorre por mensagens instantâneas, postagens, atualizações diárias, entre outras. Esse tipo de marketing gera um grande fluxo de informações e é importante porque os usuários podem comunicar outras pessoas de suas experiências com os produtos e serviços na biblioteca.

Vendas pessoais em bibliotecas caracterizam-se como uma forma de promoção de produtos e serviços da unidade em que ocorre interação pessoal, do atendente ou equipe com os usuários (AMARAL, 2001). A venda pessoal é uma das mais poderosas formas de promover a biblioteca, pois através dele as pessoas formam opiniões, atitudes e relacionam-se com a equipe da biblioteca criando experiências que se forem boas, possivelmente serão repetidas. Além do mais, a venda pessoal implicará em todas as outras formas de promoção da biblioteca, uma vez que a comunicação pessoal é essencial para efetivar essas atividades.

As bibliotecas devem preparar-se quanto a insatisfações de usuários e nesses casos adotar procedimentos que levem a sua solução. Wood e Young (1988

apud AMARAL, 2001) sugerem alguns passos a serem seguidos: anotar a reclamação, responder o mais rápido possível ao usuário as providências tomadas e sua solução, repassar a reclamação a todos os setores e principalmente aos afetados, e a partir dela prevenir que ocorram futuras reclamações. Outro importante aspecto a ser levado em conta é a clara identificação de toda equipe de trabalho para que em casos de dúvidas sejam encontrados facilmente.

Dessa forma, a atenção, a dedicação e a prestatividade da equipe para com os usuários pode fazer toda a diferença para que uma pessoa volte na biblioteca e utilize outros produtos e serviços. Portanto, estes precisam ser prestados com qualidade e relevância.

Além disso, administrar uma biblioteca como um produto ampliado que apresenta diferenciais quanto a sua apresentação à sociedade pode conquistar o público. Como exemplo cita-se as exposições sobre os sete pecados capitais realizadas pela BN, que apresenta obras sobre cada um dos pecados instigando o visitante a refletir sobre a exposição que além de obras acompanha também objetos. Essas exposições são provocativas, despertam a imaginação, além de proporcionar um aprendizado ao público visitante, que para prestigiar a exposição como um todo teve de ir várias vezes a biblioteca.

Tais ações associadas às técnicas de marketing são essenciais para estabelecer-se uma imagem positiva da biblioteca junto ao público que aliada a outros fatores, como receptividade, tranquilidade, segurança, conforto irão fidelizar os visitantes. Esses por si irão recomendar à outras pessoas a instituição o que acarretará em um espaço com grande fluxo de pessoas utilizando os diversos produtos e serviços.

6 METODOLOGIA

Nesse capítulo será relatado de que forma esta pesquisa foi construída e realizada, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, os procedimentos, o contexto e quais foram os sujeitos que participaram da investigação.

Com um olhar direcionado para a função cultural das bibliotecas, esse trabalho concentra-se em compreender, refletir e analisar a inclusão do turismo cultural no âmbito do acervo raro de bibliotecas, como alternativa e forma de promover o patrimônio bibliográfico, sua valorização, seu reconhecimento e sua preservação na memória social.

A questão norteadora desse trabalho busca responder a seguinte indagação: como oportunizar a sociedade em geral e, não somente aos pesquisadores, conhecer o acervo de obras raras existente em uma unidade de informação detentora de um patrimônio bibliográfico?

Considerando-se que para a sua preservação tais obras são armazenadas em um local separado do acervo geral, em condições adequadas, o que, por conseguinte, acarreta uma falta de visibilidade pelos visitantes, sejam habitantes locais ou visitantes. Nesse sentido, o turismo em obras expostas pode ser uma solução para preservar a memória, além de contribuir para o seu reconhecimento como um objeto de arte e como patrimônio bibliográfico.

Por fim, com a intenção de contribuir para a divulgação e reconhecimento desse importante patrimônio bibliográfico, criou-se, dois produtos que são complementares: um vídeo e uma caixa lego. A caixa lego, conforme apêndice A, busca instigar a imaginação do visitante com pequenos trechos de obras presentes na biblioteca, incentivar a leitura, valorizar o patrimônio bibliográfico e estimular o sentimento de pertencimento. Enquanto isso, o vídeo faz o papel de divulgar uma obra rara presente no acervo e inspirar o turismo literário e cultural a partir de obras que compõe seu acervo.

6.1 CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Esse trabalho teve como ponto de partida a pesquisa bibliográfica a fim de visitar autores que escreveram temas semelhantes e paralelamente coletar conceitos que cercam e se relacionam com a proposta desse trabalho: o turismo

cultural em bibliotecas e acervos raros. Para isso foi necessário percorrer bibliografias sobre patrimônio cultural, turismo cultural, turismo literário, obras raras, marketing em bibliotecas, contexto histórico do surgimento do livro e história de Pelotas. Consultou-se livros, jornais, artigos de periódicos, revistas, anuários estatísticos on-line.

A partir da pesquisa bibliográfica, buscou-se identificar elementos que pudessem contribuir com a pesquisa de campo relacionada ao problema da pesquisa, tendo em vista atender seus objetivos, como por exemplo, o funcionamento do acesso as obras raras, como a instituição valoriza seus acervos raros, como esse acervo é visto pela comunidade, se desperta seu interesse em conhecê-la, se a sociedade considera o acervo um patrimônio. Com isso, a revisão de literatura permitiu o conhecimento de novos enfoques e referenciais teóricos, importantes para a construção do trabalho como um todo.

Também, realizou-se nos fundos do arquivo da BPP e no Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas a pesquisa documental, referente ao objeto de estudo a fim de demonstrar a importância histórica, cultural e patrimonial que a instituição Biblioteca representa para a localidade de Pelotas. Os documentos do passado fazem parte da história e relacionam-se com o presente a medida que ajudam a comunidade geradora dos documentos a identificar-se com tal patrimônio, legado para o futuro. Além do mais, o documento tem carácter probatório, o que chancela a importância dos dados encontrados sobre a biblioteca.

Posteriormente foram aplicados os questionários e realizadas as entrevistas, delineando-se a pesquisa por levantamento e estudo de caso.

6.1.1 Instrumentos de coleta de dados

Nessa fase da pesquisa elaboraram-se os instrumentos de coleta de dados para aplicação durante as pesquisas de campo. Considerando-se os objetivos que a pesquisa deseja atingir, foram utilizadas duas técnicas metodológicas de interrogação: o uso de questionários e o uso de entrevistas com um roteiro de perguntas semiestruturado. Ainda utilizou-se a técnica da observação simples, *in loco* do objeto de estudo.

O questionário é utilizado para coletarem-se informações sobre um determinado grupo social e conforme Richardson (1999, p. 189), “cumprem pelo

menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis” do grupo pesquisado. Assim, deve contemplar o objetivo da pesquisa, bem como o problema, formulado através de questões claras, concretas e precisas. Observa-se que as alternativas devem ser exaustivas a fim de que o respondente encontre aquela que melhor se adapta a sua resposta. Sobre isso, Ascanio explica que o questionário,

[...] está concebido e deve ser utilizado para conseguir que os respondentes se adaptem a suas respostas, tal como buscando uma adequada quantidade de informação, por isso às vezes existem questionários que ainda que possuam perguntas fechadas características de “sim ou não”, permite ao respondente dizer, “sim, porém...”, com uma qualidade adequada das respostas mediante a coerência das mesmas e que não sejam respostas ambíguas. (ASCANIO, 1999, p. 109, tradução nossa).

Essa percepção encaixa-se nas perspectivas do questionário aqui aplicado, em que se reduz as possibilidades de ambiguidade, facilitando-se também a explicação de qualquer dúvida pelo contato direto com o pesquisador. Além disso, conforme Richardson (1999), visando dar outra possibilidade de resposta é possível incluir a alternativa “outros”, a fim de não fechar totalmente as perguntas, conforme algumas do questionário dessa pesquisa.

Gil (2010) define que a entrevista envolve a interação social entre duas pessoas, face a face, em que uma realiza a coleta de dados através de perguntas e a outra apresenta-se como a fonte de informações, em um diálogo assimétrico. Esse mesmo autor também aponta que devido a sua flexibilidade, as entrevistas podem ser caracterizadas como informal, focalizada, parcialmente estruturada, estruturada, semiestruturada e completamente estruturada. Gonzalez Rios (1997), diz que as entrevistas estruturadas e padronizadas caracterizam-se como processos de medição, onde a informação é coletada por meio de entrevistas a fim de medir a sociedade. Aqui, iremos nos deter apenas na considerada parcialmente estruturada, chamada também de semiestruturada.

Na entrevista semiestruturada, as perguntas são conduzidas de acordo com os pontos de maior interesse do entrevistador. Dessa forma é possível explorar as questões que se consideram mais relevantes para os objetivos da pesquisa e com isso se obter informações mais precisas e em maior profundidade.

Para Gonzalez Rios (1997), a técnica de entrevista possibilita de forma mais ampla escolher as fontes que interessam ao trabalho, sejam informantes ou

pessoas, sem arbitrariedade. Há uma relação direta entre o tipo de entrevista a ser utilizado e a finalidade a ser dada às informações coletadas na pesquisa, dessa forma deve haver consonância entre ambas.

Para Santana (1997), a diferença entre entrevista e questionário reside no fato em que no primeiro caso, é reflexiva e a outra forma de interrogação apresenta-se em uma série ordenada de perguntas, padronizadas. Esse mesmo autor diz que, enquanto nas entrevistas ocorre um diálogo, de forma imediata, nos questionários a relação é mediada. Richardson (1999) explica que no método de aplicar questionários por contato direto, o pesquisador pode auxiliar o entendimento da pergunta pelo entrevistado, responder dúvidas, assim como explicar seus objetivos. Corroborando com esse autor, cabe ressaltar que não há respostas profundas e não é possível usar a oralidade para discutir e explorar as questões além do que está estabelecido, diferentemente da entrevista.

O tamanho da amostra da população de estudos no Dia do Patrimônio foi de 40 pessoas, o que corresponde a 2% do número de visitantes no evento de 2015. Para melhor captação dos dados, antes da aplicação do questionário definitivo, foi aplicado em pré-teste no ano de 2014 no mesmo evento, a fim de se verificar possíveis falhas, objetividade, clareza, precisão, compreensão das perguntas e o interesse dos respondentes pelo tema tratado na pesquisa. Diante disso, foram realizadas alterações nas perguntas para facilitar o entendimento, reduzir o tempo de resposta e delimitar o tamanho da amostra.

Inicialmente contatou-se com a BPP a fim de se obter autorização para realização da pesquisa na instituição. Posteriormente foi solicitada permissão para aplicar questionários junto aos visitantes da biblioteca durante o Dia do patrimônio de 2015.

O questionário aplicado aos visitantes da BPP foi realizado de forma aleatória baseando-se em 9 perguntas fechadas, conforme apêndice B. Considerando-se as diversas atrações ocorridas na Bibliotheca no dia do patrimônio e a proposta do evento, pressupõe-se que os visitantes frequentaram esses espaços com um olhar cultural, a fim de socializar elementos que identificam a localidade de Pelotas, nesse sentido poder-se-ia considerá-los turistas culturais.

A pesquisa de campo também contou com entrevistas com perguntas semiestruturadas feitas junto ao historiador da BPP e entrevistas às responsáveis pela coordenação da seção de obras especiais e chefe da divisão de obras raras da

BN (Apêndice C e D). As entrevistas foram feitas em perguntas abertas com vistas a analisar os processos e práticas que possibilitam a inserção do turismo cultural em bibliotecas no âmbito do acervo de obras raras e especiais, bem como tal acervo pode ser utilizado como atrativo turístico cultural e seus impactos.

Complementando a pesquisa de campo, a técnica da observação simples permitiu observar como um expectador os visitantes da BPP, os fatos que ali ocorreram, o que olhavam e comentavam.

6.1.2 Tipologia da pesquisa

Esta pesquisa, de acordo com seus propósitos classifica-se em exploratória e descritiva. Seu caráter exploratório se dá em função de buscar familiarizar-se com um assunto ainda pouco explorado na literatura, entretanto já praticado em alguns locais como a BN, que é o turismo literário cultural no âmbito do acervo de obras raras. O caráter descritivo da pesquisa justifica-se por permitir análises entre possíveis variáveis, como por exemplo, entre o grau de instrução dos visitantes da BPP e o nível de interesse em conhecer o acervo ou uma obra rara.

Quanto a abordagem, a pesquisa classifica-se em qualitativa (uso de entrevistas) e quantitativa (uso de questionários). O caráter qualitativo busca compreender o ambiente natural como fonte direta dos dados, levando em consideração as múltiplas realidades existentes, as relações com os sujeitos e a interação com o espaço estudado. O caráter quantitativo busca a objetividade, por meio de dados estatísticos, de forma que se comprove a hipótese formulada.

Diante disso, optou-se por utilizar as duas abordagens, quanti-qualitativa, que associa a análise estatística para comprovar concepções já estabelecidas e associações com as condutas e percepções humanas relativas ao turismo em bibliotecas. De acordo com a Organização Mundial do Turismo (2005, apud MARULO, 2012) a pesquisa qualitativa representa uma maneira de explorar a realidade do setor turístico, no entanto, deve ser complementar a metodologia de pesquisa quantitativa. A associação entre a análise qualitativa e quantitativa permite analisar os dados numéricos, comparando as relações humanas e seus fenômenos.

Quanto a finalidade, a pesquisa classifica-se como aplicada, uma vez que busca contribuir para a solução de um problema específico da sociedade em que se encontra o pesquisador, como oportunizar as pessoas a conhecer obras raras

através de sua exposição como produtos turísticos, provocando ainda o turismo literário, a valorização e reconhecimento desse patrimônio. O turismo é um forte aliado das bibliotecas para que cumpram com sua missão, porém em muitos casos, falta a gestão conhecimento das formas como uma biblioteca possa ser transformada em um local de visitação pensada a turistas.

Quanto a classificação dos métodos empregados, pode-se dizer que a pesquisa é bibliográfica por subsidiar-se em livros e documental por encontrar em fontes primárias documentos relevantes para pesquisa. Ainda, é considerada um levantamento por utilizar-se da interrogação direta para recolher informações de uma amostra do universo pesquisado e um estudo de caso, uma vez que estuda a realidade de uma determinada instituição proporcionando uma visão global de possíveis fatores que influenciam na realização do turismo cultural e a aproximação das pessoas com obras raras.

7 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1 PELOTAS: contexto histórico

Localizada ao sul do estado do Rio Grande do Sul, o município de Pelotas é o quinto município em população do estado. Banhado pelo canal São Gonçalo que liga a Lagoa Mirim e pela Laguna dos Patos, conta atualmente, conforme dados do IBGE (2015), com mais de 342 mil habitantes em uma área de 1.610,084 Km². No ano de 1812 foi desmembrada da Vila de Rio Grande de São Pedro, de acordo com o alvará de sete de julho desse mesmo ano, por provisão do bispo José Caetano da Silva Coutinho tornando-se freguesia São Francisco de Paula. Em 1831 foi elevada a categoria de vila e em 1835, o presidente da província, Antônio Rodrigues Fernandes outorgou-a como cidade, assim nascia Pelotas.

Apresentando um crescimento econômico e populacional e uma organização urbana, estava a vila pronta para ascender à condição de cidade [...]. Nessa época, a população era de 12.425 habitantes, 5.467 localizados na zona urbana, e existiam 781 habitações urbanas. Em 1835, o Rio Grande do Sul dividia-se em 15 municípios e apenas três cidades, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. (CHEVALLIER, 2002, p. 12).

Seu nome originou-se da palavra “pelota”, uma embarcação em formato de bola (Figura 7), construída com varas de corticeira forradas em couro que eram utilizadas para o transporte nos rios pelos indígenas à margem da cidade.

Figura 7- Réplica de uma “pelota”, na Charqueada Santa Rita



Fonte: Autora (2014).

A gênese da formação territorial de Pelotas ocorre em meados do século XVIII em um período de demarcações fronteiriças e disputas pelo território gaúcho entre portugueses e espanhóis, por isso os homens estavam sempre alerta para a guerra. Ainda, a formação do território provoca o sentido de identidade nas pessoas que o habitam, as quais buscam referências de cultura para identificar esse espaço.

O século XVIII foi marcado pelo início do ciclo de produção de charque, carne de gado salgada e desidratada, que teve sucesso na Freguesia de São Francisco de Paula com a instalação das primeiras charqueadas. A prosperidade da indústria *saladeril*, como era conhecida, impulsionou a instalação de outras charqueadas nas margens do arroio Pelotas, São Gonçalo e Santa Bárbara, que obtiveram êxito através do trabalho escravo realizado em duas estações no ano, verão e outono.

A posição estratégica de Pelotas possibilitava o escoamento de mercadorias pelo Atlântico e ao mesmo tempo em que favorecia a exportação de produtos, facilitava a entrada de mão-de-obra escrava contribuindo para o desenvolvimento da economia do charque. Essa atividade forneceu as condições socioeconômicas necessárias para o surgimento do povoado e posteriormente sua transformação em urbe. (CHEVALLIER, 2002).

Os navios de charque que partiam do porto retornavam com outros produtos a fim de abastecer a cidade, como livros, revistas, móveis, louças europeias, materiais de construção e o açúcar do nordeste que serviu para a produção de doces. Ainda eram por esses navios que muitos imigrantes entraram no Brasil e depois vieram a substituir a mão de obra escrava.

Paralelamente ao ano em que Pelotas foi elevada a categoria de cidade, teve início umas das mais sangrentas guerras no sul, a Revolução Farroupilha, que durou dez anos, de 1835 a 1845, e terminou com a paz do Ponche Verde. Durante esse período, a cidade entrou em declínio, muitos escravos lutaram ao lado de seus senhores em troca de liberdade e por isso, a indústria *saladeril* também decaiu afetando a economia local. A cidade foi praticamente abandonada por 75% da sua população.

Apesar de ter durado cerca de 140 anos, o ápice do ciclo do charque se deu entre 1860 e 1890, juntamente com o apogeu sociocultural da cidade, com aproximadamente 38 charqueadas, no entanto a sua decadência ocorreu por volta de 1918. Diversos fatores levaram ao declínio da indústria *saladeril*, tais como: a concorrência do charque platino, do Uruguai e Argentina; o desenvolvimento da

pecuária na região central do Brasil; furtos de gado durante a Revolução Farroupilha e a dispersão de animais; o fim do tráfico de escravos e o aumento do custo da mão de obra; a falta de modernização nas charqueadas bem como a inserção de frigoríficos que demorou a ocorrer. Ainda, o alto custo com o transporte do charque prejudicava as exportações e juntamente com os fatores citados, provocaram forte impacto na economia.

7.1.1 O surgimento de um patrimônio: Bibliotheca Pública Pelotense

A construção de palacetes, teatros e espaços culturais no século XIX ocorreu em decorrência da grande riqueza trazida pela indústria do charque e pode-se dizer que refletiu no modo de viver da elite pelotense.

O contato com os europeus possibilitou que costumes e hábitos como a leitura, a música, a frequência em salões e teatros fossem incorporados a cultura local transformando as relações naquela sociedade que buscava na Europa inspiração para a vida cultural que estava se constituindo. Nos salões dos sobrados, clubes e sociedades se passavam diversas atividades como danças, música, recitais e artes. Portanto, a cultura despontou nestes espaços, onde também a rima e retórica eram praticados, inclusive a literatura estava presente na vida social. (CUNHA, 2009).

Entretanto, ainda faltava uma biblioteca em Pelotas, para complementar os espaços culturais da cidade, onde a intelectualidade pudesse debater temas políticos, a educação moral e cívica e ainda promover a vida literária, tão proeminente e desejada nessa sociedade.

Notícias publicadas nos jornais provocavam a reflexão à sociedade com a preocupante falta de uma biblioteca (Figura 8) e sociedade literária, pois “a tão festejada Pelotas dita opulenta e culta, era apenas uma cidade da opulência de poucos e a ignorância e incultura de muitos”. (MONQUELAT; PINTO, 2012, p. 77).

Figura 8 - Reflexão sobre a necessidade de uma biblioteca em Pelotas

A cidade de Pelotas, contando uma população superior a 16.000 almas, postada na vanguarda do progresso material rio-grandense, precisa, além das commodidades e riquezas phisicas que possui, alguma cousa que a colloque pelo menos em paralelo com as outras principaes cidades da provincia.— Precisa de uma bibliotheca publica.— Porto Alegre possui uma bibliotheca provincial e outra da sociedade *Litteraria*, que offerecem aos concorrentes, que desejão aprender, todos os recursos precisos ao estudo de qualquer materia, e o Rio Grande sustenta um importante Gabinete de Leitura onde se encontram os mais preciosos livros.— Pois bem; não se diga que a cidade de Pelotas é simplesmente materialista; que se circumscreve aos trabalhos de sua industria; que se dedica unicamente ao augmento de sua propriedade predial, e descarta dos adeantamentos intellectuaes;— não se diga semelhante cousa, que importaria em desar ou offensa.— O progresso da instrucção deve estar em relação com o progresso material, porque ambos são tributarios do engrandecimento publico.

Fonte: (ANNAES..., 1905).

A riqueza expressa nas construções não era condizente com a instrução da população, que vivia sob o analfabetismo, conforme aponta a tabela 1 e 2. Enquanto a cidade de Rio Grande possuía há décadas uma biblioteca e Porto Alegre possuía além de gabinetes de leitura, uma sociedade literária, que foi uma grande incentivadora da cultura literária em todo estado, Pelotas estava atrasada intelectualmente em relação a essas.

Tabela 3 – Grau de instrução da população da Parochia de São Francisco de Paula de Pelotas de 1872.

	Sabem ler e escrever	Analfabeto
Livres	4655	7721
Escravos	2386
Total	4655	10107

Fonte: Recenseamento geral (IBGE, 1872).

Tabela 4 - População escolar de 6 a 15 anos que frequentou escolas em 1872.

	Frequentou escolas	Não frequentou escolas
Livres	846	1410
Escravos
Total	846	1410

Fonte: Recenseamento geral (IBGE, 1872).

Os dados referem-se apenas a Paróquia de São Francisco de Paula, entretanto, o recenseamento completo da cidade envolve ainda mais três paróquias: Santo Antônio da Boa Vista, Nossa Senhora da Consolação do Boquete e Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão. Sendo assim, conforme informações do IBGE (1872) e segundo Loner, Gil e Scheer (2012) a população total pertencente a Pelotas é de aproximadamente 25 mil pessoas. Destes, conforme documentação do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, 18 mil viviam na cidade.

Ferraro (1996 apud GONÇALVES, 2010), aponta que mais de 76% da população do estado era analfabeta, o que corrobora com os dados mostrados nas tabelas onde a maioria da população não sabia ler e escrever. Assim, Pelotas não fogia a realidade da maioria das cidades brasileiras.

As expressões literárias eram produzidas por uma pequena elite intelectual, que ao mesmo tempo consumia as informações, portanto, poucos eram os leitores dos jornais e folhetins que circulavam trazendo ideais de progresso e temas sociais como a abolição da escravatura, a república e outros.

É possível deduzir que alguns pelotenses possuíam antes mesmo da construção da biblioteca pública, gabinetes de leitura, no entanto a intelectualidade estava descontente pelo fato de não haver um espaço que atendesse a todos. Presume-se isso pela notícia publicada por Antonio Joaquim Dias, jornalista e diretor do jornal Correio Mercantil (1875), que afirma “não temos um bom gabinete de leitura”:

A fundação de uma Bibliotheca publica n'esta cidade é uma verdadeira necessidade. – Não temos um bom gabinete de leitura, nem uma sociedade literária, nem uma escola onde a mocidade adulta aprenda os conhecimentos exigidos pela rigorosa civilização da actualidade. – Os livros são raros e as bibliothecas particulares resumidas, encerrão apenas os volumes precisos ao exercício da profissão a que se dedicação os possuidores. – Assim é que os elementos do saber, as fontes da instrucção,

constituem quase um privilegio dos poucos que cultivão o espírito e acompanhão os movimentos científicos da actualidade. – E as classes desprotegidas, os pobres que não podem comprar bons livros – ou privão-se do alimento intellectual, ou limitão-se á leitura dos manuais e cathecismos.

Entretanto, a instrucção do povo é a primeira garantia do aperfeiçoamento social e a base indispensável á sua tranquillidade. Sem instrucção, não há progresso nem civilização, nem liberdade possível.

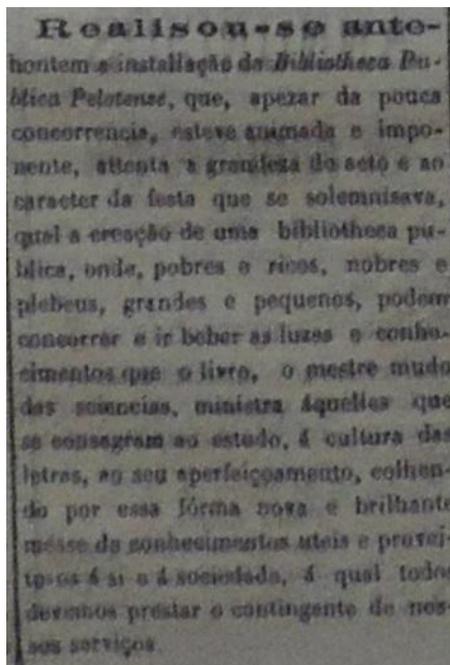
Governos instrui os povos e eles convôsko, serão felizes. – Desde que o cidadão conheça seus direitos e seus deveres perante os códigos; desde quesaiba pensar livremente e dirigir a acção segundo os preceitos de uma regular educação, a sociedade não soffrerá as convulsões das vinganças, dos ódios, das paixões, e caminhará desafrontadamente em demanda das conquistas e melhoramentos que constituem a sua felicidade. (CORREIO MERCANTIL, 3. Jan., 1875.)

Observa-se que Antonio Joaquim Dias era bastante contundente ao expressar a sua preocupação com a instrução pública em Pelotas para todas as pessoas, inclusive as desprovidas de posses, fazendo um apelo aos governantes. Esse era o pensamento de um grupo de letrados que via no ensino as luzes para o desenvolvimento intelectual da sociedade e, portanto, a necessidade em criar-se uma biblioteca. Nesse contexto, ávidos também pela formação de uma sociedade literária e sob influência do Partenon Literário¹⁵, surge em Pelotas a BPP, com intuito de levar a instrução pública a toda população.

A BPP foi fundada em 1875 por um grupo de 45 pessoas que desejava expandir a cultura na cidade de Pelotas. A ideia de sua construção partiu de Antônio Joaquim Dias com apoio de um grupo de intelectuais e letrados. A notícia publicada no jornal convidando a todos os “obreiros do progresso público” para participar de uma reunião no dia 14 de novembro nos salões da sociedade Terpsychore deu início a biblioteca. (Figura 9). Apesar de constar a palavra pública em seu nome, a instituição não tem esse caráter, é uma sociedade civil sem fins lucrativos mantida pelos seus associados que atende o público em geral. Dessa forma, presta alguns serviços gratuitos e outros pagos que contribuem para a sustentação e funcionamento do órgão.

¹⁵O Partenon literário foi uma importante sociedade na província gaúcha que reunia grandes poetas e intelectuais com o objetivo de difundir e produzir uma literatura própria da região sul. Inspirou a criação de outras sociedade e agremiações, inclusive em Pelotas, como também impulsionou o surgimento de escritores no estado. Segundo Cunha (2009, p.11) “Através de poemas, peças de teatro e palestras faziam circular as propostas de trabalho em prol dos ideais políticos. As cidades gaúchas, seguindo o modelo partenonista, criaram clubes abolicionistas e republicanos...”.

Figura 9 - Instalação da Bibliotheca Pública Pelotense



Fonte: JORNAL DO COMÉRCIO, 7 mar. 1876.

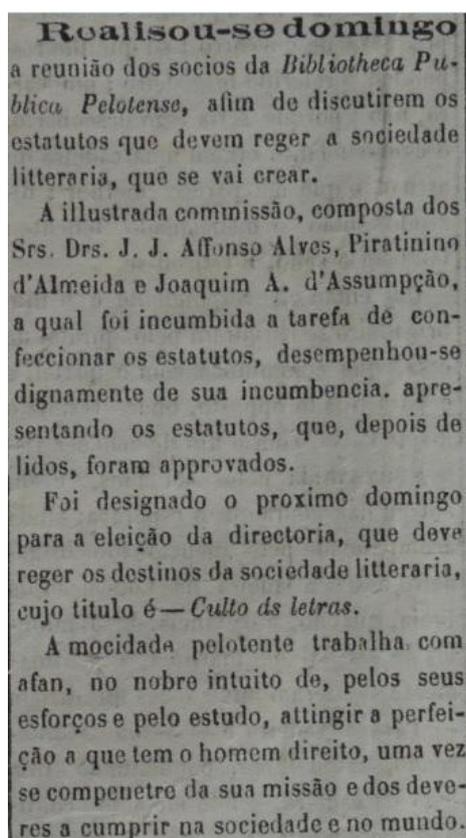
A instalação da biblioteca ocorreu no dia 5 de março de 1876 e de acordo com Monquelat e Pinto (2012, p. 161), “À noite daquele mesmo dia a Bibliotheca esteve em exposição”. Essa foi uma forma de apresentar o espaço e estabelecer as atividades que funcionariam na parte térrea do sobrado cedido pelo Barão da Graça, avô de João Simões Lopes Neto, o qual foi sua sede por cinco anos, localizado na esquina da Rua General Netto com General Victorino, hoje Rua Padre Anchieta, onde atualmente funciona a Secretária Municipal de Educação. Nessa data a biblioteca já possuía 900 volumes, quantidade razoável para uma biblioteca que estava começando seu acervo.

Uma grande comemoração ao som de duas bandas musicais, Santa Cecília e Lyra Pelotense que tocaram peças de seus repertórios, marcaram a solenidade de abertura da biblioteca.

Discursos entusiasmados fizeram parte dos pronunciamentos dos presentes. Entre os debates suscitados pelos que tomavam a palavra, estava o do diretor do jornal Ecos do Sul que manifestou sua opinião dizendo que a cidade precisava de escolas para a instrução do povo. O redator do jornal Diário de Pelotas explanou que do que adiantaria uma biblioteca se o povo não sabia ler e por isso propôs a criação de escolas em seu recinto. (MONQUELAT, PINTO, 2012).

Poucos dias após a sua instalação, os sócios da biblioteca deram início as atividades que criariam os estatutos da sociedade literária “Culto às letras”. (Figura 10).

Figura 10 - Criação do estatuto da sociedade literária “Culto às letras”



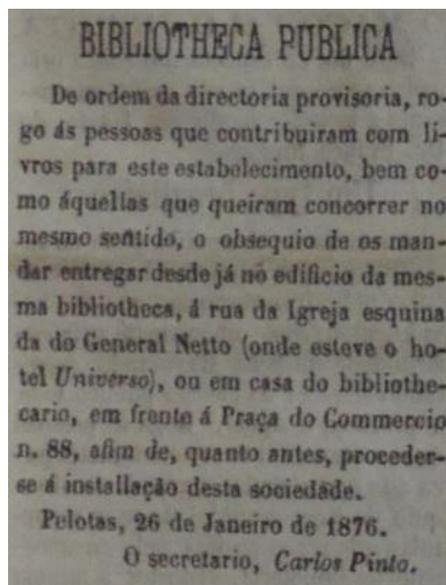
Fonte: JORNAL DO COMÉRCIO, 28 mar.1876.

A criação dessa sociedade consolidou a atuação da biblioteca, uma vez que seriam admitidos como sócios aqueles que já fossem da BPP. Conforme Art. 5º de seu estatuto, haveria comissões de: “história, filosofia, versão de idiomas, literatura e redação”, sendo que todos os sócios poderiam “falar duas vezes, sobre a matéria em discussão”, de acordo com Art. 20º. (MONQUELAT; PINTO, 2012, p. 168).

Os mentores pela criação da BPP foram os homens das letras, especialmente redatores e diretores de jornais, entretanto a população colaborou para a construção de seu prédio doando diversos materiais. O auxílio oferecido pela câmara municipal à construção da recém-fundada biblioteca pública era irrisório, 200\$000 réis, o que causou indignação nos redatores que os criticaram em seus jornais. (MONQUELAT;

PINTO, 2012). Além disso, notas eram publicadas incentivando a população a associar-se da instituição e a doar livros. (Figura 11).

Figura 11 - Solicitação da Bibliotheca Pública Pelotense para doação de livros



Fonte: JORNAL DO COMÉRCIO, 4 fev. 1876.

Depreende-se com essas publicações o empenho dos fundadores da instituição para incrementar o acervo e aumentar o número de sócios da instituição, considerada “orgulho para a cidade de Pelotas” e que, portanto, acompanhou o seu desenvolvimento e faz parte de seu patrimônio histórico e cultural.

Ainda, eram publicadas notas sobre o número de obras emprestadas, consultadas in loco, e as doações de livros recebidas juntamente com o nome do doador, era uma espécie de prestação de contas dos serviços realizados à sociedade. Também, era publicado o fluxo de pessoas que circularam na instituição, bem como a frequência de alunos e a frequência geral ocorridas no mês. (Figura 12).

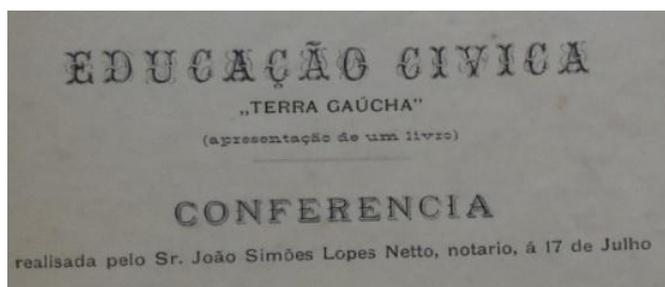
Figura 12 - Publicação de serviços prestados à população e livros ofertados

Bibliotheca Publica. — Movimento do mez de Dezembro findo :	
LEITURA FÓRA	
Livros que sahiram.....	365
Idem que entraram.....	370
LEITURA NA CASA	
Obras consultadas.....	83
LIVROS OFFERTADOS	
Pela Livraria Universal, Almanack Popular Brasileiro para 1898, volume 1.	
Pela Livraria Commercial, Folinha de desfolhar para 1898, volume 1.	
Pela autora D. Ibrantina Cardona—Plectros, volume 1.	
Pelo socio Rambaud Derirado 7 romances em francez, volumes 7.	
Pelo cidadão J. Nascimento, discursos de José Bonifacio, volume 1.	

Fonte: CORREIO MERCANTIL, 5 jan. 1898.

Tendo em vista a necessidade e importância de levar a instrução ao povo, a biblioteca ofereceu gratuitamente em 1877 cursos noturnos de alfabetização ao proletariado. Em 1878 seguindo ideais de expansão da instrução, promoveu conferencias públicas ministradas por renomados intelectuais de todas as áreas do conhecimento, inclusive pelo escritor João Simões Lopes Neto que proferiu a conferencia sobre educação cívica “Terra gaúcha”. (Figura 13).

Figura 13 - Conferencia realizada pelo escritor João Simões Lopes Neto

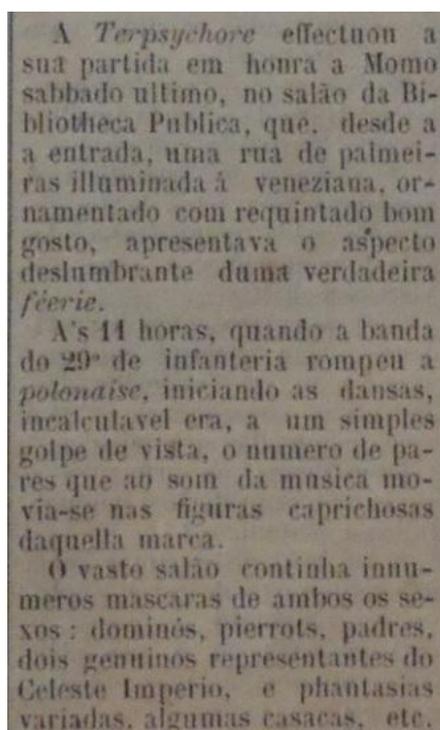


Fonte: (ANNAES..., 1904).

Conforme Monquelat e Pinto (2012), jornais da época publicaram a notícia de que alguns professores da Biblioteca Pública estavam se recusando a dar aulas, pois o número de alunos estava preenchido e por isso solicitavam providências ao inspetor de instrução. Dessa forma, é possível deduzir que o ensino ofertado era reconhecido pela sociedade que buscava essa instituição comprometida com a formação de cidadãos alfabetizados.

Além disso, a instituição promoveu, conforme Cunha (2009) além da instrução pública diversas atividades como, festas literárias, saraus, exposições artísticas e quermesses. (Figura 14).

Figura 14 - Notícia sobre uma festa realizada nos salões da Bibliotheca Pública Pelotense



Fonte: CORREIO MERCANTIL, 18 fev. 1898.

Em 1878, foi lançada a pedra fundamental da BPP no local que permanece até hoje, em frente a praça Coronel Pedro Osório, chamada na época de praça Dom Pedro II. Nessa ocasião a população foi convidada para apreciar a cerimônia que contou também com as bandas de música União e Santa Cecília. Em 1881 foi inaugurado o primeiro salão da biblioteca, no entanto ficou pronto apenas em 1888.

Figura 15 - Fachada da Bibliotheca Pública Pelotense



Fonte: Acervo da BPP.

Pode-se dizer que a BPP tornou-se o local onde germinaram muitas outras instituições culturais e por isso, considerada um centro multi-cultural. Além do acervo bibliográfico, no ano de 1904 a instituição criou em seu interior o Museu Histórico e bibliográfico. Posteriormente a parte bibliográfica foi incorporada ao acervo geral. Em 2011, a BPP passou por uma reforma realocando o espaço do Museu, que ganhou mais espaço reunindo e valorizando diversas peças como o lenço farroupilha e o sinete da república Riograndense. Além disso, esse espaço recebeu um anexo, espaço permanente onde ocorrem exposições de artes visuais.

Em suas instalações, a Bibliotheca albergou o Clube Abolicionista que realizou, em 1881, portanto oito anos antes da abolição da escravatura no país, sua primeira sessão em 16 de outubro, ocasião em que foram expedidas cartas de alforria a 14 escravos; acolheu a Sociedade Beethoven, fundada em 1892, que ofereceu ao público pelotense memoráveis concertos; recebeu a Banda União Democrata que efetivou, em 1896, sua apresentação inaugural; hospedou a Sociedade Terpsychore, que no início do século 20, valeu-se da Casa para oferecer aos apaixonados pela música concertos populares sobre a regência do maestro Demétrio Pinto Bandeira; proporcionou a realização da I Exposição de Belas Artes, da então Província do Rio Grande do Sul, em benefício da construção do Asilo de Mendigos, e do I Congresso Rural do agora Estado do Rio Grande do Sul.

Na Casa, em 1902, nasceram e deram frutos o Centro Médico de Pelotas, fundado pelos doutores Edmundo Berchon, José Brusque, Francisco Santos Lopes e José Cypriano Nunes Vieira, a Escola Prática de Comércio e a Escola de Artes e Ofícios, origem da Escola Técnica Federal, hoje integrada ao IF-Sul. Exerceram ainda suas atividades na Bibliotheca, a Associação

Comercial, a Faculdade de Direito, o Conservatório de Música, a Escola de Belas Artes, a Sociedade de Cultura Artística, a Orquestra Sinfônica, o Clube de Cinema, o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia Sul-Riograndense de Letras, a Escola Louis Braille e a Câmara de Vereadores. (LIMA, [200?]).

A importância da BPP também se dá, além de no cenário nacional, no internacional, uma vez que mantinha contato com diversas outras instituições nacionais e estrangeiras recebendo e enviando materiais como permuta e doação, conforme a figura 16.

Figura 16 - Instituições que se correspondiam com a Bibliotheca Pública Pelotense

Instituições com as quais se corresponde a Bibliotheca Pública Pelotense		
Nacionais		
Associação dos Empregados no Comércio	Rio Grande	Rio Grande do Sul
Associação dos Empregados no Comércio	Porto Alegre	
Associação Beneficente do Professorado Público	S. Paulo	S. Paulo
Arquivo Público Nacional	Capital Federal	Rio de Janeiro
Academia Brasileira de Letras		
Associação do Quarto Centenario do Descobrimento do Brazil		
Apostolado Positivista do Brazil		
Associação dos Empregados no Comércio		
Associação Commercial		
Arquivo Público Mineiro	Belo Horizonte	Minas Geraes
Associação Commercial	Bahia	Bahia
Academia Pernambucana de Letras	Recife	Pernambuco
Academia Coense	Fortaleza	Ceará
Estrangeiras		
Asociación Rural del Uruguay	Montevideo	Rep. O. do Uruguay
Ateneo	Buenos Aires	Rep. Argentina
Ateneo	Lima	Perú
Real Academia de Ciencias Exactas, Fisicas y Naturales	Madrid	Hispanha
Associação Commercial	Porto	Portugal
Academia de Estudos Livres	Lisboa	
Nacionais		
Club Caixeiral		
Centro Medico		
Club Caixeiral		
Comissão Geologica e Geographica de S. Paulo	Rio Grande	Rio Grande do Sul
Camara Italiana de Commercio ed Arti	S. Paulo	S. Paulo
Club de Engenharia		
Centro de Sciencias, Letras e Artes	Capital Federal	Rio de Janeiro
	Campinas	S. Paulo
Estrangeiras		
Centro Naval	Buenos Aires	Rep. Argentina
Centro Nacional de Ingenieros		
Consejo Nacional de Educacion		
Consejo Superior de Educacion		
Circulo Naval	Corrientes	Chile
Centro de Ingenieros de Minas de Perú	Valparaiso	Perú
Centro General de Comerciantes y Industriales	Lima	
	Habana	Cuba
Nacionais		
Directoria do Serviço Sanitario	S. Paulo	S. Paulo
Directoria Geral de Estatística	Capital Federal	Rio de Janeiro
Directoria Geral das Correias		
Estrangeiras		
Dirección General de Estadística	Montevideo	Rep. O. del Uruguay
Departamento de Ganaderia y Agricultura		
Dirección General de Instrucción Pública		
Dirección General de Estadística	Buenos Aires	Rep. Argentina
Dirección General de Estadística Municipal		
F. S. Department of Agricultura	Washington	E. U. da America
Nacionais		

Fonte: (ANNAES...,1904).

Portanto, a construção da BPP foi um marco na história dessa cidade, e como berço da cultura, em uma sociedade escravocrata e segregacionista, a atuação da biblioteca foi essencial para levar educação e cultura à população que em grande parte era analfabeta. Pelotas via na construção de sua biblioteca pública, além do prestígio uma oportunidade para o progresso intelectual coletivo, bem como a difusão do conhecimento e ideais de civismo.

7.2 DIA DO PATRIMÔNIO: análise dos questionários

O Dia do Patrimônio em Pelotas surgiu no ano de 2013 como uma iniciativa para celebrar o patrimônio material e imaterial que fazem parte de sua herança cultural. A secretaria de cultura de Pelotas, com apoio de diversos órgãos públicos e privados vem proporcionando aos pelotenses e turistas uma oportunidade em melhor conhecer e reconhecer a sua história e cultura. Através do Dia do Patrimônio, vários prédios públicos tombados a nível federal e estadual, e inventariados pelo município são abertos a visitação gratuita.

Além disso, nesses locais, ocorrem shows musicais, apresentações de peças teatrais, exposições de arte e arqueológicas, mostras fotográficas e gravuras que retratam a cultural imaterial e material da cidade. Enfim, são diversos eventos simultâneos que aproximam a comunidade de sua herança cultural uma vez que fomenta ações que valorizam a cultura dos diversos grupos pertencentes à sociedade e contribui para resgatar sua identidade. Tal ação é benéfica para que a população valorize seu patrimônio e ainda possibilite aos turistas interagir com a cultural local.

Acreditando que o Dia do Patrimônio é um evento de caráter educativo que corrobora com a proposta da educação patrimonial onde diversas pessoas buscam conhecer no patrimônio a cultura e as características de um povo, escolheu-se tal data para aplicação de questionários relativos ao turismo cultural em bibliotecas. Cabe lembrar que a BPP está inserida no centro histórico de Pelotas e faz parte de um conjunto arquitetônico patrimonial, o que facilita o turismo nessa instituição.

Dias (2006) explica que o turismo provoca impactos socioculturais, tanto positivos quanto negativos, e a predominância em algum desses aspectos ocorrerá de acordo como foi o nível de planejamento de tais atividades turísticas. O nível de interação entre a comunidade receptora e os turistas que visitaram a BPP no Dia do Patrimônio gera diversos benefícios, que vão de encontro às ideias explanadas por Dias (2006), pode-se indicar como aspectos positivos:

- Valorização da herança cultural, do patrimônio histórico local;
- Troca de experiências culturais entre turistas e a população local;
- Maior visibilidade e conhecimento das obras que compõe o acervo;

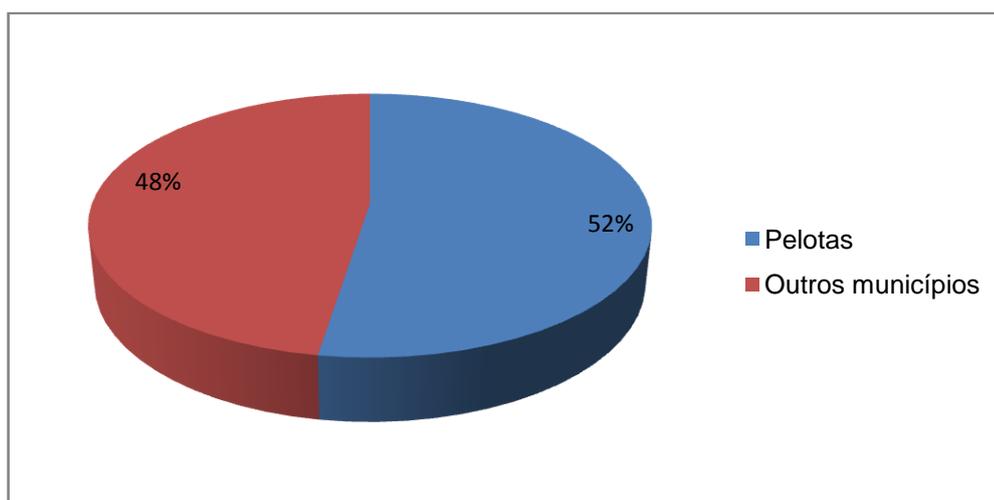
- Maior troca de informações, diálogo e ideias sobre a biblioteca em decorrência do contato social dos visitantes, com a população nativa, sejam funcionários ou não;

- Reconhecimento da importância do legado bibliográfico e documental da biblioteca para a população pelotense;

- Estabelece-se ainda uma nova visão sobre o espaço das bibliotecas aos visitantes: o carácter cultural amplo e acesso democrático das bibliotecas é reforçado. A missão de oferecer diversos tipos de atividades como: música, artes, cinema, teatro, dança, fotografia ocorre de forma alternativa à leitura escrita, pois essas também estão impregnadas de informações e conhecimento sobre a cultura local.

O número de visitantes da BPP da mostra coletada (Gráfico 1) evidencia que 52% dos respondentes são residentes em Pelotas e 48% residem em outras cidades do Rio Grande do Sul e até mesmo fora do estado. Essa informação aponta o alcance do evento, e mesmo tendo turistas não intencionais para o Dia do Patrimônio, ou seja, pessoas que não tinham esse evento como motivo principal de sua viagem, muitos acabaram participando, interessando-se em conhecer o patrimônio e cultura local, o que pode acarretar em sua volta à cidade.

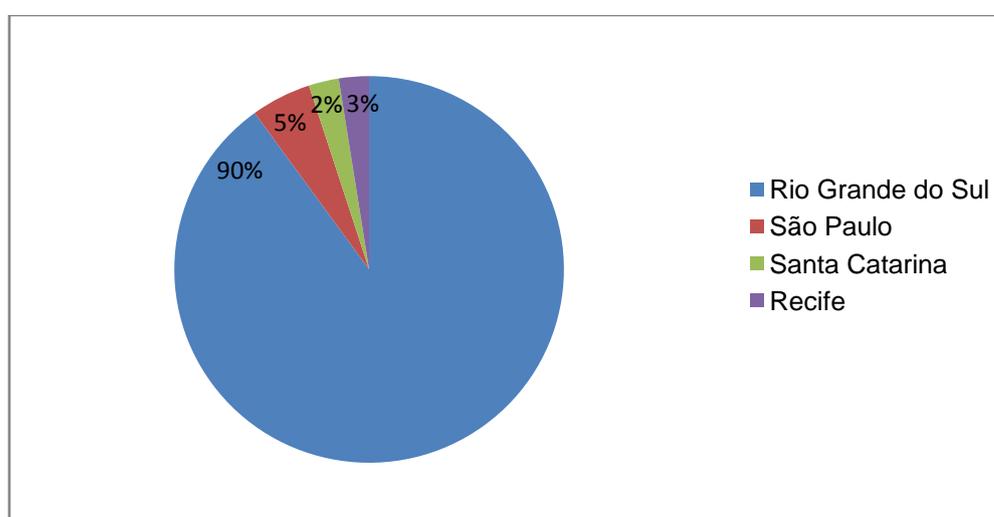
Gráfico 1 - Local de residência dos visitantes da Biblioteca Pública Pelotense, no Dia do Patrimônio.



Fonte: Autora (2016).

Constatou-se que grande parte dos visitantes do evento advém de municípios do interior do Rio Grande do Sul o que corresponde a 90%, entretanto, encontrou-se poucos visitantes de outros estados, apenas 10%. (Gráfico 2). Essa logística pode ser entendida como normal considerando-se que é uma iniciativa recente. Nesse sentido é importante incrementar o planejamento do turismo cultural para futuras edições desse evento.

Gráfico 2 - Comparativo entre o número de visitantes da Bibliotheca Pública Pelotense por estado.

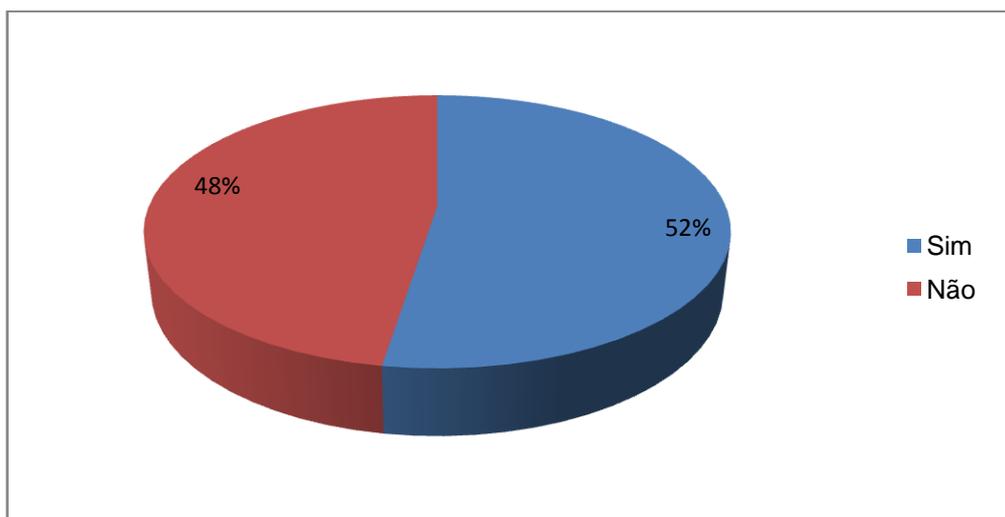


Fonte: Autora (2016).

Costa (2009) afirma a relevância que as diversas classificações quanto ao perfil do turista juntamente com a motivação da viagem têm para o planejamento local de atividades turísticas e produtos das localidades. Além disso, esse autor também expõe que a partir de algumas diretrizes, é possível criar estratégias a fim de desenvolver o fluxo de turistas culturais. Pode-se citar como exemplo, a constatação de algumas necessidades através de pesquisas de satisfação quanto às visitas realizadas em bibliotecas, seus acervos expostos, a apresentação de seus principais produtos aos visitantes, e paralelamente pesquisas de satisfação quanto a infraestrutura local, como sistema de transportes, rede de restaurantes, hotéis, informações turísticas entre outras que venham a agregar informações quanto as necessidades e desejos de tal público.

Verificou-se que mais da metade do número de visitantes da BPP já realizou turismo em outras bibliotecas, 52%. Isso indica um determinado perfil em comum de pessoas que se interessam por elementos culturais das bibliotecas. (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Turismo em bibliotecas: número de pessoas que já visitaram alguma biblioteca, além da Bibliotheca Pública Pelotense com intuito de fazer turismo.



Fonte: Autora (2016).

Dias (2006, p. 36) explana que o perfil dos turistas culturais “como nicho de mercado” engloba pessoas com um alto nível de escolaridade, bem sucedidas financeiramente, politizadas, interessadas em desbravar diferentes culturas e conscientes sobre o meio ambiente. Ademais, são pessoas que buscam a autenticidade cultural e qualidade. Entretanto, esse mesmo autor afirma que essa caracterização restringe-se a apenas um pequeno grupo dentro do turismo cultural e

Esses turistas que não buscam conhecer o patrimônio cultural como primeira opção são os que podemos chamar de clientes indiretos do turismo cultural. São clientes que podem estar ávidos por conhecimentos, embora não propriamente científicos, mas baseados aparentemente em fatos objetivos, e dispostos a observar a realidade local na profundidade limitada ao momento da visita e à informação oferecida, a entender a forma e a causa dos elementos mostrados, capazes de maravilhar-se com o conjunto e de surpreender-se com os detalhes. (DIAS, 2006, p. 37)

Compactuando com essa visão do autor, pode-se dizer, baseando-se na observação direta e em conversa com os respondentes, que muitos visitantes do Dia do Patrimônio apresentam o perfil dos turistas culturais como clientes indiretos, uma

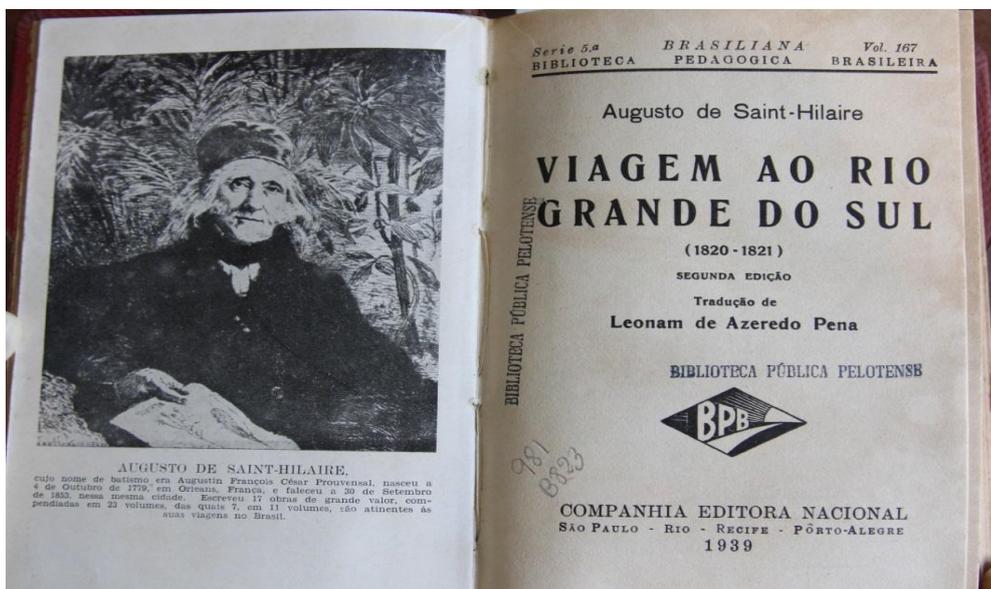
vez que buscavam elementos culturais locais na biblioteca mesmo que essa não fosse sua opção inicial.

Silberberg (apud COSTA, 2009, p. 56) explica que “o grau de motivação que leva um turista a consumir um produto turístico cultural também varia de acordo com o visitante, o que leva a existência de diferentes níveis de motivação para o consumo do turismo cultural” A partir de tal afirmação, Costa (2009) expõe as características de cinco tipos de turistas e visitantes do turismo cultural: a) os que são altamente motivados por cultura; b) os que são parcialmente motivados por cultura; c) os que são adjuntamente motivados por cultura; d) os que são casualmente motivados por cultura; e) os que nunca são motivados por cultura.

Dentre esses, alguns respondentes no Dia do Patrimônio relataram que visitaram a biblioteca pública por terem sido levadas até lá por parentes e amigos (casualmente motivados por cultura); por estarem realizando um curso na cidade e assim aproveitaram o evento para conhecer a instituição (adjuntamente motivados por cultura); indivíduos que foram visitar parentes e optaram em visitar também os espaços culturais do evento (parcialmente motivados por cultura); indivíduos que estavam a passeio em férias na cidade e queriam conhecer a cultura local, indivíduos que queriam redescobrir a cultura pelotense e ainda indivíduos que vieram apenas para apreciar o evento (altamente motivados por cultura).

Além desses, alguns visitantes informaram que estavam em Pelotas para conhecer a charqueada São João conhecida nacionalmente pela minissérie “A casa das sete mulheres”. É relevante refletir que a BPP poderia ter relacionado de alguma forma, o livro “Viagem ao Rio Grande”, de Auguste de Saint-Hilaire, (Figura 17) importante obra de seu acervo raro, assim como outras que relatam como eram as charqueadas no século XIX. Independente do tipo de turista e em quais circunstâncias chegou até determinada biblioteca, o mais importante é que o turismo foi praticado e interessa aqui ressaltar quais atrativos motivaram o turismo cultural na mesma.

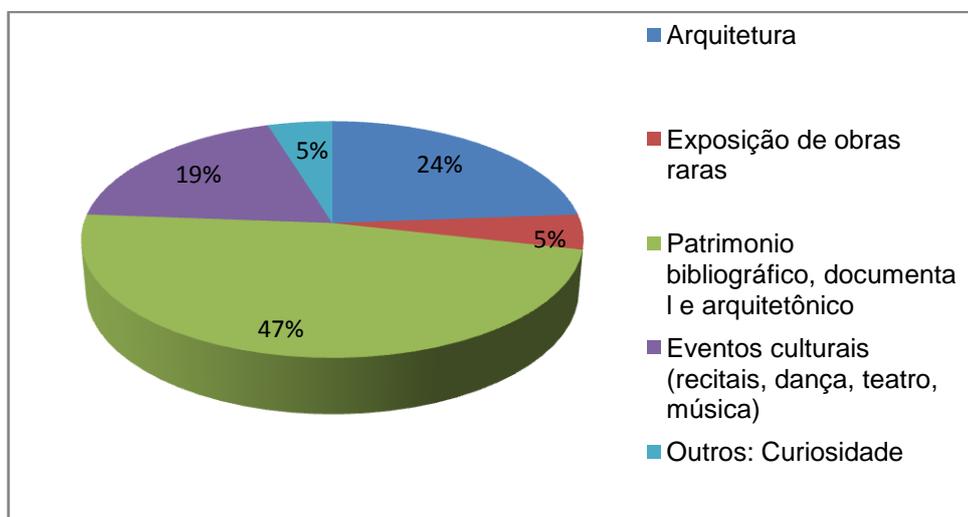
Figura 17 - Obra de Auguste de Saint-Hilaire, no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense



Fonte: Autora (2016).

De forma geral, do total das pessoas que informaram já ter realizado turismo em uma biblioteca além da BPP, apurou-se que a maioria dos respondentes, 47%, motivou-se pelo conjunto patrimônio bibliográfico, documental e arquitetônico que a biblioteca visitada possuía, 24% sentiram-se motivados pela arquitetura do prédio da biblioteca, 19% pelos eventos culturais que eram realizados, 5% por curiosidade e outros 5% pela exposição de obras raras. (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Motivos que provocaram o turismo em bibliotecas



Fonte: Autora (2016).

Essa constatação discrepante, onde uma minoria, 5 % apenas, realiza turismo motivado por exposições de obras raras, ocorre pelo fato de que muitas bibliotecas não realizam exposições deixando de promover seu acervo devido a diversos fatores, como a falta de infraestrutura adequada, falta de profissionais capacitados, escassos recursos financeiros, outras por serem consideradas meros repositórios de livros raros. Batista (2010) explica como se dá o acesso a obras raras de algumas bibliotecas brasileiras.

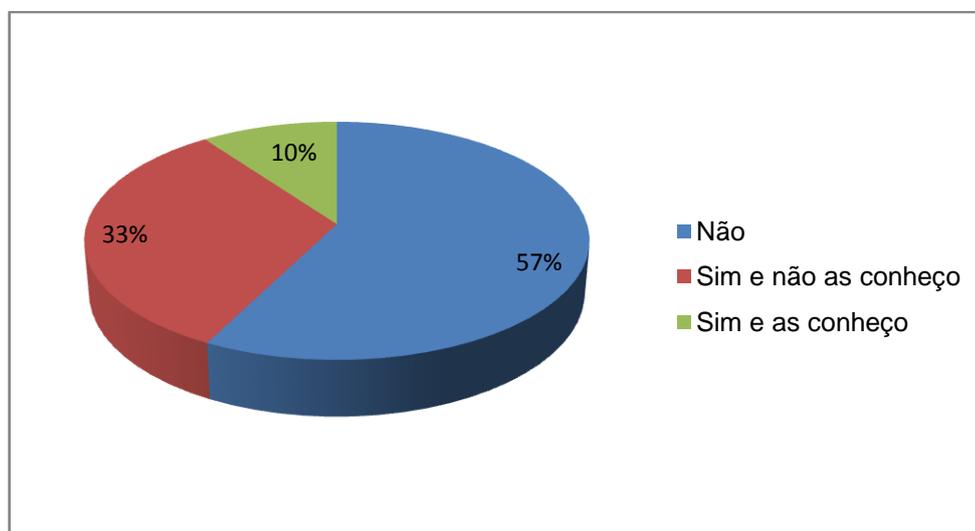
O livro considerado raro no Brasil é armazenado em salas e sub-salas, como cofres de preciosidades, de tal forma que dificilmente se tem acesso ao seu conteúdo. Justifica-se isso como sendo um sistema de defesa contra o “mau usuário”. Nessas condições os livros morrem em matéria orgânica, tem tempo de vida útil, morrem nas prateleiras, em caixotes etc de bibliotecas seladas, viram fragmentos pela ação de agentes biológicos, da umidade, do tempo e do desuso.

A biblioteca de livros raros no Brasil é um lugar onde o livro está preso, onde só é permitido vê-lo, mas nunca tocá-lo. Ora, o livro raro não é só para ler, e sim para ser analisado como monumento e como documento, em suporte e informação. (BATISTA, 2010, p. 199).

Compactuando com a explanação de Batista (2010), no Brasil, ainda são poucas as iniciativas para promover o acesso às obras raras e a ainda para estimular a sua apreciação como um objeto de arte. Tal ação não oportuniza que muitas pessoas sequer conheçam obras que são consideradas patrimônios bibliográficos da nação, contrariando a sua função disseminadora e cultural. No entanto, existe um grande antagonismo no que tange as obras raras, um desafio para as instituições, como preservar e ao mesmo tempo permitir o acesso para que os usuários sejam multiplicadores da informação contida na obra e, portanto, perpetuem a memória coletiva através de algo palpável como o livro, que é representante do passado. Além disso, mais adiante será explanada a visão de Bourdieu, a qual também mostra causas para esse dado.

Quando perguntados se sabiam a existência de obras raras na BPP, 57% dos respondentes disseram que não, enquanto que 43% disseram que sim. Destes 33% informaram que não as conheciam e 10% informaram que as conheciam, ou seja, significa que possivelmente realizaram pesquisas na biblioteca. (Gráfico 5).

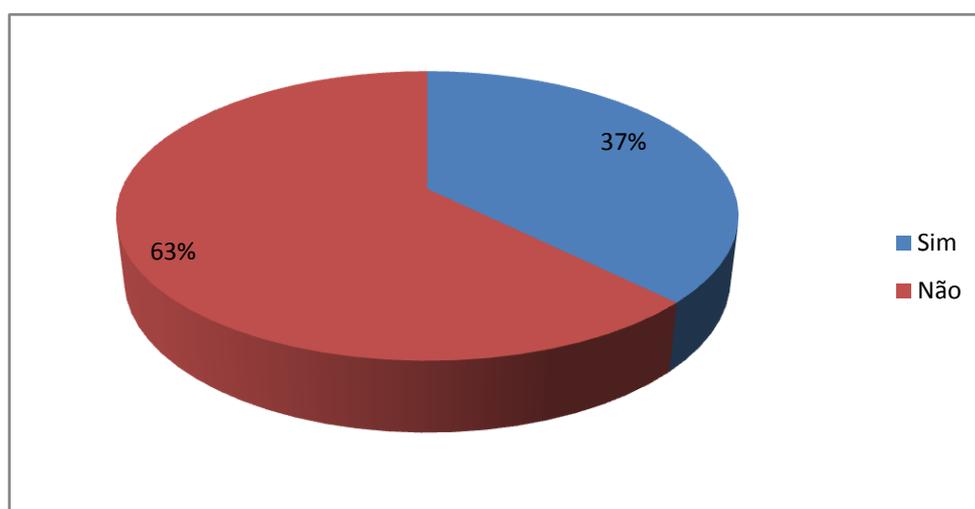
Gráfico 5 - Visitantes que sabem a existência de obras raras na Biblioteca Pública Pelotense



Fonte: Autora (2016).

Perguntados se conhecem uma obra rara, independente da instituição, 63% dos questionados responderam que não, enquanto que 37% respondeu que sim (Gráfico 6). Cruzando-se essa informação com os dados do gráfico 5, onde 10% sabiam a existência de obras raras na BPP e as conheciam, depreende-se que 27% dos respondentes conhecem obras raras de outras bibliotecas.

Gráfico 6 - Visitantes que conhecem uma obra rara



Fonte: Autora (2016).

A questão posterior a esta “Se você não conhece, gostaria de conhecer?” aponta que 100% dos respondentes que disseram não conhecer uma obra rara, gostariam de conhecê-las. Esse dado mostra o quão interesse as obras raras despertam nos visitantes e indica seu potencial expositivo.

Outro dado apurado com a pergunta “Você considera o acervo de obras raras de uma biblioteca um patrimônio cultural?” revela que todos os respondentes consideram o acervo de obras raras um patrimônio cultural, e assim, presume-se que tenham consciência de sua importância cultural como representativos da memória coletiva.

No que tange ao principal motivo que levaria o visitante a tornar-se um turista cultural motivado por conhecer uma biblioteca, 55% dos informantes responderam que iriam em função do conjunto formado pelo patrimônio bibliográfico, documental e arquitetônico. Enquanto isso, 15% iriam motivados por eventos culturais realizados na biblioteca, como apresentações teatrais, musicais e dança. Outros 13% iriam motivados pela arquitetura, 12% iriam motivados por exposições de obras raras e ainda 5% iriam por curiosidade e para realizar pesquisas. (Gráfico 7).

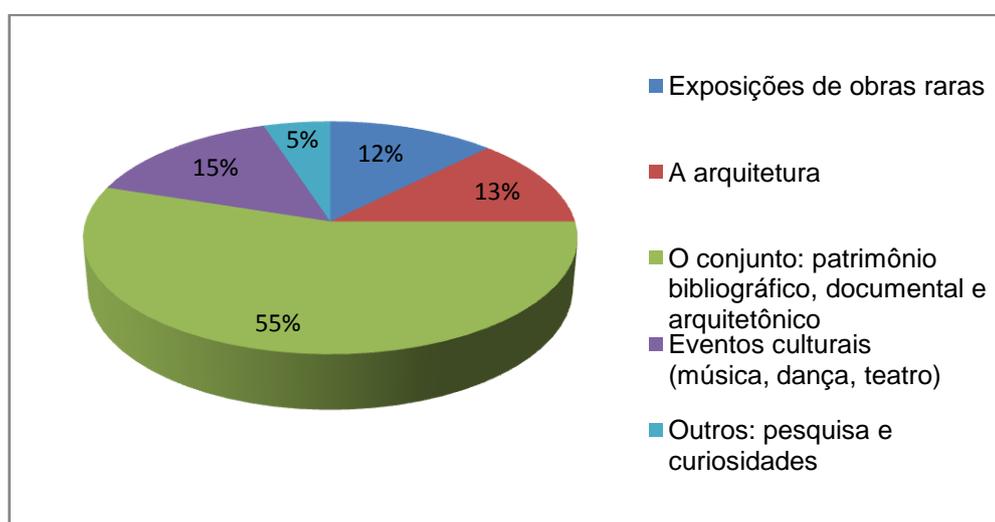
Observa-se que poucas pessoas fariam o turismo em função de uma exposição de obras raras. Entretanto, tal dado por ser justificado pela falta dessa prática cultural nas cidades de origem dos visitantes, uma vez que o hábito de visitar museus, bibliotecas e espaços culturais incide diretamente no gosto em apreciar exposições de livros como um objeto de arte. O hábito tanto das bibliotecas, em expor seus materiais, quanto dos visitantes, em apreciar as obras raras, é construído através do estímulo, através de visitas que se iniciam com pequenas experiências desde a infância das pessoas, seja pela família ou escola.

Bourdieu e Darbel (2003) na obra “O amor pela arte” realiza uma grande pesquisa com visitantes de museus da Europa sobre os hábitos e práticas culturais da sociedade e expõe que as pessoas necessitam de disposições, instrumentos para que possam decodificar a cultura. Assim, passam a gostar e frequentar espaços culturais, ou seja, as pessoas não nascem cultas, elas tornam-se cultas e adotam práticas culturais conforme foram instruídas para tal sendo influenciadas pelo meio em que estão inseridas.

Corroborando com o ponto de vista de Bourdieu (2003) as bibliotecas abrigam verdadeiras preciosidades bibliográficas e documentais, entretanto pondera-se que apesar de estarem abertas a toda população, ao mesmo tempo estão interdidas à

grande maioria uma vez que essas nem sempre tem os “instrumentos de acesso” que as farão compreender uma obra e ainda muitas não tiveram o hábito cultivado de apreciar, o qual, segundo o autor, aumenta com o nível de instrução. Possivelmente, dentro do grupo apresentado no gráfico 7, apenas uma pequena parcela, representa o perfil dos turistas caracterizados como altamente motivados pela cultura.

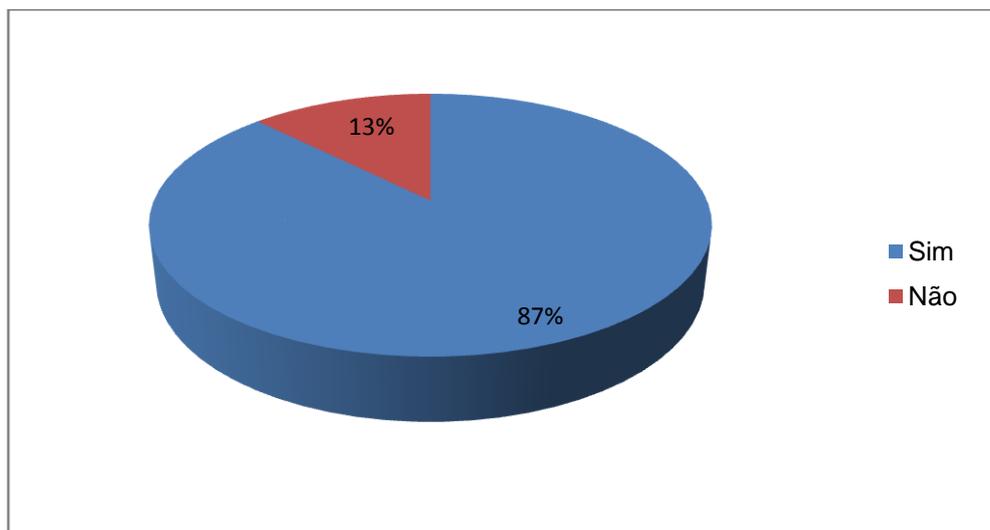
Gráfico 7 - Motivações que poderiam levar os visitantes a praticar turismo em uma biblioteca



Fonte: Autora (2016).

No que tange a pergunta relativa a motivação para o turismo cultural literário, “A literatura, incentiva você a viajar aos ambientes que inspiraram a criação de livros e aos locais onde nasceram e viveram autores?”, mais de 80% dos respondentes afirmaram que sentem vontade de conhecer os locais retratados nas obras e também aos locais em que os autores criaram as obras, como sua cidade natal, enquanto que 13% não tem esse desejo (Gráfico 8). Essa apuração indica que a literatura incentiva a imaginação dos leitores e potencializa a viagem aos locais citados nas obras, promovendo o deslocamento, como explica Simões (2007, p. 15), do “espaço ficcional ao espaço real, transformando leitores em turistas”.

Gráfico 8 - Visitantes que sentem-se motivados a praticar o turismo literário



Fonte: Autora (2016).

Na relação entre os respondentes que sentem-se motivados ao turismo literário e o grau de instrução (Gráfico 9), e os que não sentem-se motivados ao turismo literário e o grau de instrução (Gráfico 10), observa-se que essa prática é condizente com o ponto de vista expresso por Bourdieu (2003). Esse autor aponta que existe uma relação direta entre o turismo e o nível de instrução das pessoas “já que a amplitude, a duração e a frequência dos deslocamentos turísticos estão, de uma forma bastante estreita, associados à profissão e à renda, portanto, à instrução...” (BOURDIEU, DARBEL, 2003, p. 49), ou seja, quanto maior o nível de instrução, maior será a prática cultural considerada “legítima”.

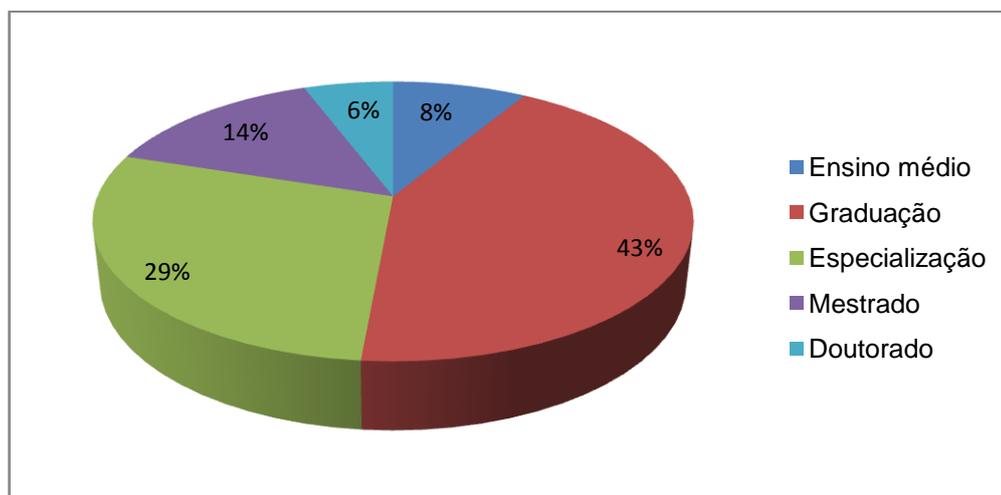
Esse autor vai ainda mais longe e esclarece que a instrução torna-se condicionante aos visitantes de museus e também revela a influência do meio:

Como o turismo está associado ao nível de instrução por intermédio da renda, os visitantes que têm as oportunidades mais freqüentes de visitar os museus identificam-se com os que sentem maior inclinação em proceder a tal visita. Trata-se aí de uma das conjunções que fazem com que, em matéria de cultura, tanto as vantagens como as desvantagens sejam cumulativas. Portanto, a influência exercida pelo turismo sobre a frequência dos museus é limitada, antes de mais nada, em sua duração, já que se trata de um fenômeno sazonal; mas sobretudo, em seu alcance, já que aparece como condição permissiva e não como causa necessitante: ele pode facilitar a prática cultural ampliando o campo das ocasiões de visita, embora, por si só, não seja suficiente para determinar uma intensificação da prática. Em outra linguagem, se é demasiado evidente que o turismo cultural pressupõe o turismo (na qualidade de condição necessária), nem por isso deixa de

variar nos limites assim definidos, como o nível de instrução e não como turismo. (BOURDIEU, DARBEL, 2003, p. 51).

Verifica-se, então, que existe um emaranhado de fatores ligados a frequência de visitantes em espaços culturais como bibliotecas. Pode-se tomar como exemplo aspectos econômicos, sociais, escolares que constituem o cotidiano das pessoas e incidem diretamente na forma como as pessoas realizam práticas culturais, que de acordo com Bourdieu pressupõe algumas condições sociais. Entretanto, cabe ressaltar, segundo Bourdieu e Darbel (2003) que diplomas nem sempre são indicadores exatos de um nível cultural.

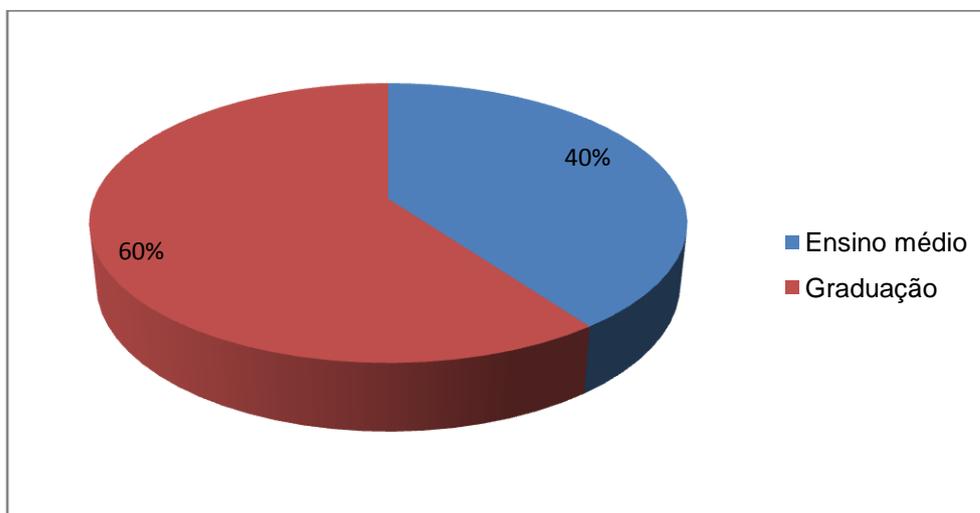
Gráfico 9 - Relação entre os que se sentem motivados ao turismo literário e o grau de instrução



Fonte: Autora (2016).

A relação entre os que não sentem-se motivados ao turismo literário aponta que 40% destes respondentes possuem ensino médio e 60% possuem ensino superior.

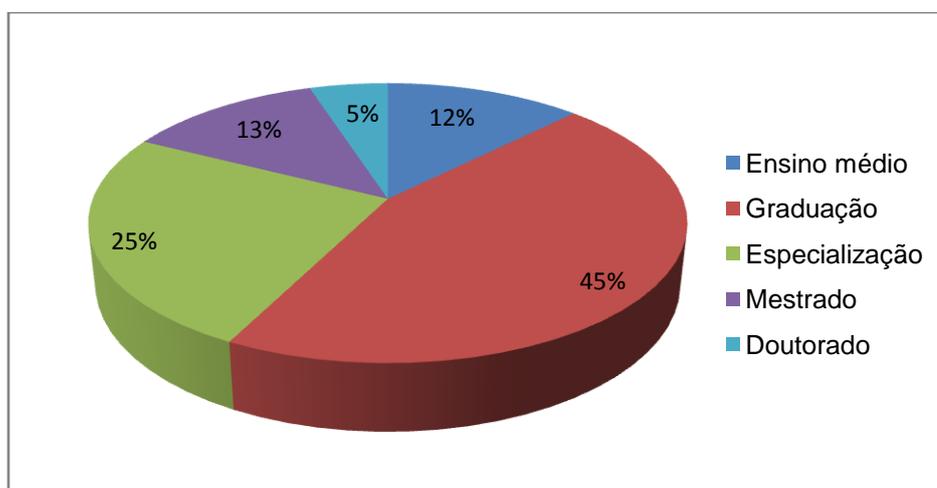
Gráfico 10 - Relação entre os que não se sentem motivados ao turismo literário e o grau de instrução



Fonte: Autora (2016).

Quanto ao nível de escolaridade dos visitantes, independentemente de ser ou não motivados ao turismo literário, averiguou-se que 45% dos respondentes tem no mínimo graduação, 25% tem especialização, 13% tem mestrado, 12% ensino médio e 5% doutorado. Tais dados refletem que a biblioteca é frequentada turisticamente por um público escolarizado, uma vez que não encontrou-se nenhum indivíduo não alfabetizado. (Gráfico 11).

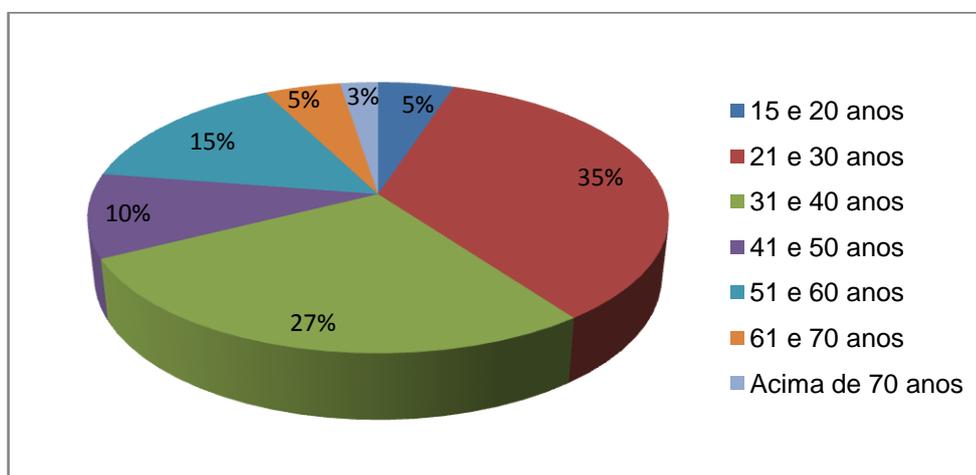
Gráfico 11 - Nível de instrução dos respondentes



Fonte: Autora (2016).

No que se refere a faixa etária da amostra coletada observa-se que o público predominante do Dia do Patrimônio é jovem, 35% corresponde a faixa etária entre 21 e 30 anos. O segundo maior público possui entre 31 e 40 anos e corresponde a 27%. Enquanto que 15% corresponde a pessoas entre 51 e 60 anos, 10% corresponde a pessoas entre 41 e 50 anos. A minoria dos visitantes corresponde a faixa etária entre 15 e 20 anos representada por 5%, entre 61 e 70 anos representada por 5% e acima dos 70 anos representada por apenas 3% dos visitantes da amostra. (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Faixa etária dos visitantes



Fonte: Autora (2016).

7.3 POTENCIAL DE INSERÇÃO DO TURISMO CULTURAL NA BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE: análise da entrevista

Com vistas a analisar os processos e práticas que possibilitam a inserção do turismo cultural na BPP no âmbito do acervo de obras raras e especiais, conhecer a percepção do entrevistado sobre essa possibilidade, bem como tal acervo pode ser utilizado como atrativo turístico e seus benefícios à instituição e sociedade realizou-se a entrevista com um funcionário, historiador da instituição, que está a frente de várias iniciativas e atividades em benefício da mesma. A entrevista ocorreu no dia seis de novembro de 2015 em uma sala da instituição, seguindo-se um questionário com 27 questões abertas.

A entrevista pode ser categorizada de acordo com as seguintes características:

Quadro 5 – Tópicos da entrevista realizada com historiador da Bibliotheca Pública Pelotense

Temas eixo da entrevista	Principais questões tratadas dentro de cada tema eixo	Destaques das ideias extraídas da resposta do entrevistado
Patrimônio cultural	<ul style="list-style-type: none"> - Preservação da herança cultural - Valorização do acervo - Educação patrimonial 	<ul style="list-style-type: none"> - Preservação envolve questões subjetivas, éticas; - Preservar para uso atual e uso futuro; - Elo entre o passado e o futuro; - Projetos educativos.
Obras raras	<ul style="list-style-type: none"> - Exposições - Atrativos turísticos - Projetos/aproximação com o público - Preservação - Potencial turístico/produto turístico 	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupação em preservar o espírito da obra e seu contexto histórico; - Projetos em andamento (preservação, digitalização e criação de uma sala); - Reconhecimento do potencial turístico em exposições; entretanto, enfatiza necessidade de um trabalho multidisciplinar;
Turismo cultural	<ul style="list-style-type: none"> - Visibilidade ao acervo e instituição - Preservação da memória - Turismo literário - Exposições 	<ul style="list-style-type: none"> - A instituição não tem experiências com exposições do acervo de obras raras e valiosas, apenas com obras de artistas; - Preocupação com a forma como seriam expostas as obras raras, não apenas pela materialidade; - Turismo não restringe-se apenas ao prédio.

Fonte: Autora (2016).

Apesar da categorização acima, algumas questões estavam relacionados a mais de um tema eixo devido a sua proximidade e conexão. De forma geral, observa-se que a instituição preocupa-se em preservar o legado de seu patrimônio para as futuras gerações, e apesar das dificuldades consegue se envolver em diferentes projetos a fim de disseminar o conhecimento.

No que se refere a pergunta “*Qual a relevância em se preservar o acervo de obras raras e especiais para as futuras gerações?*”, o entrevistado respondeu que existem questões envolvidas na preservação de obras raras de ordem subjetiva e de ordem ética e moral.

Quanto a ordem subjetiva o respondente argumenta que estamos preservando e conservando um acervo para uma comunidade do futuro e para um uso que não se sabe exatamente qual. Aponta que “Cada comunidade (em termos genéricos), cada grupo, cada indivíduo do seu tempo é que vai fazer o uso daquele acervo, daquela coleção e da própria informação que está ali, que a gente nunca vai saber qual” (Informação verbal). Diante dessa informação, observa-se que uma obra de geografia do século XVII, por exemplo, poderá ter um uso diferente hoje, uma vez que antes servia para informar características de lugares, a distribuição humana da população daquele tempo. Hoje, não pode ser mais utilizada com tal finalidade já que os tempos mudaram, as características não são mais as mesmas, a população pode ter migrado. Entretanto, esses dados podem ter relevância histórica para que possamos compreender o motivo pelo qual ocorreram os fatos.

Outrossim, tal obra pode ainda ter características que a tornam rara, como a impressão a ferro, ilustrações ornamentadas e coloridas. Portanto, a sua forma de produção artesanal faz de si, um objeto de arte. Isso possibilita hoje um novo uso, poderá ser exposto pelas suas características físicas, diferente do momento em que foi criada.

Quanto a ordem moral e ética o respondente enfatiza que a instituição recebeu da comunidade do passado um patrimônio e por algum motivo, como a sua importância, trouxeram essas obras até a biblioteca a fim de conservá-las na instituição. Nesse sentido o entrevistado afirma “De qualquer forma eles legaram isso e cabe a nós, no nosso tempo presente preservar não só a matéria, mas o espírito, a alma da matéria, aquilo que está ali presente e nós fazemos uso...” (Informação verbal). Tal relato aponta a preocupação em preservar a memória de cada obra que constitui esse legado. Nesse sentido Pinheiro (2015) aponta que

cuidar de livros vai muito além da preservação da matéria, é preciso preservar a memória.

Vale dizer que a missão da curadoria de livros raros vai além da guarda do registro; pressupõe a ação pró ativa de salvaguarda, isto é, envolve políticas de preservação que contemplem a materialidade do registro (conservação, restauração, acondicionamento, armazenamento, inventário e segurança), alcançam o conteúdo (microfilmagem, digitalização, reedição, descrição e disponibilidade), e se estendem através de iniciativas que estimulem o sentido de pertencimento da coleção (exposições, oficinas, seminários, visitas técnicas, entrevista de referência, atendimento remoto, edições fac-similares, parcerias – institucionais e interinstitucionais), concretizando e multiplicando possibilidades de acesso e de discernimento, alicerçadas no fundamento de que informação preservada é informação difundida. (PINHEIRO, 2015).

Corroborando com a explanação de Pinheiro (2015), cabe as instituições promover ações para que a memória social não se perca, prolongando ao máximo o tempo de vida das obras para essa e futuras gerações.

O entrevistado diz que o acervo liga os homens do passado, do presente e do futuro. Essa concepção transpõe ao tempo e chancela o acervo como um patrimônio que deve ser preservado para as comunidades futuras, ou seja, comunidades imaginárias que farão ao seu tempo um uso do acervo.

Além do mais, o respondente explica que existe toda a história do contexto que o livro vivenciou o que vai além das páginas do livro. Assim, cita o exemplo da obra mais antiga da biblioteca, uma obra de prosas e versos, que por si só já é interessante, mas que acompanha todo um contexto por traz da sua materialidade, até ela chegar à biblioteca. Por exemplo, qual era a mentalidade das pessoas que leram a obra, por que a trouxeram na biblioteca, qual trajeto passou, era uma obra originária de que país, ou seja, são questões que estão ocultas, no entanto também podem ser investigadas.

Quanto a pergunta “*Como a instituição valoriza suas coleções e evidencia o patrimônio cultural de obras raras e especiais para a sociedade?*” o entrevistado informou que no ano de 2003 foi criado o Centro de Documentação e Obras Valiosas (CDOV) da instituição, que contemplava parte do acervo em suporte de papel do Museu Histórico (Hemeroteca) e do acervo bibliográfico da casa (Obras Raras e Valiosas). Como anexo do CDOV, existia o Arquivo Histórico (AH), o qual passava por processo de organização de documentos e fotografias. Com a finalização da organização do AH, em 2011 o CDOV passa a incorporar as seções

AH, Hemeroteca, Memorial Fotográfico e Obras Raras e Valiosas. Conforme o respondente, a bibliotecária da instituição estabeleceu critérios para definir as obras raras e valiosas e a partir daí também se começou a pensar em uma série de questões como qualificar a preservação, o acesso e a disposição das obras.

Os livros raros estão em uma sala especial, desde o ano de 2011, onde são controladas a temperatura e umidade. De acordo com o respondente, em 2011/2012 foi realizado um trabalho com o curso de Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) a fim de diagnosticar o ambiente climatológico da biblioteca. Assim, foi identificada a sala com menor variação de temperatura e umidade e os livros raros foram transferidos para o CDOV.

Conforme o entrevistado, as obras raras estão catalogadas e existe um projeto com o objetivo de melhor acondicionar as obras, em caixas e invólucros adequados, denominado “Reconstruindo o passado: o valor da memória através da preservação das obras raras e valiosas da BPP”. O mesmo está sendo encaminhado por uma equipe de ex-estudantes do curso de Conservação e Restauro da UFPEL, que constituem o grupo Mnemosine e conhecem o acervo e as suas necessidades. A princípio, será realizado em 2016, inclusive as primeiras etapas já foram aprovadas pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura – PROCULTURA/Pelotas. Observa-se que ainda existe um caminho a ser percorrido para que a biblioteca atinja um estado ideal de preservação e conservação de seu acervo raro, que apesar dos esforços e medidas já adotadas precisam correr contra o tempo a fim de não perder obras para os agentes físicos (umidade, temperatura e iluminação).

Quanto ao acesso, quando um pesquisador solicita livros raros ao atendente, apenas a equipe técnica do CDOV entra na sala que fica em anexo, localiza a obra e retorna a sala de estudos e pesquisa, onde um exemplar de cada vez é emprestado, para que o usuário faça consulta local. Tal procedimento ocorre para manter-se a segurança do acervo, uma vez que são guardadas obras de grande valor que não teriam como ser repostas e ao mesmo tempo para a sua preservação e proteção.

Conforme o entrevistado ainda existe outro projeto, para a construção de uma nova sala para as obras raras, com estantes de tampos de vidros, atentando-se também para todas as medidas de conservação e proteção contra os diversos tipos de agentes. O formato dessa sala iria evidenciar as obras ao público que frequenta a

biblioteca, uma vez que tem como inspiração o Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, entretanto ressalta que o valor desse projeto é muito alto. O entrevistado entende que é interessante um espaço específico em que as pessoas possam visualizar as obras raras, respeitando-se todas as condições para sua segurança, proteção e conservação. No entanto, hoje a biblioteca não realiza exposições com o setor de obras raras e especiais, o que dificulta a apreciação por visitantes já que não oportuniza que as conheçam.

O entrevistado aponta que a presidência da instituição tem focado o trabalho para a sua preservação, entretanto reconhece que o acesso é um dos vieses da preservação “não adianta preservar se não se tem acesso a informação” (Informação verbal). Ainda expõe o interesse em chamar a atenção da comunidade para tal acervo com a criação da “sala das obras raras e valiosas que seja visível ao público e que o público possa adentrar sem prejudicar o acervo” (Informação verbal).

Quando perguntado “*O acervo de obras raras e especiais atrai visitantes e turistas?*”, o entrevistado respondeu que não tem conhecimento de alguém que tenha ido até a biblioteca por causa de uma obra específica. Ele explica que a biblioteca por si só é quem atrai o público visitante, ou seja, tudo que a integra, como a estrutura, o museu, o centro de documentação.

Tal afirmação corresponde aos dados obtidos com a entrevista no Dia do Patrimônio que apontou que 55% dos visitantes realizariam turismo em uma biblioteca motivado pelo conjunto formado pelo patrimônio bibliográfico, documental e arquitetônico da instituição. Entretanto, não podemos esquecer que apesar de o turismo estar associado a um período de férias, as pessoas também realizam turismo quando se deslocam de uma cidade para outra para pesquisar no acervo da instituição, o que também caracteriza o turismo cultural.

Contudo, o fato de a instituição não realizar exposições, talvez deixe de instigar a curiosidade dos visitantes, uma vez que tal prática, na BN atrai muitos turistas, inclusive alguns buscam apreciar a Bíblia de Mogúncia exposta.

O respondente informa que durante o ano ocorrem visitas de escolas na biblioteca e quando acontecem, um funcionário mostra a instituição e inclusive apresenta uma obra rara, explicando-a para que as crianças conheçam. Tal fato desperta a atenção das mesmas. O interesse pelas obras surge, em termos gerais através de curiosidades, como por exemplo, “qual o livro mais antigo do acervo”, “qual o maior livro” e diz que as pessoas “não vêm com interesses específicos”.

Conforme o entrevistado, em termos gerais os turistas que visitam a biblioteca não se aproximam das obras raras disponíveis uma vez que estão armazenados em uma sala separada para sua conservação e proteção. Por isso, também não tem acesso visual.

No que tange ao potencial turístico do acervo raro, o entrevistado acredita que existe. Ele cita, "por exemplo, as obras do Simões Lopes Neto tem potencial, mas a questão é saber como explorar esse potencial" (Informação verbal). Para ele o potencial educativo existe, entretanto a instituição não tem experiência de uma atividade com a finalidade de atrair público a partir de uma obra exposta.

Quando questionado "*A instituição tem uma política de divulgação do acervo raro e especial?*" o respondente informou que não há uma listagem pública das obras desse acervo. No entanto, existe uma menção no site informando que existem obras raras na biblioteca. Ele complementa que quem vai à biblioteca "sabe o que existe e geralmente são pesquisadores..." (Informação verbal).

Cabe destacar que a fim de promover o patrimônio coletivo da instituição pertencente a toda sociedade, cabe uma política de divulgação, o que iria também valorizar e ainda possibilitar que outros pesquisadores, inclusive de outros estados e até mesmo fora do país, conheçam tal acervo.

Quanto a pergunta "*A instituição realiza ações de educação patrimonial com o público?*" o informante respondeu que a própria "Hora do conto" é um trabalho de educação focado na formação de leitores de escolas e quando ocorre, os alunos também realizam a visita guiada, que é bem específica. Ainda, dois eventos educativos e culturais fazem parte da agenda da instituição, a primavera dos museus e a semana nacional dos museus, em que são realizadas ações específicas no museu e no centro de documentação. Observa-se que tal ação contribui para que os visitantes e alunos compreendam melhor o patrimônio local, a sua própria origem desencadeando o sentimento de pertencimento e respeito pelo local.

Em relação a pergunta sobre "*quais ações a instituição têm desenvolvido para aproximar os turistas e a própria população pelotense do acervo de obras raras e especiais*", o entrevistado informou que a visita guiada é o que se tem de mais específico. Esse serviço é oferecido tanto a pessoas que chegam individualmente quanto a grupos de pessoas. Tal ação, conforme já explicado pelo entrevistado, apresenta a instituição aos visitantes, a sua história e os setores, como o centro de

documentação. No entanto, ocorre sem a visualização da sala de obras raras, com eventuais mostras de livros raros a visitantes de escolas.

Quando perguntado se *“A instituição já chegou a desenvolver projetos com outras instituições públicas e privadas do município, incluindo aí, escolares e não escolares para fomentar o interesse pela apreciação de obras raras? Quais foram os resultados?”* o entrevistado informou que sim, no entanto era mais voltado para a gestão do acervo do que visitaçãõ. Ele citou o exemplo que ocorreu juntamente com o Instituto João Simões Lopes Neto, onde a biblioteca ajudou a organizar as primeiras edições que o Instituto tinha disponível do escritor regionalista. Após isso, foi realizada uma exposição com as obras do autor. O respondente ainda enfatiza que havia um espaço pronto e materiais para isso.

Foi questionado ao entrevistado *“Considerando-se que a biblioteca pública deve atender todo e qualquer cidadão, inclusive o público não alfabetizado e semialfabetizado, quais estratégias a instituição utiliza para atraí-los, sem tornar-se um ambiente hostil diante de tantas obras?”* o respondente informou que a instituição tem uma política, desde a sua fundação, de promover atividades educativas e de ação cultural que acompanham o acervo. A biblioteca mantém, por exemplo, “desde 1946 um programa de contação de história para crianças que movimenta mais de 4,5 mil crianças por ano e fora isso uma série de atividades da área do teatro, da dança da música, da própria literatura, saraus” (Informação verbal). Esses eventos acontecem ao longo do ano e assim, a instituição consegue manter pelo menos duas atividades culturais na biblioteca no horário inverso, durante o dia funciona com leitura, pesquisa, empréstimo e durante a noite é possível assistir peças de teatro, dança e música. Isso faz com que o público que vai a noite, retorne durante o dia, assim consegue-se movimentar a biblioteca atraindo através de ações culturais e de acordo com o entrevistado tem dado certo.

O informante aponta que a participação da biblioteca na feira-do-livro de Pelotas também contribui para o aumento do público na instituição. Ainda diz que depois da restauração da biblioteca, o fluxo que era de aproximadamente 9.000 pessoas por ano, passou a ser, hoje (2015), cerca de 29.000. A partir da resposta do entrevistado depreende-se que diversos são os eventos disponibilizados que atraem muitas pessoas, entretanto, não envolvem obras raras. Convém lembrar que as exposições de obras raras são uma possibilidade de apresentar a memória social à população, que talvez não tenha outra oportunidade de conhecer tal acervo.

Quando questionado se *a instituição teria interesse em cadastrar seu acervo raro e especial no catálogo on-line da BN*, a fim de ampliar a sua visibilidade, o entrevistado informou que acredita que sim. Ele ainda disse que apesar de ser 2015, a instituição está terminando a informatização do acervo e alimentando uma base de dados e que, portanto, em breve será possível o público realizar consulta através de computadores, tablets, celular, etc.

Quanto a pergunta *“A instituição encontra algum tipo de dificuldade para manter a preservação de seu acervo raro e especial?”* o entrevistado informou que sim e que são vários os desafios. Ele diz que o próprio tempo “é um agente bastante severo”, e o clima da cidade é bastante úmido. Além disso, há muita oscilação da temperatura e umidade, causando um efeito sanfona. Ele ainda cita que esses fatores “estão ali agindo sobre o acervo, fora a sujidade, insetos, traças e outros” que infelizmente estão sempre presentes na biblioteca. Por isso, informa que cabe aos profissionais estarem sempre atentos para retardar a ação de tais agentes.

Quando perguntado *“Você acredita que a venda de souvenirs que lembrem obras raras e especiais, poderiam publicizar esse acervo além de trazer recursos para a própria preservação?”* o entrevistado disse que sim e que a instituição já teve uma experiência, não com as obras raras, mas em termos gerais da biblioteca, nas duas últimas edições do Dia do Patrimônio (2014 e 2015), onde foram vendidos objetos como marcador de páginas e bloco de anotações. Ele considera interessante que o visitante leve para casa uma lembrança da biblioteca, mas o principal é “fazer com que as pessoas se tornem associadas da biblioteca, por ser uma instituição particular, uma associação civil de direitos privados” (Informação verbal), quanto maior o número de associados maior os recursos que entram na instituição. Portanto, não há um produto turístico à venda voltado especificamente para a divulgação das obras raras e que poderia trazer recursos para a sua própria preservação.

Quando perguntado se *a instituição possui políticas de preservação e conservação de suas obras raras e especiais*, se adota medidas de proteção ao acervo, como controle de agentes físicos (iluminação, temperatura, umidade), químicos (poluentes atmosféricos, poeira), biológicos (micro-organismos, insetos, roedores) e agentes físico-mecânicos (guarda, manuseio, armazenamento), o entrevistado disse que sim. No entanto, esclarece “não é o que se poderia dizer que seria o ideal” (Informação verbal), mas a instituição faz o possível através de ações

domésticas. O mesmo enfatiza que são procedimentos que envolvem muito dinheiro. Ainda comenta que a instituição recebe uma ajuda especial que é do curso de Conservação e Restauro da UFPEL, uma vez que recebe auxílio e dicas para conservação e preservação.

Concernente a pergunta “*Você acredita que o acervo de obras raras e especiais da BPP, poderia ser exposto como um produto turístico e com isso contribuir para preservação de sua memória e ampliar sua visibilidade?*” o entrevistado disse que não consegue visualizar essa ação de forma clara, mas acredita que existe um potencial. Ele enfatizou que para isso deve haver uma boa discussão com profissionais de diversas áreas como: bibliotecários, historiadores, conservadores e restauradores, enfim um grupo interdisciplinar de profissionais que possa dialogar para se chegar a uma forma interessante de expor.

A prática da exposição de livros, conforme ocorre na BN, realmente envolve um grupo de profissionais de diversas áreas a fim de organizar com qualidade e segurança a exposição. Cabe ressaltar a importância do turismólogo, como profissional capaz de elaborar um planejamento do espaço turístico, coordenar e orientar projetos de cunho turístico, a fim de qualificar, por exemplo, uma exposição de obras raras.

Observa-se que existe certa dificuldade quanto a recursos materiais, o que conforme o entrevistado atrapalharia o processo, já que a aquisição de equipamentos possui um alto custo. Além disso, o entrevistado considera mais pertinente não a exposição simplesmente pelo material, mas sim por um conjunto de fatores, como por exemplo, quantas pessoas tinham acesso ao livro quando ele foi lançado, porque o leram. Enfim, a história dos elementos que compõe o livro, como autores, editora, a forma de impressão e ainda enfatiza que talvez equipamentos tecnológicos poderiam também dar um suporte. Cabe lembrar que a projeção de imagens da obra e do autor juntamente com a sonorização de uma pessoa lendo trechos da obra exposta também poderiam agregar valor a exposição e encantar o público.

Quando questionado se *a BPP utiliza ou poderia utilizar a obra de João Simões Lopes Neto como um produto turístico, considerando-se que muitos leitores, sentem-se motivados a viajar aos ambientes que inspiraram a criação de livros e aos locais onde nasceram e viveram autores*, o entrevistado diz que:

acredita que uma exposição bem elaborada, que envolva uma série de elementos além da obra que ressaltem, por exemplo, dados presentes na sua literatura como o pampa, o cavalo, o gaúcho utilizando-se o máximo de recursos possíveis poderiam agregar e atrair um público bastante grande (Informação verbal).

Aqui novamente o respondente enfatiza que é necessário um trabalho conjunto, envolvendo parcerias.

Em relação a pergunta se *já foi desenvolvido algum projeto para estimular a população local a ler as obras de escritores e viajantes que citaram Pelotas em suas obras, como por exemplo, João Simões Lopes Neto e Auguste de Saint-Hilaire*, o entrevistado informa que sim, entretanto esporadicamente.

Durante a primavera dos museus e a semana dos museus já ocorreram conversas sobre Pelotas. Segundo o respondente, quando o escritor pelotense Mário Osório era vivo, ele participava do evento e chegou a abordar diversos autores que escreveram sobre Pelotas, como viajantes em diários de viagens. Além disso, informa também que já ocorreram gincanas dentro da biblioteca, em que colégios de Pelotas traziam alunos para participar e esses recebiam pistas para encontrar autores.

No que se refere a pergunta *“A obra rara, enquanto objeto, pode ser apreciada como um patrimônio, por turistas. Você concorda com essa afirmação?”*, o entrevistado disse que sim, uma vez que o turismo não se restringe apenas ao prédio, ao espetáculo, mas também a muitos outros elementos na biblioteca que vão se somando como pinturas, esculturas. O respondente explica que muitas pessoas entram na biblioteca em razão do prédio e acabam ficando horas dentro da instituição, passando pelo museu, pelo centro de documentação onde ficam surpresos ao encontrar jornais de 1875, por exemplo. Além disso, diz que *“a biblioteca tem uma mística junto a sua equipe”* (Informação verbal) e os funcionários estão aptos a orientar os visitantes que vêm à instituição e a calibrar seu olhar.

Concernente a pergunta *“Você acredita que exposições de obras raras e especiais são capazes de instigar a curiosidade de usuários e turistas motivando-os a visitar outras bibliotecas e a região?”* o entrevistado informou que sim e que essas obras são parte do todo. Ainda diz que algumas pessoas entram na instituição para visitar, mas também podem ser motivados a cursar biblioteconomia, museologia por exemplo.

Aqui novamente o entrevistado reforça que a exposição deve ser bem trabalhada e acredita que “não se pode somente exibir o material em si” e expõe que “material se tem, e que uma expografia seria bastante interessante” (Informação verbal) a fim de dar suporte e ajudar a se atingir esses objetivos. É relevante expor que para fins de turismo, o livro exposto promove uma experiência sensível e estética no visitante que adquire um novo olhar sobre o livro como objeto de arte e ainda tem aguçada a sua curiosidade em conhecer o espaço ilustrado ou citado na obra.

A procura pelo acervo de obras raras, de acordo com o entrevistado, restringe-se a pesquisadores, usuários “muito exigentes e com um nível de especialização bastante alta”. Ainda, complementa-se que aqueles que buscam investigar documentos acabam encontrando fontes valiosas nas obras raras também. Portanto, o perfil dos usuários que buscam por obras raras é bem específico e limita-se a uma minoria dentro do grande público das bibliotecas, enfim são críticos de arte, críticos literários, jornalistas, escritores, historiadores, bibliófilos e algum estudante em fase de conclusão de curso.

Quanto a questão “*Sabendo-se que no Brasil, muitas pessoas nunca foram até uma biblioteca, você acredita que atividades culturais que integram exposições, podem atrair o público em potencial, que nunca esteve em uma biblioteca?*” o entrevistado afirmou que sim e diz que a biblioteca já tem fruto do trabalho de exposições mensais de artistas ou convidados que vem com interesse de expor seu trabalho, por exemplo, obras de arte. O resultado é positivo, “com certeza atraem mais público” (Informação verbal) quando se soma a uma ação cultural. Além disso, cita que o lançamento de livros de autores locais e regionais, também atrai mais público, por exemplo, “o lançamento de um livro ligado ao patrimônio do doce”(Informação verbal) onde haveria também a exposição de doces, o que ele considera interessante.

Conforme o entrevistado, *a biblioteca preocupa-se em preservar a memória de seu acervo através de um programa de digitalização* em três fases e apesar dos desafios enfrentados, principalmente de equipamentos e infraestrutura que envolvem esse tipo de prática, está ocorrendo. A primeira fase iniciou em 2011 e contempla obras do CDOV em tamanho A4 até A10. São mais de 50.000 páginas digitalizadas, o que o entrevistado acredita corresponder a cerca de menos de 5% do todo. Nesse ano (2015), a instituição está terminando de aprovar um convênio

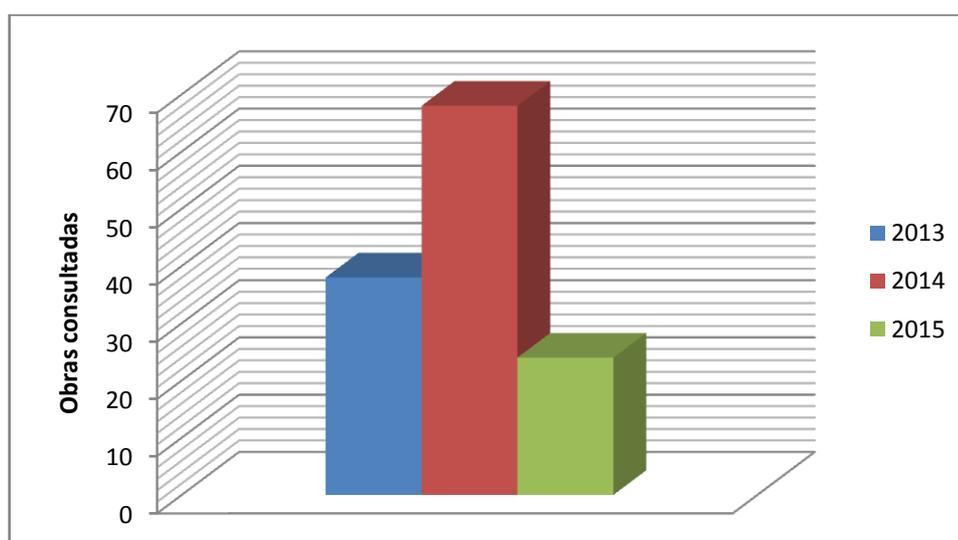
com a UFPEL para iniciar a digitalização do material de tamanho A3 a A0, que são os jornais. Possivelmente em 2016 esse trabalho será iniciado.

O entrevistado diz que a instituição inclui também um projeto de Renata Andreoni, "Imprensa negra no Rio Grande do Sul: caminhos para preservação e divulgação do patrimônio Afro-Brasileiro", firmado com o Museu da Comunicação Hypolito José da Costa de Porto Alegre para a digitalização do periódico Alvorada que faz parte da imprensa negra brasileira e esse trabalho está bastante adiantado. Além disso, informa que o acervo fotográfico está praticamente todo digitalizado.

Compõe a seção de Obras Raras e Valiosas da BPP obras literárias anteriores a 1945 e são exclusivamente livros, cuja estimativa é de 12 mil exemplares, sendo que o mais antigo data de 1.617 "Arcadia, prosas y versos" de Lope de Vega. O CDOV, da qual as Obras Raras e Valiosas fazem parte, contempla, ainda, as seções Hemeroteca, Memorial Fotográfico e Arquivo Histórico.

A instituição realiza um controle estatístico dos usuários que buscam por obras raras e especiais e aponta que no ano de 2013 foram realizadas 38 consultas, no ano de 2014 foram realizadas 68 consultas e no ano de 2015 foram realizadas 24 consultas (Gráfico 13). Enquanto isso, o número de visitantes no CDOV em 2015 foi de 1.092 pessoas.

Gráfico 13 - Relação de Obras raras e valiosas consultadas entre 2013 e 2015



Fonte: Autora (2016).

Esses dados revelam que diante do fluxo total de pessoas que passaram pela instituição, cerca de 29.000, o número de pesquisadores é bem menor. Essa disparidade é um dado normal nas bibliotecas brasileiras, pois a quantidade de pessoas que chegam ao terceiro grau é também reduzida, assim como aquelas que tem o hábito de visitar bibliotecas. Entretanto, um maior número de indivíduos poderia conhecê-las visualmente, sem tocá-las para não comprometer seu estado físico, o que evidenciaria a dimensão de sua importância como um objeto informacional que apresenta a mentalidade de uma época, prático e útil para a sociedade e ao mesmo tempo como um objeto de arte de museu, que contém resquícios da produção artesanal ou rudimentar de uma época.

7.4 EXPOSIÇÕES E TURISMO CULTURAL NA BN: análise de entrevistas

Considerando-se as diversas atividades culturais promovidas junto ao acervo de obras raras e especiais da BN, que movem diversas pessoas até a instituição, optou-se por entrevistar a Coordenadoria de Acervo Especial (E1) e a Chefe da Divisão de Obras Raras (E2), a fim de compreender o funcionamento das exposições e a prática do turismo cultural na instituição. A partir dessa análise, busca-se fortalecer a concepção de obras raras como objetos de arte e, portanto, como produtos turísticos passíveis de visita em exposições. O tempo de duração de cada entrevista foi aproximadamente 60 minutos, no dia 13 de outubro de 2015 às 15 horas e 17 horas, em uma sala na Coordenadoria de Acervo Especial e na Seção de Divisão de Obras Raras respectivamente. Seguiu-se um roteiro com 18 questões abertas a fim de orientar a entrevista com a E1 e à E2 realizou-se uma conversa focada nas exposições de obras raras ocorridas na BN.

Quadro 6 – Tópicos das entrevistas realizadas com bibliotecárias da Fundação Biblioteca Nacional

Temas eixo da entrevista	Principais questões tratadas dentro de cada tema eixo	Destaques extraídos das respostas das entrevistadas
Obras raras	<ul style="list-style-type: none"> - Obras de arte - Preservação da herança cultural - Divulgação à sociedade 	<ul style="list-style-type: none"> - Bibliografia histórica e bibliografia material; - Usuários potenciais - Aspecto museal do livro - Efeito imagético
Exposições	<ul style="list-style-type: none"> - Educação patrimonial - Atrativos turísticos - Turismo cultural 	<ul style="list-style-type: none"> - Usuários potenciais - Sentido de pertencimento - História do livro; - Preservação da memória - Carácter didático

Fonte: Autora (2016)

A BN realiza diversas ações para a divulgação de seu acervo ao público, nesse sentido foi questionado à E1 “[...] *quais ações poderiam servir de exemplo a outras bibliotecas a fim de divulgar o acervo de obras raras e especiais*”. A entrevistada informou que o acervo que se encontra em domínio público está disponível para acesso no site da instituição e parte está em processo de digitalização. Além disso, cita que nas exposições internas (dentro da BN) e externas (quando a BN empresta livros para outras instituições) “o público tem acesso às diversas tipologias documentais do nosso acervo, além de publicações” (Informação verbal). Observa-se, portanto o alcance das exposições que colocam o público diante de obras raras até mesmo fora da sua sede.

De acordo com a E2, além dos dois tipos básicos de exposições que envolvem o acervo, as internas e externas, existe ainda um terceiro tipo de exposição que ocorre nas seções da BN, quando um setor seleciona obras para expor em função de uma data comemorativa, uma efeméride ou um evento científico, nesse caso um organizador entra em contato com a BN solicitando uma

exposição sobre determinado assunto. Essa entrevistada diz que existe toda uma normatização que formaliza os procedimentos de exposições, como, por exemplo, a submissão as exigências do IPHAN, a questão do estado de conservação, as condições do *courrier* acompanhando a obra até onde ela vai, a questão do seguro prego a prego. Portanto, várias questões envolvem o empréstimo extramuros da BN.

Observa-se que a BN evidencia seu acervo através da digitalização, portanto ao mesmo tempo em que preserva, também divulga. Ainda, a exposição reforça o caráter artístico da obra e põe em evidencia aspectos que poderiam passar despercebidos, caso a mesma não estivesse exposta, tais como: encadernação, ilustrações, a disposição gráfica dos elementos que a compõe, etc. e até mesmo o conteúdo informacional da obra.

Conforme a E2, o modo de tornar uma exposição de obras antigas, como por exemplo, impressas em latim, que são obras para alguém que lê latim, línguas clássicas ou línguas mortas¹⁶, que são estudadas, mas não são mais faladas, é contar a história do livro. Dessa forma, o turista ao visitar a exposição, vai encontrar legendas enormes, que não são exclusivamente bibliográficas, mas legendas com a história do livro daquela obra. Para a E2, uma das coisas que mais a encantava era ver as pessoas debruçadas sobre as vitrines lendo as legendas explicativas, onde deixavam as suas digitais.

Tal situação de acordo com E2, “nos causa muito impacto” (Informação verbal) e cabe ressaltar que algumas pessoas chegam até a perguntar quando uma determinada obra sairia da exposição, pois não sabia que o livro exposto existia na biblioteca e desejava consultá-lo. Isso prova que, muitas vezes, as pessoas não percebem a existência de uma obra e quando está sob uma “moldura” em exposição é capaz de chamar a atenção das pessoas.

Ainda, essa ação mostra o poder de fascinação que uma obra exposta exerce no visitante. Ressalta seus traços materiais e possibilita que um visitante passe a utilizá-la enquanto suporte da informação. Com isso, a exposição permite a difusão da obra, antes desconhecida pelo público.

Além do mais a E2 diz que uma característica das obras expostas também é o efeito imagético que causa. Segundo a mesma, procura-se colocar obras que tenham imagens impactantes, e alerta que o impacto da imagem está diretamente

¹⁶Línguas mortas são aquelas que não são mais utilizadas por falantes nativos. Entretanto está registrada, por exemplo, em livros, e, portanto, pode ser estudada.

associado ao seu tamanho. Dessa forma, um livro pode ter uma ilustração linda, mas se for muito pequena, o indivíduo depende de uma lupa para enxergar, por isso opta-se por imagens maiores.

Segundo a E1, no que se refere a pergunta “*A BN disponibiliza um Catálogo on-line, onde as instituições nacionais podem cadastrar seus acervos raros e valiosos. Quais os benefícios gerados às instituições que cadastram seus acervos nesse catálogo?*” em 1995, a BN, iniciou de forma efetiva os trabalhos para “organização do Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional (CPBN) com obras dos séc. XV-XIX, gerenciado pelo Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras – PLANOR” (Informação verbal). Através desse catálogo as bibliotecas do Brasil poderão cadastrar seus exemplares raros e, portanto, ampliar a visibilidade tanto do acervo, quanto da instituição, uma vez que o catálogo da BN é largamente consultado.

Para a E1, *a BN promove ações de educação patrimonial ao público* com vistas a preservação documental e patrimonial, quando este chega próximo ao acervo e participa de visitas guiadas. Ainda afirma que “toda iniciativa que visa a orientação do público quanto a importância da cultura do país é uma semente que poderá dar bons frutos”(Informação verbal) e, portanto, a educação patrimonial em bibliotecas públicas fomenta práticas que refletem nos hábitos culturais do público.

Em relação a pergunta sobre “[...] *quais estratégias a BN utiliza para atrair todo e qualquer cidadão, inclusive o público não alfabetizado e semialfabetizado sem tornar-se um ambiente hostil diante de tantas obras?*”, a E1 afirmou:

A maioria das bibliotecas públicas criam estratégias para acolher todo o tipo de público, seja com propostas como a hora do conto, exposições temáticas, teatrinho, cursos de artesanato, pintura, modelagem, etc., sempre visando uma proximidade maior com a comunidade que a cerca. Embora a FBN seja uma Biblioteca de última instância, e seu acervo seja predominantemente direcionado a pesquisadores, costumamos direcionar alguns usuários para a Biblioteca Euclides da Cunha, que é uma biblioteca pública vinculada à BN, que funciona no Palácio Capanema. Além disso, a FBN tem sempre uma programação com palestras, debates e exposições franqueadas ao público em geral, além da visita guiada, que permite que todo cidadão possa conhecer a Biblioteca (Informação verbal).

As exposições apresentam um caráter universal, uma vez que permitem o acesso de toda e qualquer pessoa. A sua compreensão irá depender somente do visitante, entretanto, a interação e visualização com uma obra rara também encerra um forte apelo à sua preservação como um patrimônio cultural.

A E2 afirma que as exposições “tem um objetivo fundamental, que é de promover o sentido de pertencimento, a ideia é tirar um pouco aquela imagem que se tem da biblioteca como um espaço restrito para um usuário de elite” (Informação verbal). Ainda, exemplifica que uma pessoa que se encontra na graduação ou na pós-graduação *lattu* ou *stricto sensu*, está num nível que é reservado a uma elite que conseguiu alcançar o terceiro grau e níveis até mais avançados, então não é o grande público, o grande público não se vê como usuário da BN. Dessa forma, as exposições montadas pela instituição têm a finalidade precípua de estimular o espírito de pertencimento e para isso, ao montar as exposições utiliza-se um discurso coloquial nas legendas sobre cada obra, onde é selecionada uma temática que não é necessariamente popular, entretanto é dada a ela uma abordagem popular, uma vez que “[...] o objetivo da exposição não é atrair o nosso usuário, porque este não precisa ser atraído, ele vem à biblioteca porque precisa” (Informação verbal). Nesse sentido, a ideia das exposições é atingir todos os grupos possíveis da sociedade, “[...] começar a formar usuários potenciais e fazer com que o visitante se identifique de tal modo com aquilo e diga: nossa eu venho pesquisar aqui um dia, eu quero pesquisar esse acervo” (Informação verbal).

Essa argumentação vai ao encontro da concepção proposta neste trabalho, de que as exposições podem instigar os visitantes retornar na biblioteca, como por exemplo para pesquisar, e, além disso, fazer com que a memória do acervo raro seja conhecida para além de pesquisadores ao grande público. Nesse sentido, as exposições oportunizam que visitantes conheçam o patrimônio bibliográfico e documental de uma instituição. Portanto, as atividades culturais que integram exposições, podem tornar-se não apenas uma mera colocação de livros aos olhos do público, mas uma forma de inspirar e instigar o público em potencial que antes nunca esteve em uma biblioteca a retornar e perceber as diversas possibilidades de estudo e pesquisa a partir de seu acervo. Assim, além do turismo, o visitante é estimulado a enriquecer seus conhecimentos.

Quando questionado se “*Existe um plano de conscientização da BN sobre as obras raras e especiais de outras instituições para que a memória nacional não se perca?*”, a E1 informou que sim. Ocorre através do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR) com a realização de visitas técnicas, onde é oferecido suporte e auxílio com “orientações para tratamento e preservação do acervo

avaliado”, a partir de um parecer técnico enviado a instituição ao final da visita. Também presta assessoria remota em todo Brasil.

Além disso, conforme essa entrevistada, o PLANOR realiza diversas atividades, como cursos de capacitação para profissionais, alunos e curadores sobre acervos raros e a memória, promovendo com isso a troca de experiência e informações.

Quando questionado sobre “*Qual a importância em se preservar o acervo de obras raras e especiais para sociedade?*”, a E1 diz que:

Todo acervo raro e especial traz com ele um enredo histórico, seja da forma de aquisição e formação de uma coleção, de seu colecionador, de uma instituição, etc. Preservar o acervo documental é preservar a história de um personagem, de uma instituição, de um estado, e de um país (Informação verbal).

Esse ponto de vista da entrevistada chancela a importância em se preservar uma obra rara, seja em todo e qualquer aspecto histórico que envolve a obra, desde a sua produção até a forma como chegou a uma biblioteca ou ainda para preservar o conteúdo para fins de pesquisa.

No que se refere a pergunta “*As pessoas demonstram interesse em conhecer obras raras e especiais quando vem à BN?*” a E1, afirmou:

Sem dúvida! As pessoas se interessam em conhecer o que não está disponível em outras instituições, ou que não é de fácil acesso. Como nem sempre é possível atender a esta demanda, tendo em vista os cuidados de preservação com os documentos originais, grande parte deste acervo já está disponível na BN Digital, e estamos ultimando os preparativos para uma exposição permanente, que disponibilizará para conhecimento do público as obras do acervo da BN nominadas como “Memória do Mundo”(Informação verbal).

Conforme a explanação da E1, as obras raras são objetos de interesse dos visitantes. Isso significa que elas têm potencial turístico uma vez que muitas pessoas desejam ver e conhecer uma obra única e preciosa.

Normalmente a BN tem a preocupação de ter uma ou mais exposições para atender à curiosidade de seus visitantes. Mas já houve circunstâncias em que as pessoas queriam, por exemplo, ver a Bíblia de Mogúncia, que é uma das peças mais raras do acervo. Nesses casos explicamos que se trata de uma peça de cofre, que por questões de preservação e segurança não é dada à consulta, e que poderão conhecê-la na íntegra através da BN Digital (Informação verbal).

O fascínio despertado pelas obras raras acaba por desencadear o turismo, uma vez que as pessoas deslocam-se, mesmo sabendo que algumas não estão disponíveis para consulta. Apenas desejam apreciá-las, como é o caso da Bíblia de Mogúncia que atrai diversos turistas e para sua preservação fica guardada em cofres. Na BPP, averiguou-se que os visitantes do Dia do Patrimônio tinham interesse em conhecer uma obra rara, o que legitima o patrimônio, que ao ser exposto estimula o sentimento de pertencimento.

Diante da afirmação “*A obra rara, enquanto objeto, pode ser apreciada como um patrimônio, por turistas*” a E1 concorda e explana que “Todos tem direito de apreciar uma obra de arte, uma obra rara, ou qualquer outro tipo de documento. Isto é um direito de todos, mas não podemos esquecer de tomar os cuidados necessários com a preservação destas obras...” (Informação verbal). Além disso, cita que deve haver cautela quanto a segurança e critérios expositivos recomendados. Essa preocupação revela o quão cuidado e atenção merece uma exposição a fim de que a obra não seja danificada ou sofra o mínimo de qualquer ação que a prejudique. A E1 também diz que “Nem sempre é possível disponibilizar uma obra rara original para apreciação por turistas.” (Informação verbal). Quando uma obra não está em condições de ser exposta, é possível apresentar em seu lugar um exemplar fac-símile, que é exatamente igual a obra original, é uma cópia idêntica que apenas um especialista consegue identificar. Os exemplares fac-símiles são uma solução para obras que são muito buscadas ou quando se deseja reduzir a sua exposição a fim de preservar o máximo a original ampliando seu período de vida. Cabe ressaltar que a digitalização não substitui o exemplar original, assim como o exemplar fac-símile, são importantes meios para se preservar a obra original e fazer com que a disseminação do conhecimento ocorra.

Para a E2, o grande aspecto museal do livro, seja ele antigo ou moderno, pode ser pela forma com que é visto pelo público e pelo assunto que ele trata. Por exemplo, para uma pedagoga tal obra é um livro didático, para um historiador essa mesma obra conta a história do livro, ou seja, a abordagem das características do livro ou a temática do livro vai depender muito do olho de quem pesquisa.

Portanto a obra provoca diferentes olhares e possui multifacetadas perante os diversos tipos de públicos em uma exposição. Assim pode ser um objeto de arte para um visitante e ao mesmo tempo, pode ser um livro prático com informações úteis para outro. Além do mais, a E2 explica que quando um visitante entra numa

exposição existe coisas que ele vê e que lhe são permitidas ver pela bagagem cultural que possui, ou seja, “existe uma diferença entre ver e olhar, existe aquilo que você vê e aquilo que você olha”. (Informação verbal).

É possível olhar sem ver a essência, entretanto, ver pressupõe olhar profundamente a partir da bagagem cultural acumulada pelo indivíduo. Dessa forma, o capital cultural abordado por Bourdieu (1998) age no sentido de permitir a compreensão de um visitante sobre a mensagem implícita em uma escultura, pintura ou livro raro, seja pela simbologia dos elementos presentes nos mesmos. Portanto, existem mensagens sublineares que só o conhecimento permite ao indivíduo ver e perceber.

Com isso, presume-se que o livro raro apresenta uma dupla característica, como item bibliográfico e como item museal, entretanto, conforme já citado, existe uma discussão entre a abordagem da bibliografia descritiva e bibliografia material que se ocupa da materialidade do livro por conta da sua produção artesanal, da ocorrência de gravuras em metal, água forte e buril, de litografia. A ilustração impressa é uma prática bastante recente, do século XX, antes disso o livro era ilustrado essencialmente por gravuras encartadas no livro o que lhe atribuía um caráter museal.

Além do mais, a E2 expõe que não é da natureza do livro a guarda selada sem acesso. Nesse sentido, Ranghanatan formulou em 1931 as cinco leis da biblioteconomia, sendo que a primeira diz que o lugar do livro é nas mãos do leitor. Portanto, parte-se do princípio que a finalidade pela qual um livro surge é justamente estar acessível ao máximo possível de pessoas. A E2 ainda afirma que existe um ônus pago no momento em que se expõe um livro, assim como existe um ônus pago no momento que se coloca na mão do leitor, uma vez que em ambos os casos há uma interferência externa, que por menor que seja, reduz o tempo de vida útil da obra, “mas compensa” (Informação verbal), para que a memória não se perca, uma vez que “informação preservada é informação difundida”. (Informação verbal).

De acordo com a E2, quando se fala em preservar uma obra, se está preservando a sua materialidade, e, portanto essa é uma situação dilemática para o bibliotecário, uma vez que é preciso preservar a informação explícita e implícita. Dessa forma, a preservação do conteúdo depende de colocar-se “o livro na mão do leitor ou aos olhos dos leitores” (Informação verbal), porque do contrário se está preservando apenas o suporte e esse é matéria orgânica, um dia irá “morrer”.

Portanto, um curador deve reduzir os danos que o tempo causa na materialidade de um livro e ampliar o tempo de vida útil, ou seja, é preciso dar longevidade a informação e a longevidade a informação pressupõe a sua difusão, e através do ônus pago é que ocorre o efeito multiplicador no âmbito do conteúdo, então o destino do livro é a mão do leitor, efetivamente não são as prateleiras, as estantes, os armários.

Quanto a questão “[...] *Você acredita que visualizar uma obra rara digitalizada causa a mesma emoção que visualizá-la ao vivo?*”, a E1 diz que :

Depende do tipo de interesse que se tem pelo objeto. Se é apenas uma questão de ter um contato direto com algo de séculos passados, talvez não tenha a mesma emoção, mas ter acesso a algo que dificilmente você teria como consultar por diversas questões, é um ganho sem tamanho (Informação verbal).

Corroborando com essa percepção, visualizar uma obra, mesmo que seja através de uma vitrine, sem tocá-la, pode-se dizer que é um privilégio, considerando-se tanto o seu valor informacional, quanto material. Conforme a E2, ler um conteúdo microfilmado, digitalizado, numa edição fac-similar, é diferente de manusear um livro que foi produzido em um determinado período, que representa a produção autêntica de um momento, já que quando se toca e olha um livro, outra informação é transmitida, a qual não está escrita, mas é o próprio suporte. Por isso ele tem características museais de obra exposta.

O leitor precisa ver e tocar o livro raro para perceber as informações que estão além do texto. Essa percepção é produto de uma experiência gráfica, simultaneamente, visual e tátil, que não diz respeito à literalidade, mas ao livro-objeto, como se o livro fosse “outro” a cada novo exame, com aspecto que não foi percebido pelo olhar e pelo manuseio anteriores; embora, esse “outro” livro sempre estivesse ali, inteiro.

As ações simultâneas de ver e tocar provocam diversas interpretações sobre os modos como o livro raro patenteia determinada informação, porque os artífices do livro não deixaram relatos de seus procedimentos metodológicos. No entanto, aquelas interpretações levam a regras unívocas que, por sua vez, conduzem à reconstrução daquele universo de procedimentos, como um quebra-cabeça infindo. (PINHEIRO, 2014)

Pode-se dizer que quando uma obra é vista e tocada pela maioria dos usuários em determinada página, significa que tal informação correspondeu aos anseios do leitor. Ou seja, é possível depreender várias informações que ficam

impregnadas nos livros a partir do ver e tocar dos usuários sobre a obra. Um dia tais “sinais” farão parte da história do livro.

A E2 ainda explica que a obra digitalizada é uma imagem do original, mas não é o original e não o substitui. “Existe uma informação material que a informação digital não capta, como por exemplo, a textura do papel, marcas de fabrico do papel, a textura de uma encadernação” (Informação verbal). Quando se vê uma obra digitalizada na internet, não é possível ter acesso a algumas informações como marcas de uso, que muitas vezes são retiradas, portanto, existe uma informação efetiva que somente a materialidade do livro passa, e é completamente diferente da versão reproduzida digitalmente.

Quando questionada se a E1 “[...] acredita que exposições de obras raras e especiais valorizam o acervo, preservam a memória e instigam novos conhecimentos no público visitante”, essa afirma que sim e ressalta que “é importante a disseminação e visualização desses acervos através de exposições” (Informação verbal). Ainda coloca que essa é uma das missões da instituição, divulgar e disponibilizar a memória do acervo através de exposições internas e externas à BN, entretanto ressalta que deve ser de acordo com critérios de segurança e exposição. A E1 diz que instituições menores podem também oportunizar o público em conhecer tal acervo por meio da participação de “eventos com a comunidade, com as escolas, divulgando seus acervos, promovendo exposições, mesmo que sejam de pequeno porte além de organizarem catálogos e folhetos sobre seus acervos” (Informação verbal).

A E1 confirma que o acervo de obras raras e especiais geralmente é procurado para fins de pesquisa por um público específico, composto por pesquisadores críticos de arte, críticos literários, jornalistas, escritores, historiadores, bibliófilos e algum estudante em fase de conclusão de curso. Nesse sentido, este trabalho reforça o caráter do livro objeto, como obra de arte, a fim de que possa ter outros usos a uma comunidade que muitas vezes, poderia não ter outra oportunidade em conhecer tal patrimônio.

Quando questionado *como ocorrem as exposições internas e externas à BN*, a E1 expõe que as externas são realizadas a partir do interesse de outras instituições, de curadores em alguma comemoração ou efeméride. Existe uma política de empréstimos que estabelece normas e procedimentos das obras que saem para exposição, conforme uma Instrução de Serviço.

Segundo a E1, as exposições internas são realizadas em função de “datas comemorativas, projetos institucionais, cooperação entre instituições, homenagem a personalidades, ou em função da promoção de coleções do acervo, etc.” (Informação verbal). Ainda, diz que sempre foi interesse e preocupação da BN expor os seus tesouros a fim de que pudessem ser apreciados e a primeira grande exposição realizada foi a dos Cimélios e depois a exposição sobre História do Brasil. De acordo com a entrevistada, o número de exposições varia conforme a verba disponível, o calendário proposto e eventos previstos. São realizadas em média três exposições internas por ano. Quanto a exposições externas no ano de 2015 “participamos com nossas peças de dez exposições externas, não só em instituições do Rio de Janeiro, como de outros estados.”(Informação verbal).

Na realização das exposições, são envolvidos diferentes setores. As exposições internas movimentam “a área de guarda de acervos, a área de preservação, digitalização, eventos, editoração e a procuradoria federal da BN.” (Informação verbal). Quando realizam-se exposições fora do Brasil, a E1 explica que é necessário também autorização do IPHAN para que as peças saiam do país.

Observa-se, portanto, que existe uma estrutura ligada as exposições e as instituições que desejam realizá-las devem ter como modelo. Além disso, outra observação pertinente é que o IPHAN está ligado a BN, o que representa o valor inestimável do acervo como patrimônio que necessita até mesmo de sua liberação.

No que concerne a pergunta “*Quais os cuidados necessários que se deve tomar ao realizar-se uma exposição com obras raras e especiais, quanto a luminosidade, vitrine, armazenamento e transporte?*”, a E1 diz:

As condições ambientais com os seguintes valores médios: umidade relativa (UR) de 50%, com uma variável aceitável de 5%, e temperatura (T) de 20°C, com uma oscilação aceitável de 2°C. Intensidade luminosa máxima de 50 lux e isentas de radiações ultravioletas (Informação verbal).

Tais normas estão inclusas na política de empréstimos. Segundo a E1, o transporte deve ser realizado por empresas especializadas em transporte de obras raras, via aérea e as vitrines devem ser seguras. Dessa forma, existe uma série de exigências quanto a infraestrutura da instituição solicitante a fim de que as obras estejam em condições de segurança, temperatura, luminosidade, transporte, exposição, entre outros.

Conforme a E2, as vitrines da BN são todas chaveadas, possuem protetor filme para resguardar as obras da luminosidade do ambiente. Ao serem montadas, as exposições, antes da abertura, são submetidas à área de preservação que visita e faz avaliações sobre a mesma. A partir disso, se necessário, são realizadas mudanças na exposição, como por exemplo, levantar um pouco mais um livro para não criar um vício de abertura, entre outros. As obras que entram nas exposições são todas higienizadas antes de entrar na vitrine, seguindo-se critérios de preservação e optando-se por livros em bom estado de conservação que são raros, apesar de não serem os raros guardados em cofres, são considerados raros.

Outra preocupação exposta pela E2 se refere a questão das vitrines, uma vez que as vitrines são seladas elas não ventitam. Por isso, as exposições duram em média de 30 a 40 dias, a fim de evitar que as obras sofram alguma ação do meio ambiente e mesmo que haja grande visitação, é preciso desmontar para proteger as obras.

De acordo com a E1 existe um seguro sobre as obras raras e especiais emprestadas e todas as peças são avaliadas por especialistas da BN, nomeados para isso através de Decisão Executiva. Ainda, conforme a mesma, os custos com as exposições variam, mas deve ser previstos com a curadoria, pesquisa, higienização/restauração das peças, moldura, transporte, seguro, courier e outros.

Quanto ao questionamento se *os resultados das exposições são positivos*, a E1 diz que:

Quando os critérios ambientais e de segurança são respeitados, os resultados são sempre positivos, pois permitem uma aproximação maior entre a população e os acervos raros, aos quais normalmente não se tem acesso tão facilmente. No entanto, já tivemos momentos de apreensão durante alguns processos expositivos, pois acidentes acontecem, independente de planejamento (Informação verbal).

Corroborando com a entrevistada, cabe ressaltar que para algumas pessoas, a exposição de obras raras pode ser uma experiência cultural única, que encontra-se na área do turismo, no campo das experiências criativas.

Concernente a pergunta “*É realizado algum tipo de publicidade, propaganda e marketing para a divulgação das exposições, como ocorre?*” a E1 disse que sim, por meio da divulgação em páginas institucionais, mídias sociais, jornais, televisão, etc. Cabe ressaltar que utilizando-se essas técnicas é possível atingir um maior número

de pessoas, obtendo também um melhor desempenho quanto a divulgação de seu acervo raro.

Em relação a pergunta “*Quais as vantagens das exposições, no âmbito do turismo cultural, para os visitantes e para a instituição?*” a E1 afirma que:

É importante que as bibliotecas façam parte do itinerário cultural das cidades, pois são guardiães da identidade dessas comunidades. À medida em que são mais visitadas e procuradas, tornam-se mais visíveis também aos investimentos públicos e privados, o que contribui para a melhoria dos serviços e acervos (Informação verbal).

É relevante afirmar que as obras raras, ao fazerem parte de exposições podem ser encaradas como um monumento, que contem em si o valor de um atrativo cultural. Dessa forma, para o visitante, imbuído de um sentimento histórico, desperto pela curiosidade e até mesmo emoção, a obra rara é um objeto de fascinação, pois quantas pessoas já utilizaram aquela obra e quantas mudaram alguma coisa no mundo em função da mesma, ou mudaram sua vida. Enfim, há uma mística sobre as informações ocultas na obra e até mesmo sobre a sua materialidade.

Conforme a E2, as exposições permitem ao visitante descobrir obras nunca imaginadas por ele. Ainda, a entrevistada cita o exemplo de uma exposição sobre esportes visitada por uma turma de alunos em que um menino ao ser entrevistado disse que nunca imaginou que a BN tivesse obras sobre futebol.

Outro exemplo citado foi uma exposição sobre o inferno, com obras censuradas, proibidas, consideradas nefastas, mas a ênfase era o homo erotismo. O objetivo além de despertar o sentido de pertencimento era mostrar que é possível pesquisar qualquer assunto na BN, de modo retrospectivo.

O fato de um tema se configurar como uma questão social hoje não significa que é uma questão moderna, pode significar que existe uma história documentada impressa por trás daquele tema e que, muitas vezes, o pesquisador desconhece porque está baseado exclusivamente em pesquisas recentes que nem sempre se basearam nesses documentos de modo retrospectivo (Informação verbal).

De acordo com o relato da E2, essa exposição foi uma das mais visitadas e teve bastante mídia, inclusive uma revista de São Paulo publicou uma entrevista sua em que o repórter dizia que as questões homo afetivas não são apenas questões de violência e de balada, e que é possível pesquisar sobre o assunto de modo sério na

BN, buscando depoimento de pessoas que viveram a dois, três séculos atrás. De acordo com a E2, ele compreendeu o âmago da exposição porque há muita coisa a ser pesquisada na BN, qualquer assunto e “[...] a história é um quebra cabeça com muitas pedras faltantes [...]” (Informação verbal). Portanto, as exposições apresentam como vantagem aos visitantes a possibilidade de poderem “vasculhar” sobre uma infinidade de assuntos, em obras que sequer tenham sido pesquisadas e imaginadas que existem, além de despertar o sentimento de pertencimento nos visitantes.

A E2 ainda explica que o conceito de biblioteca ampliou, pode-se dizer então que não mudou, mas incrementou em seu espaço exposições. A biblioteca é um lugar de estudos e ao mesmo tempo visitação, onde a descoberta é prazerosa para muitos pesquisadores. Entretanto, existe certa polêmica no que tange ao espaço visitado, uma vez que alguns usuários sentem-se incomodados pelo olhar do turista, que os vê como parte do cenário exposto. Por exemplo, um turista para e observa o pesquisador de máscara, luva e com um livro antigo nas mãos, como se ele fosse parte de uma vitrine.

De acordo com a E2, nos setores, foi colocado correntes para limitar a visitação até uma determinada área, dessa forma, grupos de turistas param nesse limite e ficam olhando para dentro dos setores, vendo os funcionários mexer no livro, isso porque ele está vendo “o livro vivo, o livro em movimento, o livro sendo manuseado”.

Outro aspecto ponderado pela E2, diz respeito ao bibliotecário na posição de curador, como um indivíduo que cuida, que mostra e salvaguarda o material que está sob seus cuidados, ao contrário do profissional que apenas toma conta de uma biblioteca e entrega livros ao leitor. Para realmente ser curador é preciso ir além da entrega do livro, é preciso zelar, guardar e ao mesmo tempo saber o seu valor, o que ele significa, de que é constituído materialmente: gravuras em metal, água forte ou buril, xilogravura, litogravura. Ainda, saber se o livro é proibido, qual a sua tiragem, entre outras características. Dessa forma, a curadoria pressupõe a guarda da memória e também a sua difusão a toda sociedade, bem como em exposições.

Quando questionado “*Você acredita que as exposições de obras raras e especiais motivam o público a realizar turismo cultural em outras bibliotecas?*”, a E1 afirma que “Sim, pois as pessoas começam a ver as bibliotecas como um centro cultural, onde várias exposições podem conviver com a pesquisa e leitura.”

(Informação verbal). Corroborando com a entrevistada, a biblioteca é um centro multicultural que deve integrar o seu acervo entre as atividades desenvolvidas.

Para a E2, uma exposição que cativa os usuários, que surpreende o visitante e faz com que tenham o desejo de retornar à biblioteca seja para pesquisa ou visitação, “ultrapassa o sentido do turismo cultural, ou na verdade cumpre a missão do turismo cultural, que é um lazer educativo.” (Informação verbal). Portanto, esse ponto de vista corrobora com o objetivo desse trabalho, uma vez que o turismo oportuniza os visitantes em conhecer obras nunca imaginadas por ele, além de estimular a retornar à biblioteca despertando o sentimento de pertencimento e divulgando à toda população o patrimônio que está sob sua guarda.

Além disso, a E2 cita o exemplo de uma exposição realizada na BN em comemoração ao dia das crianças, onde foi exposta uma obra que possuía uma montanha russa encartada. Assim estava dobrada e ao ser aberta ultrapassava o tamanho do livro. Tal obra foi exposta em uma vitrine com uma legenda da história do assunto do livro e foi um sucesso uma vez que as crianças adoraram e surpreenderam-se. Diante disso, tais exposições certamente marcam a memória de uma criança e um dia elas irão lembrar a primeira vez que viram uma obra na BN sobre montanha russa. Além dessa, outra exposição realizada sobre monstros encantou os visitantes, que os reconheciam em filmes que assistiram, o que pressupõe que os cineastas pesquisaram em livros para realizar os filmes. Certamente, exposições como essas marcam profundamente o passeio de um turista, que além de conhecer obras raras, também tem o desejo de pesquisar estimulado através de tais assuntos.

Concernente a pergunta se *a BN possuía algum tipo de souvenir relacionado a obras raras e especiais à venda*, a E1 informou que já tiveram alguns, no entanto não possuía no momento. Além disso, concorda que a venda de souvenir é uma maneira de divulgar e de investir na preservação dessas coleções, tendo em vista que as bibliotecas nem sempre possuem recursos suficientes para a preservação de obras raras e especiais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que esta pesquisa contribui com a área da biblioteconomia e do turismo por refletir e exercitar a possibilidade de que espaços como a BPP possuam uma proposta de turismo cultural que vai além da edificação e características arquitetônicas, como também para inserir os visitantes no mundo das obras raras no intento de incentivar o gosto pela apreciação, pesquisa e divulgação desse patrimônio.

Como aprendizagens construídas a partir desse estudo temos o grande potencial turístico a ser explorado pela BPP, que armazena preciosidades de séculos passados capazes de trazer a lume a identidade local presente em seu acervo. Além disso, as bibliotecas tem a responsabilidade social de promover a aproximação do acervo com a sociedade a qual o pertence, oportunizando-a em conhecer seu patrimônio.

Esse trabalho serviu para nos mostrar o quanto as pessoas desejam conhecer uma obra rara e como tem interesse em conhecê-las. Tal fato legitima a realização de exposições e a aproximação do público com os suportes que guardam a sua história, o seu passado de forma a estimular o sentimento de pertencimento essencial para a memória coletiva e construção do patrimônio. Ainda, essa dissertação apresenta um tema pouco abordado na literatura da biblioteconomia, entretanto fundamental para que as bibliotecas tornem-se espaços cada vez mais democráticos de acesso ao conhecimento de todos, inclusive para pessoas não alfabetizadas. Assim, fortalece a literatura brasileira em patrimônio cultural e biblioteconomia com um viés cultural e turístico em exposições.

Compreende-se que com o passar dos tempos, a instituição bibliotecária ampliou e agregou funções no sentido de salvaguardar e disseminar o conhecimento. Acredita-se que as exposições são uma maneira educativa de oportunizar o público em conhecer obras tão valiosas. Dessa ação decorre o sentido de pertencimento, o estímulo à pesquisa e a conscientização quanto ao valor de uma obra.

Considerando-se que algumas bibliotecas têm uma carência quanto a divulgação de seu acervo raro, esta pesquisa teve como propósito investigar o turismo cultural e discutir como a BPP e outras instituições bibliotecárias podem oportunizar visitantes a apreciar as mais diversas obras consideradas raras e

revelar sua importância como patrimônio cultural. Desta forma, difundir a memória de registros bibliográficos e documentais que estão sob sua custódia.

A BPP, instituição que teve grande relevância na história cultural daquele município é um patrimônio local por seus diversos elementos arquitetônicos, documentais, bibliográficos e históricos que preservam a memória da sociedade. Embora esteja inserida no roteiro turístico cultural da cidade, uma vez que a biblioteca é inventariada e integra o evento “Dia do Patrimônio”, não existem ações diretamente relacionadas em tornar o local um ponto turístico pelo seu patrimônio bibliográfico raro.

Nesse contexto, entendemos que o turismo cultural pode contribuir através de exposições para proporcionar um impacto positivo aos visitantes, às obras expostas e à própria instituição. Quanto aos visitantes, esses são oportunizados em conhecer o patrimônio bibliográfico raro que talvez em outras condições dificilmente tivessem a chance de apreciar. Quanto a obra, essa sofre impactos em seus aspectos materiais e bibliográficos uma vez que para preservar a sua memória é preciso promover o seu acesso o que acarreta interferências externas que mesmo controladas podem afetá-la negativamente. Entretanto, esse é o ônus pago para que ocorra a multiplicação do conhecimento, por isso considera-se que o impacto positivo prevalece sobre o negativo. Quanto a instituição, essa torna-se reconhecida por salvaguardar a obra rara, cumprindo com sua função que pressupõe acesso, preservação, conservação e divulgação da memória à toda sociedade além de ampliar a sua visibilidade.

A educação patrimonial, como técnica centrada na implementação de ações para a valorização do patrimônio cultural é capaz de revelar à sociedade a sua origem histórica e, portanto a sua identidade. Nesse sentido, o turismo imbricado na educação patrimonial pode atuar como um agente promotor do patrimônio cultural no âmbito do acervo de obras raras da BPP. Logo, tal ação, assim como na BN, estimula o sentido de pertencimento e incita o visitante a utilizar outros serviços da instituição como também de outras bibliotecas.

Portanto, considera-se que o turismo cultural permite aos indivíduos conhecer e valorizar o seu patrimônio. Dessa forma, as pessoas compreendem o universo sociocultural em que vivem e em que viveram seus antepassados. Ainda, com a educação patrimonial integrada ao turismo é possível resgatar a memória coletiva e individual das comunidades através do acervo.

O acervo de obras raras da BPP é pouco apresentado a sociedade e, portanto, os turistas que visitam a instituição dificilmente têm a possibilidade de apreciar um livro raro, salvo alunos de escolas em visitas guiadas, uma vez que a instituição não realiza exposições com seu acervo raro e não possui um projeto fixo de sua divulgação. Destaca-se a importância da elaboração de planos para o aproveitamento do espaço para exposições que possibilite aos visitantes apreciar obras e paralelamente o desenvolvimento do turismo de forma sustentável que preserve a memória.

Ao analisar registros sobre o público que frequentava a BPP nos fins do século XIX, quando a instituição surgiu, percebe-se que poucas pessoas dominavam a leitura e recordando Bourdieu, apenas uma pequena parcela da sociedade pelotense possuía os meios para desfrutá-la. Passado mais de um século podemos, hoje, comparar e perceber que tal fato não mudou. Compreende-se que a instituição está a disposição da sociedade, no entanto, os gráficos apontam que o número de pessoas que realizam pesquisas no CDOV é bastante limitado. Essa realidade representa a população local de muitas instituições brasileiras e nos mostra que apesar de abertas, muitas bibliotecas estão interdidas à maioria da população a qual não detém os meios para compreender seus patrimônios.

Os resultados da pesquisa mostram que existe um potencial para o turismo cultural no âmbito do acervo raro. Apesar da instituição não ter vivenciado tal prática, acredita que a integração de profissionais de várias áreas poderia desenvolver um trabalho no sentido de explorar além da obra, o seu contexto, a sua história, entre outros elementos.

Pode-se afirmar que o acervo da BPP tem potencial turístico uma vez que existem materiais bibliográficos raros para serem expostos que trazem em sua materialidade a história de outro tempo. Outro aspecto que legitima a proposta foi o resultado dos questionários que apontam o interesse de todos os visitantes da BPP no Dia do Patrimônio em conhecer uma obra rara.

Além do mais, Pelotas é um município que abriga grandes expoentes literários, destacando-se João Simões Lopes Neto com sua literatura regional e ligação com a BPP. Tendo em vista que existe uma dinâmica cultural tradicional em Pelotas, alicerçada em uma multiplicidade de elementos culturais materiais e imateriais que privilegia o desenvolvimento do turismo literário, poder-se-ia ter início

a partir de exposições sobre o escritor um itinerário associado a sua trajetória de vida.

Entende-se desta forma, que pode ser constituída uma rede integradora e simbólica do acervo patrimonial que representa a cidade, educando-se o olhar dos turistas para a mesma. Cabe salientar ainda que a maior parte das pessoas questionadas sentiu-se inspirada em conhecer os locais citados nas obras lidas, por isso destaca-se obras raras de viajantes que relatam Pelotas em seus diários de viagens.

Concorda-se que a instituição deve antes de expor uma obra como um objeto de arte, tomar todas as medidas para a sua preservação, conservação e segurança. Entretanto, é preciso zelar para que a sua memória não se perca juntamente com a sua materialidade física. Assim, alerta-se para a importância de divulgar a história dos livros que estão sob sua guarda através de exposições, como produtos turísticos e com isso, obterem-se recursos que poderiam ser revertidos para a própria preservação.

Considerando-se que a BPP promove ações culturais e está engajada no reconhecimento e valorização de seu patrimônio pela sociedade, sugere-se que o acervo de livros raros, assim como outros materiais custodiados pela instituição, seja incluído em atividades culturais voltadas à comunidade e turistas, tornando-se assim divulgado, reconhecido e valorizado.

Os gestores da instituição reconhecem a importância do acervo de obras raras como um patrimônio, no entanto, apesar de preocupar-se em manter a sua proteção e preservação encontram dificuldades financeiras para isso. Uma das alternativas viáveis é a parceria com outras instituições como já ocorre e tem dado resultados positivos. No entanto, no que tange a integridade física dos livros raros há uma grande expectativa pela aprovação e concretização de projetos relacionados a salvaguarda, preservação e conservação. Tais acervos necessitam e encontram-se a espera de uma política efetiva de intervenção permanente para que a preservação possa ocorrer tanto na materialidade quanto na memória do acervo.

Uma obra rara exposta requer diversos cuidados, bem como o ambiente externo da vitrine que será exposta. Nesse sentido a BPP pretende através de um projeto que visa a construção de uma sala exclusiva para as obras raras adquirir tais expositores. Ainda, considera-se que a visitação pela comunidade local e turistas à exposições do patrimônio bibliográfico é uma prática cultural que depende de um

conjunto de fatores e instituições como a escola e a própria biblioteca no sentido de proporcionar os meios para tornar possível a apropriação pela comunidade. Assim, é preciso dar acesso e oportunizar que as pessoas criem tal hábito, sendo as exposições um caminho possível para isso.

Propõe-se ainda que a instituição crie souvenirs, como elemento de consumo turístico para complementar a visita e gerar receitas, além de divulgar o acervo. Pode-se citar como exemplo: um cartão vale presente que acompanha uma caixa em formato de lego criada como produto final desse trabalho. Dessa forma, o presenteado poderá montar frases e encontrar trechos de obras que estão disponíveis na biblioteca o que irá instigar a sua imaginação e curiosidade. Assim, o souvenir é uma lembrança simbólica para aflorar a memória e trazer um pouquinho da história das obras a fim de promover os serviços da instituição.

Ademais, com a intensificação do acesso virtual às informações, vídeos disponibilizados por meio de sites e redes sociais da própria instituição podem contribuir para a divulgação da memória da obra citando pequenos trechos sobre a história do livro raro. Tal mecanismo atinge um grande número de pessoas funcionando como forma de promover atividades culturais como exposições. Citamos como exemplo, o vídeo criado como produto deste trabalho que complementa a caixa em forma de lego.

Portanto, souvenirs e vídeos são uma estratégia de marketing e de promoção que ao introduzir produtos entre os visitantes, contribui para a sua maior visibilidade. Os produtos finais criados, caixa lego e vídeo, nessa investigação podem ser introduzidos como forma de implementar a renda da instituição e divulgação do seu patrimônio. A própria inovação em visitas guiadas pode gerar uma mudança no comportamento dos turistas, como o aumento da frequência em bibliotecas, a conscientização e conhecimento do patrimônio cultural que a instituição abriga, desenvolver o gosto por frequentar exposições bibliotecárias.

Esta dissertação teve como escopo investigar as possibilidades e potencialidades das obras raras como atrativo turístico como forma de oportunizar o público potencial em conhecer o patrimônio bibliográfico. Com isso, foi possível uma análise e melhor compreensão dos aspectos positivos e negativos em desenvolver uma nova forma de visitação às bibliotecas, com a finalidade turística, detentoras de acervos raros.

Entretanto, merece ser estudado em pesquisas futuras, o deslocamento de pessoas motivadas exclusivamente por pesquisas em obras raras. Ainda, apesar de ser uma parcela pequena da população e um público específico, pode-se investigar a relevância e contribuição de obras raras para estudos realizados por pesquisadores, o que justificaria a sua preservação e importância.

REFERÊNCIAS:

AMARAL, Sueli Angelica do. **Marketing**: abordagem em unidades de informação. Brasília: Thesaurus, 1998.

AMARAL, Sueli Angelica do. **Promoção**: o marketing visível da informação. Brasília: Jurídica, 2001.

ASCANIO, Alfredo. Perguntas de investigación turística: importancia del diseño del cuestionario. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 107-116, maio, 1999.

BARBIER, Daniel. **Obras raras e turismo cultural no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense**. Entrevista concedida à Márcia Cortes em 6 de novembro de 2015.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 17. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BATISTA, Aline Herbstrith. Estudo, catalogação e análise de obras raras da biblioteca da faculdade de direito da UFPEL, datadas até 1840. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E TRADIÇÃO, 4., 2010, Pelotas. **Anais...** Pelotas, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/225/3/Estudo,%20catalogacao%20e%20analise%20de%20obras%20raras%20da%20Biblioteca%20da%20Faculdade%20de%20Direito%20da%20UFPEL,%20datadas%20ate%201840.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de obras raras. Planor. **Critérios de raridade empregados para a qualificação de obras raras**. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: <<http://arquivo.bn.br/planor/documentos.html>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **La distinción**: criterio y bases sociales del gusto. Madrid: Taurus, c1998.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Edusp, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 05 jan. 2015.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000.** Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro... Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm>. Acesso em: 15 nov. 2014.

BRASIL. **Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965.** Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Câmara dos deputados. Legislação. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-56725-16-agosto-1965-397075-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

BRUSADIN, Leandro Benedini. O turismo e a história sob a ótica do patrimônio cultural: interlocuções entre os campos do saber, práticas e representações. In: CHUVA, M.; NOGUEIRA, A.G.R. **Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil.** Rio de Janeiro, RJ: Mauad X: Faperj, 2012.

CALABRE, Lia. Política cultural no Brasil: um histórico. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 1., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2005. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecul2005/LiaCalabre.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

CALABRE, Lia. Políticas culturais no Brasil: balanço e perspectivas. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 3., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <http://www.guiacultural.unicamp.br/sites/default/files/calabre_l_politicas_culturais_no_brasil_balanco_e_perspectivas.pdf> Acesso em: 03 mar. 2015.

CAMARGO, Haroldo Leitão. Fundamentos multidisciplinares do turismo: história. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (org.). **Turismo: como aprender, como ensinar 1.** São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural.** São Paulo: Aleph, 2002.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 95-115, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia; MANTECÓN, Ana Rosas. Políticas culturales y consumo cultural urbano. In: _____ (coord.). **La antropología urbana em México.** [S.l.: Universidad Autónoma Metropolitana], 2005. p. 168-195. Disponível em: <<https://ceas.files.wordpress.com/2007/03/cons-cult-arm-ngc1.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade; NAPPI, Sérgio Castello Branco. Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo. **Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 2, p. 46-60, jul./dez. 2009.

CARVALHO, Simone Marcela Souza de; LUINDIA, Luiza Azevedo Elayne; AGUIAR, Lileane Praia Portela de. O desafio da educação patrimonial arqueológica como base para uma consciência cultural e turística. **Revista Eletrônica Aboré**, Manaus, n. 5, p. 68-81, dez. 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CASTRO, Caroline et al. A influencia das políticas públicas para proteção do patrimônio no desenvolvimento do turismo sustentável. **Revista Itinerarium**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-20, 2009.

CASTRO, Claudiana y. A importância da educação patrimonial para o desenvolvimento do turismo cultural. **P@rtes**, São Paulo, 2006. ISSN: 1678-8419. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/turismo/turismocultural.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

CHEVALLIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella**: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX. Pelotas: Livraria Mundial, 2002.

CHIAPPINI, Lúgia. Simões Lopes Neto, um poeta da imensidão. **Nonada Letras em Revista**, Porto Alegre, ano 15, n. 19, p. 97-108, 2012.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação liberdade: UNESP, 2001.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Dispõe sobre Código do Ética do Conselho Federal de Biblioteconomia. **Resolução CFB n.º 42 de 11 de janeiro de 2002**. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Resolucao/Resolucao_042-02.pdf> Acesso em: 17 nov. 2014.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Iluminuras, 2012.

CORREA, A. **Ciudades, turismo y cultura**. Buenos Aires: La Crujía, 2010.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural**: interpretação e qualificação. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. **A formação do sistema literário de pelotas**: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

DIAS, Guilherme; SOARES, André Luis R. Educação patrimonial e educação popular: um viés possível. In: **Educação patrimonial**: teoria e prática. Santa Maria: UFSM, 2008. p. 65-78.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS. Palimpsesto [on-line]. Edição 1.4 (jan 2016). Disponível em: <<http://dicionariportugues.org/pt/palimpsesto>>. Acesso em: 5 jan. 2016.

DUARTE, André Luis Bertelli. Cultura popular na idade média e no renascimento: revisitando um clássico. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 5, n. 2, p. 1-7, maio/abr./jun. 2008.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Muito antes do SPHAN: a política de patrimônio histórico no Brasil (1838-1937). In: **Seminário Internacional Políticas Culturais: teoria e práxis**. 2010. Disponível em: <<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/18-JOS%C3%89-RICARDO-ORI%C3%81-FERNANDES.1.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2014.

FERNANDES, Maria José. **Exposições de obras raras e turismo na Biblioteca Nacional**. Entrevista concedida à Márcia Cortes em 13 de outubro de 2015.

FERNANDES, Tácius. **A Revolução Francesa: contexto político, social e econômico**. 2012. Disponível em: <http://proftaciusfernandes.files.wordpress.com/2012/01/revolucao_francesa.pdf>. Acesso em: 1 out. 2014.

FERREIRA, Gonçalo Costa. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 16, n. 3, p. 208- 231, jul./set. 2011.

FERREIRA, Maria Cristina Telles. Os conceitos de marketing em bibliotecas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. ½, p. 26-40, jan./jun. 1993.

FISCHER. Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

FROES, Rosana Carla. **Obras raras no Brasil: estudos dos critérios de raridade bibliográfica, tratamento técnico e preservação das coleções**. 1995. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 1995.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; MACEDO, Edison Ferreira de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Práticas infoculturais em bibliotecas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.25, n.2, p. 29-38, maio/ago. 2015.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 458 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

GONÇALVES, Renata Braz. **Livros e leitura na cidade de Pelotas-RS no final do século XIX**: um estudo através dos jornais pelotenses (1875-1900). 2010. 236 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

GONZALEZ RÍOS, M. J. **Metodología de la investigación social**: técnicas de recolección de datos. Alicante, España: 1997.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

HENRIQUES, Cláudia; HENRIQUES Laura. Turismo Literário em cidades da periferia europeia: o caso de Lisboa e Dublin. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO NO MERCOSUL, 6., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.uces.br/ucs/tplV/SeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/qt02/arquivos/02/Turismo%20Literario%20em%20cidades%20da%20periferia%20eu ropeia.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2014.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, [1999].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Biblioteca. 1872. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=225477>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Rio Grande do Sul. Pelotas. 2015. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431440>>. Acesso em: 1 jan. 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Nacional Pró-Memória, 1980.

JAHN, Heloisa; FERLAUTO, Claudio. **A gráfica do livro, o livro da gráfica**. 3. ed. São Paulo: Rosari, 2001.

KAMA, Ana Flávia Lucas de Faria. **Análise de critérios e requisitos para o acesso a obras raras em bibliotecas digitais**. 2010. 63 f. Monografia (Graduação em

Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin L. **Administração de marketing**. 14. ed. São Paulo: Pearson, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEITE, Edson. **Turismo cultural e patrimônio imaterial no Brasil**. São Paulo: Intercom, 2011.

LIMA, Sergio Romeu Vianna da Cruz. **Bibliotheca Pública Pelotense: história**. [200?]. Disponível em: <<http://www.bibliotheca.org.br/historia/>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

LIPPI OLIVEIRA, L. **Cultura é patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2008.

LITTON, Gaston. **O livro e sua história: edição brasileira revista e adaptada**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena Almeida; SCHEER, Micaela Irene. Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas, 1870-1880. **História, ciências, saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, supl., p. 133-152, dez. 2012.

LOPES, Tamar de Carvalho R.; PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. 2014. 34 f. **O livro raro exposto: questões de difusão e preservação**. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MACEDO, Thiago Silva. **O livro, como suporte da escrita: evolução e tendências**. 2011. 57 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2011.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Pelotas: toda prosa**. Pelotas: Armazém Literário, 2002. 2 v.

MARULO, Artur Manuel. **Turismo e meio ambiente: uma análise do ecoturismo e sua contribuição sócio-ambiental no distrito de Matutuine: caso da reserva especial de Maputo – Moçambique**. 2012. 124 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

McMURTRIE, Douglas. **O livro: impressão e fabrico**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

MENESES, José Newton Coelho. **História & turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MONQUELAT, A. F; PINTO, G. **Pelotas no tempo dos chafarizes**. Pelotas: Ed. Livraria Mundial, 2012.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MURGUIA, Eduardo Ismael; YASSUDA, Sílvia Nathaly. Patrimônio histórico-cultural: critérios para tombamento de bibliotecas pelo IPHAN. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 3, p. 65-82, set./dez. 2007.

VASCONCELOS, Farias, ENY, Kleyde. A construção de atrativos turísticos com a comunidade. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. (Orgs.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 59-74.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-29, 1993. Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar

OLIVEIRA, Sitas Marques de. Marketing e sua aplicação em bibliotecas: uma abordagem preliminar. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 137-47, jul./dez. 1985.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PESAVENTO, Sandra. Jatahy, **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra. Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Sobre olhar, ver e tocar o livro raro. **Revista Museu: cultura levada a sério**, maio, 2014. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/joomla/index.php/component/content/article/9-area-de-servicos/artigos/90-sobre-olhar-ver-e-tocar-o-livro-raro>>. Acesso em: 17 set. 2015.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Livro raro e sustentável. **Revista Museu: cultura levada a sério**, maio, 2015. Disponível em: <<http://69.16.233.73/~revistamuseucom/18-de-maio/index.php/13-livro-raro-e-sustentavel>>. Acesso em: 15 out. 2015.

PINHEIRO, Ana Virgínia. **Exposições de obras raras e turismo na Biblioteca Nacional**. Entrevista concedida à Márcia Cortes em 13 de outubro de 2015.

REBOUÇAS, Fernando. Turismo literário, 2014. Agenda pesquisa. Disponível em: <<http://agendapesquisa.com.br/turismo-literario/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

RIBEIRO, Marcelo; SANTOS, Eurico. Turismo cultural como forma de educação patrimonial para as comunidades locais. **Revista Intinerarium**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-12, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-rio-grandense, **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 10, n.1, p. 68-83, jan./jun. 2014.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p.115-121, jan./abr. 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: Edufba, 2007.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais no Brasil: passado e presente. In: _____ ; ROCHA, Renata (orgs.). **Políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 29-48.

SALVADOR, Denise; BAPTISTA, Maria Manuel. **Turismo cultural e origens de um povo: uma rota turística literária para a cidade de Fortaleza**, baseada na obra "Iracema", de José de Alencar. [2011]. Disponível em: <<http://estudosculturais.com/congressos/europe-nations/pdf/0167.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

SANT' ANA, Rizio Bruno. Critérios para a definição de obras raras. **Revista OnLine Bibl. Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-18, jun. 2001.

SANTANA TALAVERA, Agustin. **Antropología y turismo**. Nuevas hordas, viejas culturas? Barcelona: Ariel Antropología, 1997.

SANTOS, Adalberto S. Patrimônio e memória: da imposição de identidades à potencialização de atos coletivos. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; ROCHA, Renata (orgs.). **Políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 67-88

SETTON, Maria da Graça. A moda como prática cultural em Pierre Boudieu. **IARA: Revista de moda, cultura e arte**, São Paulo, v.1, n.1, p. 119-141, abr./ago. 2008.

SEVERO, Cristine Zirbes. A dialética e o entre-lugar em contos gauchescos, de Simões Lopes Neto. **RevLet: Revista Virtual de Letras**, Goiás, v. 5, n. 2, p. 142-153, ago./dez, 2013.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Biblioteca e estudos de comunidade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 151-154, jul./dez. 1989.

SILVA, Milena Celere de Sousa e. Marketing em bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SNBU, 2008. p. 1-16

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (org.). **Esteja a gosto!:** viajando pela costa do cacau em literatura e fotografia. Ilhéus: Editus, 2007. 159 p.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (org.). **Identidade cultural e expressões regionais**: estudos sobre literatura, cultura e turismo. Ilhéus: UESC, 2006.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado**. 2002. Disponível em: <<http://www.uesc.br/icer/artigos/tica4deleitoraturista.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Identidade cultural e turismo: a literatura como agenciadora de trânsitos e possível elemento de sustentabilidade. In: CRUZ; CAMARGO (orgs). **Turismo cultural**: estratégias, sustentabilidade e tendências. Ilhéus: Editus, 2009. p. 49-68.

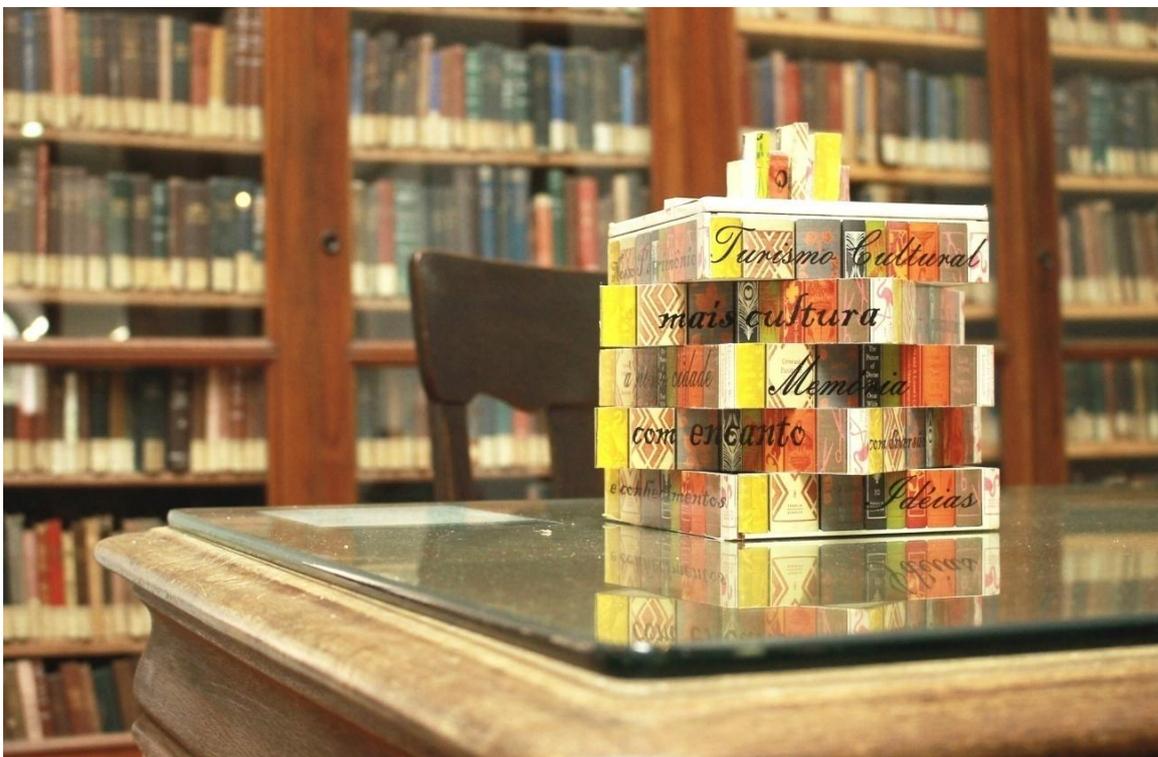
TOSIC, Violeta; LAZAREVIC, Sanja. The role of libraries in the development to of cultural tourism with special emphasis to the Bibliotheca Alexandrina in Egypt. **UTMS Journal of Economics**, v. 1, n. 2, p. 107-114, 2010.

URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: SESC, 1996.

VIAGEM EM PAUTA: experiências inusitadas em destinos conhecidos. 2016. Disponível em: <<http://viagemempauta.com.br/2016/02/29/rota-dedicada-a-dom-quixote/>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

VISITLONDON.COM. Sherlock Holmes Museum. [200-?]. Disponível em: <<http://www.visitlondon.com/things-to-do/place/48930-sherlock-holmes-museum>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

APÊNDICE A – PRODUTO FINAL: CAIXA DE MADEIRA EM FORMATO DE LEGO



Fonte: Autora (2016).



Fonte: Autora (2016).

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS VISITANTES DA BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE NO DIA DO PATRIMÔNIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - RS MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa de Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria/RS-Brasil a fim de coletarem-se dados. A seguir serão apresentados alguns conceitos básicos visando o pleno entendimento das perguntas do questionário.

O conceito de obra rara está mais ligado a livros, mas pode incluir também periódicos, mapas, folhas volantes, cartões-postais e outros materiais impressos. Nesse trabalho, as obras raras abordadas serão apenas livros e periódicos. O que caracteriza um exemplar raro são detalhes técnicos bibliográficos que dão à obra sua preciosidade tanto na forma quanto no conteúdo, tais como: exemplares únicos, inéditos, com encadernação de luxo ou autógrafo de uma celebridade, impressões com modo de produção artesanal, entre outros. Tais obras necessitam de cuidados especiais e normalmente são guardados em um espaço separado em bibliotecas.

O patrimônio cultural compreende bens de natureza material e imaterial que são referência para identidade e constituem a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

O conceito de turismo consiste no deslocamento humano de um local para outro diferente do qual o indivíduo reside, e independente do motivo que leva ao seu movimento. A partir dessas considerações, por favor, responda as perguntas do questionário abaixo, optando por apenas **uma alternativa**:

1. Qual o município que você reside?

.....

2. Você já visitou alguma biblioteca, além dessa, com intuito de fazer turismo?

() Sim () Não

Se sim, por qual dos motivos abaixo?

() Pela arquitetura

() Pela exposição de obras raras

- () Em razão do conjunto: patrimônio bibliográfico, documental e arquitetônico
- () Eventos culturais (recitais de poesia, recitais de música, dança, teatro, exposições de arte, etc.

Outros:.....

3. Você sabe se existem obras raras na BPP?

- () Não, não sei se existe
- () Sim, sei que existe, mas não conheço exemplares desse acervo
- () Sim, sei que existe e conheço exemplares desse acervo

4. Você conhece uma obra rara (livros e/ou periódicos)?

- () Sim () Não

Se você não conhece, gostaria de conhecer?

- () Sim () Não

5. Você considera o acervo de obras raras de uma biblioteca um patrimônio cultural?

- () Sim () Não

6. O que levaria você a praticar turismo em uma biblioteca?

- () Exposições de obras raras, como livros e/ou periódicos
- () A arquitetura da edificação
- () O conjunto formado pelo patrimônio bibliográfico, documental e arquitetônico
- () Eventos culturais (recitais de poesia, recitais de música, dança, teatro, exposições de arte, etc.

Outros:.....

7. A literatura incentiva você a viajar aos ambientes que inspiraram a criação de livros e aos locais onde nasceram e viveram autores?

- () Sim () Não

8. Qual o seu nível de escolaridade?

- Não alfabetizado
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior - Graduação
- Ensino superior – Especialização
- Ensino superior – Mestrado
- Ensino superior – Doutorado
- Ensino superior – Pós-Doutorado

9. Qual a sua faixa etária?

- Entre 11 e 20 anos
- Entre 21 e 30 anos
- Entre 31 e 40 anos
- Entre 41 e 50 anos
- Entre 51 e 60 anos
- Entre 61 e 70 anos
- Acima de 71 anos

Observações sobre o questionário:

.....

.....

.....

.....

Obrigada pela sua participação!

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM HISTORIADOR DA BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE

1. A BPP faz parte dos bens inventariados pelo município, portanto é um patrimônio cultural da cidade. Qual a relevância em se preservar o acervo de obras raras e especiais para as futuras gerações?
2. Como a instituição valoriza suas coleções e evidencia o patrimônio cultural de obras raras e especiais para a sociedade?
3. A biblioteca realiza exposições com o setor de obras raras e especiais? Se sim, quais materiais fazem parte dessas exposições?
4. O acervo de obras raras e especiais atrai visitantes e turistas? Em sua opinião, este acervo tem potencial turístico?
5. A instituição tem uma política de divulgação do acervo raro e especial?
6. A instituição realiza ações de educação patrimonial com o público?
7. Enquanto administrador deste importante patrimônio cultural que é a Bibliotheca Pública de Pelotas, que ações têm desenvolvido para aproximar os turistas e a própria população pelotense do acervo de obras raras e especiais?
8. A instituição já chegou a desenvolver projetos com outras instituições públicas e privadas do município, incluindo aí, escolares e não-escolares para fomentar o interesse pela apreciação de obras raras? Quais foram os resultados?
9. Considerando que as bibliotecas públicas tem a função de atender todo e qualquer cidadão, inclusive o público não alfabetizado e semialfabetizado, quais estratégias a instituição utiliza para atraí-los sem tornar-se um ambiente hostil diante de tantas obras?

10. A Biblioteca Nacional disponibiliza um catálogo on-line, onde as instituições interessadas podem cadastrar obras raras e especiais, ampliando a visibilidade sobre o acervo e a instituição. A BPP teria interesse em inserir seu acervo raro e especial nesse catálogo?

11. A instituição encontra algum tipo de dificuldade para manter a preservação de seu acervo raro e especial?

12. Você acredita que a venda de souvenirs que lembrem obras raras e especiais, poderiam publicizar esse acervo além de trazer recursos para a própria preservação desse acervo?

13. A instituição possui políticas de preservação e conservação de suas obras raras e especiais?

14. Você acredita que o acervo de obras raras e especiais da BPP, poderia ser exposto como um produto turístico e com isso contribuir para preservação de sua memória e ampliar sua visibilidade?

15. Considerando-se que muitos leitores, sentem-se motivados a viajar aos ambientes que inspiraram a criação de livros e aos locais onde nasceram e viveram autores, a obra de João Simões Lopes Neto pode inspirar a vinda dos mesmos a Pelotas. Por isso, a BPP utiliza ou poderia utilizar a obra desse autor como um produto turístico?

16. Os pontos turísticos de Pelotas compõe um patrimônio histórico cultural valioso, e muitos deles são mencionados nas obras do acervo da Biblioteca Pública de Pelotas. Diante disso, já foi desenvolvido algum projeto para estimular a população local a ler as obras de escritores e viajantes que citaram Pelotas em suas obras, como por exemplo, João Simões Lopes Neto e Auguste de Saint-Hilaire?

17. A obra rara, enquanto objeto, pode ser apreciada como um patrimônio, por turistas. Você concorda com essa afirmação?

18. Você acredita que exposições de obras raras e especiais são capazes de instigar a curiosidade de usuários e turistas motivando-os a visitar outras bibliotecas e a região?

19. Sabendo-se que no Brasil, muitas pessoas nunca foram até uma biblioteca, você acredita que atividades culturais que integram exposições, podem atrair o público em potencial, que nunca esteve em uma biblioteca?

20. A biblioteca preocupa-se em preservar a memória de seu acervo com a digitalização. Quais materiais estão sendo digitalizados?

Obrigada pela sua participação!

APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A COORDENADORA DE ACERVO ESPECIAL (E1) E A CHEFE DA DIVISÃO DE OBRAS RARAS DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

1. Essa importante instituição realiza diversas ações quanto a divulgação de seu acervo. Você poderia citar e explicar algumas dessas ações que poderiam servir de exemplo e modelo a outras instituições no sentido de que elas possam divulgar seus acervos de obras raras e especiais:

2. A Biblioteca Nacional disponibiliza um Catálogo *on-line*, onde as instituições nacionais podem cadastrar seus acervos raros e valiosos. Quais os benefícios gerados às instituições que cadastram seus acervos nesse catálogo?

3. A Biblioteca Nacional promove ações de educação patrimonial com o público, de que forma?

4. Considerando que as bibliotecas públicas tem a função de atender todo e qualquer cidadão, inclusive o público não alfabetizado e semialfabetizado, quais estratégias essa instituição utiliza para atraí-los sem tornar-se um ambiente hostil diante de tantas obras?

5. Existe um plano de conscientização da Biblioteca Nacional sobre as obras raras e especiais de outras instituições para que a memória nacional não se perca?

6. Qual a importância em se preservar o acervo de obras raras e especiais para sociedade?

7. As pessoas demonstram interesse em conhecer obras raras e especiais quando vem à Biblioteca Nacional?

8. A obra rara, enquanto objeto, pode ser apreciada como um patrimônio, por turistas. Você concorda com essa afirmação?

9. A digitalização é um mecanismo de salvaguarda, ao mesmo tempo em que preserva, contribui para a disseminação do conhecimento. Você acredita que visualizar uma obra rara digitalizada causa a mesma emoção que visualizá-la ao vivo?

10. Você acredita que exposições de obras raras e especiais ampliam a visibilidade sobre este tipo de acervo oportunizando a sociedade em conhecê-lo, e como consequência valoriza-o, preserva a memória e instiga novos conhecimentos no público visitante?

11. A Biblioteca Nacional realiza exposições internas e externas de coleções raras e especiais, como elas ocorrem?

12. Quais os cuidados necessários que se deve tomar ao realizar-se uma exposição com obras raras e especiais, quanto a luminosidade, vitrine, armazenamento e transporte?

13. Os resultados das exposições são positivos, quais são?

14. É realizado algum tipo de publicidade, propaganda e marketing para a divulgação das exposições, como ocorre?

15. Quais as vantagens das exposições, no âmbito do turismo cultural, para os visitantes e para a instituição?

16. Você acredita que as exposições de obras raras e especiais motivam o público a realizar turismo cultural em outras bibliotecas?

17. A Biblioteca Nacional possui algum tipo de souvenir relacionado a obras raras e especiais para venda ao público?

Obrigada pela sua participação!

ANEXO A – TÉCNICAS OBSERVADAS EM EXPOSIÇÕES NA BN

POR ANA VIRGÍNIA PINHEIRO A PARTIR DE DUAS EXPOSIÇÕES MONTADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL, “AO PIO LEITOR... A VIRTUDE: PAZ! MOSTRA SOBRE A VIRTUDE DA MANSIDÃO” E “LIVROS EXTRAORDINÁRIOS!”.

Material extraído na íntegra da monografia de Tamar de Carvalho Lopes (2014, p. 28-30).

A observação simples dessas exposições não envolveu estudos de público nem pretendeu a descrição de comportamentos observáveis; mas, sim, o relatório de modos e técnicas visíveis nas exposições montadas.

Os dados observados foram submetidos e confirmados pela bibliotecária Ana Virginia Pinheiro, chefe daquela Divisão, responsável pela montagem e curadoria das exposições. Assim, foram observados e confirmados os seguintes aspectos:

- As exposições na Divisão de Obras Raras são de baixos recursos, limitando-se ao conteúdo das vitrines, sem o uso de recursos físicos de divulgação e sinalização, tais como banners, folders para distribuição;

As exposições são, sempre, de pequeno porte, limitando-se ao máximo de 25 livros, higienizados e expostos em sete vitrines: duas pequenas e cinco grandes;

- Cada exposição tem duração média de 45 a 70 dias, incluindo eventuais prorrogações;

- As vitrines têm base de madeira, e a parte superior (tampo) em vidro, forrado com plástico fólmico, que reduz a incidência de luz no seu interior; têm altura total de um metro, com profundidade de cinquenta centímetros e largura em dois tamanhos – cinquenta centímetros e um metro e quarenta centímetros. Essa estrutura possibilita a observação do livro exposto através do tampo e de faces laterais;

- As vitrines são chaveadas e as chaves são individuais;

- O fundo das vitrines tem uma base de papelão, forrado em tecido;

- Os livros são expostos apoiados em pequenos sacos feitos do mesmo tecido e cor do forro, recheados de pedras de aquário (que suportam o peso do livro, sem o risco da presença de outros materiais orgânicos que pudessem migrar ou contaminar os livros);

- Junto aos livros expostos são colocados objetos complementares (materiais e instrumentos de escrita antigos) que decoram as vitrines e que são ali colocados

“para ambientar o livro, como se o livro estivesse apoiado numa mesa de escritório, num momento de leitura”;

- Cada livro, na vitrine, é identificado por um verbete que inclui a referência bibliográfica e algumas notas, em linguagem coloquial, que remetem à história do livro, favorecendo a apreensão dos conteúdos selecionados – “embora esta dependa, evidentemente, da bagagem cultural do visitante”.

- Os livros são expostos abertos – exceto se forem mostradas as encadernações – em páginas comumente com informações imagéticas;

- Os defeitos verificados nos livros expostos, provenientes da ação do tempo, do desgaste natural dos suportes ou da ação de bicho, são minimizados ou ocultados por fitas, marcadores de páginas e outros recursos – a ocultação se deve ao fato de que “nem sempre o visitante percebe que esses defeitos decorrem da ação do tempo ou de circunstâncias passadas, podendo atribuí-los à negligência do bibliotecário de hoje”;

- A abertura de cada exposição é condicionada à liberação, por técnico da área de preservação, após avaliação das condições de exposição e de que, cumprido o tempo de exposição, os livros não apresentarão danos decorrentes desse procedimento;

- As exposições objetivam “a difusão do livro raro da Biblioteca Nacional não só junto aos usuários que a frequentam, mas, principalmente, junto ao leigo (aquele que não é pesquisador do acervo) e a usuários potenciais (aqueles que podem ser ou que virão a ser pesquisadores do acervo), incentivando o sentido de pertencimento da biblioteca, como um bem da nação” (informação verbal)¹⁷.

¹⁷ Informação verbal fornecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro à Tamar Lopes, em 30/04/2014.